



Pisa en España

Eng.º Vico - San Juan de los Rios

ENSAIO DE ANTHROPOLOGIA

REGIÃO E RAÇAS

SELVAGENS

DO BRASIL

MEMORIA ONDE SE ESTUDA O HOMEM INDIGENA

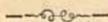
DEBAIXO DO PONTO DE VISTA PHYSICO E MORAL, E COMO ELEMENTO DE
RIQUESA, E AUXILIAR PARA ACCLIMATAÇÃO DO BRANCO

NOS CLIMAS INTERTROPICAES

PELO

DR. COUTO DE MAGALHÃES

Relator da comissão de Ethnographia do Instituto Historico e Geographico do Brasil; director do serviço de catechese do valle do Araguaya; ex-presidente das provincias em que existe maior população selvagem, Goyaz, Pará e Mato-Grosso; proprietario de linhas de navegação a vapor em regiões onde existem actualmente numerosas nações indigenas e um dos brasileiros que mais tem viajado pelo interior do Imperio.



RIO DE JANEIRO

TYP. DE PINHEIRO & C. RUA SETE DE SETEMBRO N. 159

—
1874

V
980.44
M 188
EJA
1874

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 1803

do ano de 1974



REGIÃO E RAÇAS SELVAGENS

I

O GRANDE SERTÃO INTERIOR

A região dos selvagens. Diversos roteiros para ir da foz do Rio da Prata á do Amazonas pelo interior. A região do Prata. A região do divisor das aguas. A região do Amazonas.

As sciencias positivas exigem antes de tudo um laboratorio.

A anthropologia está n'esse caso.

Mas o laboratorio e museu em que temos por ora de estudar as raças selvagens da nossa terra são os nossos sertões, isto é : um laboratorio ou museu que abrange uma área de muitas mil leguas quadradas.

Seja-me licito pois, antes de entrar na parte especial d'esta memoria em que estudo o homem selvagem do Brasil, dar ao leitor uma idéa succinta dos meios que temos de penetrar na parte mais escusa e invia d'esse grande museu de historia natural chamado o interior do Brasil, assim como dizer brevemente o que é essa região.

A grande região occupada hoje pelos selvagens é o *plateau* ou *araxá* central do Brasil, e especialmente a parte comprehendida entre as terras altas que dividem as bacias do Prata da do Amazonas ao sul, o Araguaya a leste, o Amazonas ao norte, e o Madeira ao poente.

(*) Extrahido da *Revista do Inst. Hist.* trim. de 8b.^o a 10b.^o de 1874.

N'essa região, por assim dizer virgem, existe uma população indigena que alguns avaliam em dois milhões de habitantes, que outros pretendem que não excede a quatrocentos mil, mas que em todo caso é consideravel. Essa região, que só por si daria um reino maior do que a França, é quasi inteiramente desconhecida dos brasileiros, e dos homens civilisados. A busina do selvagem ou seus cantos de amor e gritos de guerra são quasi os unicos sons que por ora tem repercutido os echos d'esse vasto paiz.

Se o leitor tiver paciencia para acompanhar-me, ficará tendo um juizo de como se transpõe esse reino dos selvagens, que eu tenho viajado mais d'uma vez, ora correndo grandes perigos, devendo a vida a meu rewolver ou a meus braços, mas onde tantas vezes senti o ineffavel goso de me ver a sós com Deus e com a natureza.

Uma das mais curiosas viagens geographicas que se pôde fazer pelo interior do Brasil, ou melhor diremos, pelo interior da America do Sul, será aquella em que, penetrando pelo golfão do Prata, se vá sahir na foz do Amazonas, ou vice-versa.

Uma viagem d'essas, aqui ha alguns annos atrás, seria reputada temeraria, alguma cousa de semelhante ás viagens de LIVINGSTONE para descobrir as fontes do Nilo.

Hoje, porém, si é ainda trabalhosa e arriscada deixou de ser temeraria, ao menos em certas direcções.

Eu a tenho feito diversas vezes: na primeira, segui ao norte de Minas até a Diamantina, atravessei os valles dos rios Jequitinhonha, das Velhas, Paraopeba, S. Francisco, Paranahyba, Corumbá, dobrei o divisor das aguas no lugar denominado Bom Jardim, atravessei as cabeceiras do Tocantins, e descendo pelos rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, cheguei ao Pará em 1864.

Outra vez subi do Pará pelo Araguaya e Tocantins, segui

pelo divisor das aguas em rumo de L. a O. até Cuyabá, descí por esse rio, pelos S. Lourenço, Paraguay, Paraná, Rio da Prata até Montevidéo. Tenho feito outras viagens entrando por S. Paulo e Minas, e representam ellas, entre idas e vindas, a somma de 4,500 leguas viajadas pelo interior, e todas tocando na região de que acima fallei. N'essas viagens tenho adquirido alguns conhecimentos geographicos e topographicos que me não parecem totalmente destituídos de interesse, sobretudo pelo que respeita á região do divisor das aguas, cuja estrada, sendo de recente data, ainda não deu passagem a nenhum geographo que descrevesse esse immenso paiz, que na latitude sul de 15° a 16°, divide as duas maiores bacias fluviaes do mundo.

DIVERSOS ROTEIROS.

Comecemos por dar uma noticia dos diversos roteiros que seguiram nossos maiores para penetrar d'uma bacia na outra, tomando em consideração sómente aquelles que podem servir a navegação á vapor. Subindo de Montevidéo pelos rios da Prata, Paraná e Paraguay, quem quizer ir ao Amazonas tem cinco grandes roteiros a seguir, cada qual mais curioso.

1.º—Seguir pelo Rio da Prata, Paraná e Paraguay acima até a foz do Jaurú, subir este até o antigo registró, ponto onde termina a sua navegação, tomar a estrada de terra que com 20 leguas traspassa o divisor das aguas, embarcar de novo no Guaporé, abaixo da ponte na estrada que vai de Villa-Boa de Matto-Grosso para Casalvasco e departamento boliviano de S. Cruz de la Sierra, e descer o Guaporé até sua junção com o Amazonas.

Hoje esse caminho fluvial é obstruído por 70 leguas de rapidos e cachoeiras que medeiam entre a ultima de

cima, denominada Guajará-mirim, e a ultima debaixo, conhecida sob o nome de Santo Antonio.

Dentro em pouco, porém, a locomotiva, seguindo pela corda do arco descripto pelo Madeira, transporá a região das cachoeiras, fazendo-se á vapor o caminho terrestre, que fica reduzido a 50 leguas, ligando perpetuamente os interesses d'aquella republica aos nossos, e garantindo-se a paz que nossos vizinhos não quererão mais perturbar.

N'esses sertões encontram-se dois grandes vestigios da actividade de nossos maiores : um é a fortaleza de Coimbra na fronteira da costa do rio Paraguay com a Bolivia pouco acima da Bahia Negra ; a artilharia d'esse forte, que não podia subir pelo Rio da Prata porque o governo hespanhol não consentiria, veio pelo Madeira, foi varada por terra do Guaporé para o Jaurú, e d'ahi desceu até o forte. Conheci ainda, já muito avançado em annos, um piloto que serviu nos barcos que a transportaram, sendo então de 15 annos de idade ; esse homem, chamado JOÃO ANTONIO, residente no meio do sertão de Cuyabá, no lugar denominado Sangrador Grande, narrou-me mais d'uma vez as peripecias d'essas viagens em que gastavam um anno, lutando com os indios, com as cachoeiras, com a terrivel peste denominada maculo, e quasi sempre com a fome. O outro vestigio da actividade de nossos maiores n'esses sertões é o gigantesco forte do Principe da Beira, situado na margem direita do Madeira defronte á missão jesuita hespanhola de Moxos.

Calcúlo que as distancias a percorrer segundo este roteiro sejam de 1,450 leguas, a saber : 730 de Montevideó ao registro do Jaurú ; 20 por terra, do registro a ponte do Guaporé, dobrando ahi o divisor das aguas ; 700 da ponte do Guaporé á foz do Madeira.

As viagens que de Matto-Grosso se faziam para o Amazonas estão hoje totalmente abandonadas, devido a maior facili-

dade que se encontra em outras communições, supprindo-se os habitantes de Villa Bella dos generos de que necessitam em Cuyabá.

2.º— O segundo roteiro seria deixar o Paraguay á esquerda, subir S. Lourenço e Cuyabá, até a cidade d'este nome, seguir 30 leguas por terra até a villa do Diamantino, ponto esse em que se dobra o divisor das aguas, com 8 leguas ir ao porto do Rio Negro que serve a essa villa, e por elle abaixo, Jururema e Tapajós, ir á cidade de Santarém no Amazonas, junto á foz do mesmo Tapajós n'aquelle rio. Durante a guerra do Paraguay esta navegação tomou algum incremento, e ainda hoje se a faz especialmente para supprir-se a população de Cuyabá com guaraná, genero de que fazem um grande commercio na provincia, e que só o podem haver dos indios *Mauex* que o fabricam no Pará. Estimo a distancia a percorrer por este roteiro em 1,428 leguas, a saber: 700 de Montevideo á Cuyabá; 30 de Cuyabá ao Diamantino, 8 do Diamantino ao porto do Rio Negro, e 400 por elle, Juruema e Tapajós até Santarém. Como é sabido, o Arinos, como o Madeira e em geral todos os grandes confluentes do Amazonas que descem do *plateau* de Matto-Grosso e Goyaz, venceu uma zona encachoeirada de cerca de 70 leguas. A mais famosa das cachoeiras do Arinos é o Salto Augusto, para transpôr o qual é necessario varar as canôas por terra. Do porto do Rio Negro a Itaytubá os viajantes de Cuyabá gastam de 18 a 20 dias na descida, e 3 a 5 mezes na subida, sendo auxiliados nas cachoeiras pelos indios *Apiacds*, tribu pertencente á familia *tupi*, de excellente indole, e amiga do trabalho, que fornece aos viajantes boa parte de mantimento que usam na viagem ajustando-se como pescadores e caçadores.

3.º— O terceiro roteiro, que foi apenas explorado pelos antigos, e que se não pôde bem comprehender olhando para

nossos mappas, porque o curso do rio que serve de intermediario entre as duas bacias (rio Manso) está errado, visto que o fazem confluyente do Cuyabá, quando elle pertence ao opposto systema do Amazonas, facto este que eu verifiquei por mim mesmo como direi adiante; o terceiro roteiro dizemos, consistiria em tomar por ponto de partida o mesmo Cuyabá, seguir 20 leguas a este até o rio Manso, que não é outra cousa senão o mesmo que entra no Araguaya com o nome de Rio das Mortes, descer por elle abaixo até o Araguaya, e por este e pelo Tocantins ir ao Pará; a distancia de Montevidéo ao Amazonas por este roteiro eu a calculo em 1,270 leguas, a saber: 700 a Cuyabá, 20 por terra ao Rio Manso, dobrando ahi o divisor das aguas, 200 do rio Manso ou da's Mortes, que é a mesma cousa, e 350 do Araguaya e Tocantins até o Pará.

Affirmando eu que os mappas estão errados quando dão o rio Manso como confluyente do Cuyabá, e que elle pertence ao opposto systema do Amazonas, e que não é outro senão o Rio das Mortes, é de razão que dê os motivos de minha affirmacão. Não se trata d'um rio secundario senão d'um que póde figurar entre os grandes do mundo, pelo crescido volume de suas aguas e extensão de seu curso que excede de 900 milhas. Accresce a isto que este é dos confluentes do Amazonas o que vem mais ao sul por que suas fontes, que confundem-se com os do Cuyabá Mirim, ficam com differença de minutos na mesma latitude que o Cuyabá, onde já as aguas do Prata são navegaveis, e navegadas á vapor.

Quando eu explorei a nova estrada do Cuyabá para o Araguayã, a que vem pelo alto do divisor, entrei, a 30 leguas de Cuyabá, pelo sertão a dentro em rumo de Norte, e a 5 leguas de distancia encontrei o rio Manso, correndo já no rumo de O. a L. Mandei exploral-o do Sangrador Grande, 50 leguas a O. de Cuyabá, e o sargento que dirigiu

a expedição encontrou o rio já profundo e volumoso tanto ou mais que o Cuyabá, a cerca de 7 leguas ao Norte do destacamento, correndo o precitado rumo de O. a L. Em Cuyabá communiquei estas observações ao Sr. BARÃO DE MELGAÇO, a quem tanto deve a geographia d'aquellas regiões, e elle me disse que havia deparado na secretaria do governo com um officio do mestre de campo JOSÉ PAES FALCÃO DAS NEVES, em que dava conta aos membros do governo da successão, em Cuyabá, d'um exploração mandada fazer no rio Manso em fins do seculo passado ou principios d'este, pelo capitão general CAETANO PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO, afim de reconhecer-se si este era o mesmo rio que no Arraial dos Araés, corria com o nome de Rio das Mortes. Esse officio vem acompanhado d'um mappa, e por elle se vê o que acabo de affirmar. Eu tomei copia d'elle, não só para prova d'esta asserção, como porque contém uma descripção detalhada da navegação d'esse rio, hoje completamente deshabitado e quasi esquecido. E' nas margens d'elle que estava collocada a povoação dos Araés, alli fundada por motivo da narração feita pelo capitão BARTHOLOMEU BUENO ANHANGUERA, de que os indios d'alli, os *Colomys* e *Cunhatains*, como elle diz, meninos e meninas, traziam ao pescoço folhetas de ouro como ornato. E' tradição que os povoadores do lugar, depois de haverem trabalhado com pequeno resultado durante annos, descobriram afinal as minas, dando em um caldeirão de ouro, que desenvolveu-lhes de tal geito a ambição que mataram-se uns aos outros, fugindo o resto e fazendo-se aos sertões por medo do castigo que os perseguiria. Esta tradição tem levado a aquelles ermos alguns exploradores audazes, e ainda o anno passado por lá andou um que, como os outros, não foi bem succedido, não tendo podido trabalhar por falta de mantimentos e recursos. Junto a copia d'um officio que dá

noticia da mineração de ouro nos Araés antes da descoberta das minas de que acima fallei, extrahido tambem da secretaria de Mato-Grosso.

4.º — O quarto roteiro que se pôde seguir da bacia do Prata para a do Amazonas estava perdido, e rodeado de maiores obscuridades ainda do que o terceiro, por que o rio que serve de intermediario entre as duas bacias, é totalmente desconhecido, nem mesmo vem figurado nos mappas, e pelo contrario, na carta geral do Imperio, vem desenhada uma serra justamente na região que elle percorre, na qual aliás não existe serra alguma. Eu já dei ao Sr. Dr. ERNESTO VALLÉE, encarregado da nova carta geral do Imperio, tanto quanto eu o podia fazer, os dados necessarios para traçal-o, e a nova carta trará já essa importante correção.

Eis aqui como me nasceram conjecturas relativas a este roteiro. Na provincia do Pará eu encontrei entre diversos pilotos velhos do Tocantins a tradição de que os padres jesuitas d'alli communicavam-se com os do Paraguay por um caminho fluvial interrompido apenas por 15 leguas de travessia de terra; esta tradição que eu encontrei em Baião, de que me fallaram tambem em Juquirapua, nos Patos, etc., era constante, uniforme; a passagem dos jesuitas no Tocantins e Araguaya é sabida por diversos documentos antigos, entre outros pelas cartas do Padre ANTONIO VIEIRA, e por nomes de lugares que provavelmente seriam postos por elles, entre outros: um dos temerosos canaes da cachoeira das Guaribas é conhecido até hoje com o nome de canal *Vitam eternam*, isto é, caminho para o outro mundo; Canal do Inferno, o em que naufraguei em 1866, e que tem esse nome por que até então os que alli tinham entrado, de lá não sahiram. Em reiteradas viagens pelo divisor das aguas nunca pude comprehender qual ou quaes seriam os rios que seguiram aquelles energicos padres subindo

o Tocantins e Araguaya para passarem-se, só com 15 leguas de travessia de terra, á bacia do Rio da Prata; que as aguas d'uma e outra bacia se entrelaçam e as vezes se confundem, era factó averiguado; que porém as navegações d'uma e outra bacia se avizinhem tanto n'essa altura, eis o que se não podia comprehender, por que os unicos rios traçados nas cartas, o Cahiapó Grande e o Barreiro não chegam navegaveis á distancia inferior de 40 leguas dos seus correspondentes Taquary, e Pequiry, na bacia do Rio da Prata; entendi portanto que a tradição era exagerada, e n'essa crença fiquei até o dia 5 de Junho do anno de 1871. N'esse dia, vindo eu de viagem pelo divisor das aguas do Araguaya para Cuyabá, no meio de campos cerrados que existem entre o ribeirão da Ponte Grande e o córrego dos Dois Irmãos, nossos cães de caça levantaram uma onça, em cujo encalço seguimos, e que só pudemos matar depois de consideravel marcha e já sobre tarde; além de grande fadiga, por que fizemos a pé a travessia d'uma mata, eramos torturados pela necessidade de agua, o que nos obrigou a seguir pelo leito d'um correjo secco. Assim, chegamos inesperadamente á margem d'um grandioso rio, quando esperavamos apenas encontrar um regato. Dois dias depois encontrei-me com um sertanejo audaz, que tem explorado parte d'esses sertões, o capitão ANTONIO GOMES PINHEIRO, em companhia do qual fiz diversas explorações até a latitude e a longitude da montanha denominada Paredão que corresponde, na bacia do Prata, á altura do leito do Ytiquira. Rasgou-se-me então a venda dos olhos e eu comprehendi tão claramente o roteiro dos jesuitas, como se houvéra sido companheiro de viagem d'esses audazes exploradores. A' vista d'estes factos o roteiro dos jesuitas do Paraguay, para communicarem-se com os do Pará, era o seguinte :

Subiam o Paraguay acima até a foz do S. Lourenço ; por este acima até a foz do Itiquira, por este á serra : sabiam por terra e, com marcha de 15 leguas, ganhavam as aguas do Amazonas por intermedio do rio de que ha pouco fallei, ao qual, seguindo a tradição antiga, eu conservo o nome de rio das Garças, e por elle abaixo até o Araguaya, e por este e Tocantins ao Pará.

Estimo as distancias a percorrer por este roteiro dos jesuitas entre Montevideo e Pará em 1,225 leguas, a saber : 640 até a foz do Cuyabá no S. Lourenço ; 60 pelo S. Lourenço, Pequiry, Itiquira até a serra ou o divisor ; 15 de viagem por terra, dobrando o divisor entre o Ytiquira e rio das Garças ; 50 ao Araguaya, e 460 ao Pará pelo Araguaya e Tocantins.

5.º— O 5.º roteiro seria subir como no terceiro os rios da Prata, Paraná, Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá, até a cidade d'este nome ; seguir por terra a L. por cima do divisor das aguas até o Araguaya, e por este e Tocantins chegar ao Pará. Dos roteiros que ficam descriptos é este o que está hoje mais seguido, por causa da navegação á vapor do Araguaya, unica que possuímos na America do Sul em cima do grande *plateau* central d'onde defluem as aguas do Prata para o Sul, e as do Amazonas para o Norte. Estimo as distancias a percorrer por este traçado, que eu mesmo tenho andado mais de uma vez, em 1,237 leguas entre Montevideo e o Pará.

Resumindo o que fica escripto temos :

1.º ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO A FOZ DO MADEIRA,
(CAJARY ERA O SEU NOME). A SABER :

De Montevidéo ao Registro do Jaurú.....	730
Por terra, do Jaurú a ponte do Guaporé.....	20
Da ponte do Guaporé á foz do Madeira.....	700
<hr/>	
Total, inclusive 26 leguas por terra.....	1,450

2.º ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO A SANTARÉM :

De Montevidéo a Cuyabá, (por agua).....	700
De Cuyabá ao Diamantino, (por terra).....	30
Do Diamantino ao Rio Negro, (por terra).....	8
Pelos rios Negro, Tapajós e Juruema a Santarém..	400
<hr/>	
Total, inclusive 38 leguas por terra.....	1,438

3.º ROTEIRO : — DE MONTEVIDÉO AO PARÁ :

De Montevidéo a Cuyabá.....	700
De Cuyabá ao rio Manso.....	20
Do rio Manso, á sua foz no Araguaya e Tocantins ao Pará.....	350
<hr/>	
Total inclusive 20 leguas por terra.....	1,270

4.º ROTEIRO : — DOS JESUITAS, ENTRE MONTEVIDÉO
E O PARÁ.

De Montevidéo á foz do Cuyabá no S. Lourenço...	640
D'este pelo Pequiry, Ytiquira até a serra.....	60

Do Ytiquira por terra ao rio das Garças.....	15
Do rio das Garças ao Araguaya.....	50
D'ahi pelo Araguaya e Tocantins ao Pará.....	460
	<hr/>
Total, inclusive 15 leguas por terra.....	1,225

5.º ROTEIRO :—QUE EU TENHO SEGUIDO ENTRE MONTEVIDÉO
E PARÁ.

De Montevidéo a Cuyabá.....	700
De Cuyabá por cima do divisor ao Araguaya.....	100
Do Araguaya (Itacaiú) ao Pará.....	430
	<hr/>
	1,230

Para completar este trabalho passamos a dar uma descripção da região do Prata, do divisor das aguas, e da do Amazonas.

ASPECTO DA BACIA DO RIO DA PRATA. RECORDAÇÕES
DE VIAGEM

Os rios da bacia do Prata, ou pelo menos os que compõe a sub-bacia do Paraguay são antes grandes, immensas campinas alagadas, cobertas de plantas aquaticas, pelo meio das quaes passa um canal d'agua corrente ao qual se dá propriamente o nome de rio.

N'essas campinas observam-se de espaço a espaço grandes bacias d'agua serena e quasi sem corrente, a que chamam bahias ; outras vezes são cobertas de plantas aquaticas, por leguas e leguas, apresentando o aspecto verdejante e risinho de campos planos, por vezes cortados por linhas de bosques densos em que predomina, desde a foz do Vermejo até

Albuquerque, a palmeira denominada Carandá ; d'ahi até os alagados proximos a Cuyabá predomina uma linda arvore que se cobre durante certas estações de flores amarellas. D'estes factos resulta que, aquillo que se chama rio, divide-se em tres generos de regiões distinctas pelo seu aspecto, se bem que confundidas em uma só cousa por que são todas cobertas d'agua ; essas tres regiões são : *o leito do rio, as bahias e os pantanaes*. O rio é de aguas claríssimas, mas que unida n'aquella massa enorme, parece negra ; nos dias em que o céu está coberto de nuvens, os barcos a vapor que sulcam essas aguas serenas, parecem navegar em um lago de tinta preta, com a qual contrasta a alvura de prata das aguas esparcidas pelas rodas do vapor ; na estação das aguas não se vêem barrancos, e não se distingue o rio dos pantanaes, senão porque as aguas d'estes ultimos são litteralmente cobertas de plantas aquaticas e tão completamente que, a quem não tem experiencia affigura-se que toda aquella verdura brota d'um solo firme, e fica muito longe de pensar que aquelle tapete de hervas tem por baixo de si ás vezes 100 palmos d'agua ! As bahias não são senão grandes lagos que se distinguem dos pantanaes porque suas aguas, como as do rio, não são cobertas de vegetaes. Estas bahias estendem-se ás vezes por muitas leguas, e como as margens são baixas, quem viaja por ellas sente a illusão de estar viajando pelo mar, por que só avista céu e agua. Outras vezes dá-se um curioso phenomeno de illusão optica ; as cupulas das palmeiras de carandá parecem voltadas para cima, elevam-se no horizonte como uma nuvem verdejante, e por baixo avista-se o céu confundindo-se com as aguas no extremo do horizonte de modo que as palmeiras parecem suspensas no ar. Os pantanaes não são mais do que as partes em que a agua está coberta pelas plantas aquaticas de que acima fallei, em um tecido tão basto e compacto que um

homem deitado em cima sustenta-se; e tanto é isto assim que, quando nas primeiras enchentes o rio destaca algum pedaço d'este immenso tapete para arrastal-o em sua serena e vagarosa corrente, os tigres costumam a embarcar-se em cima e assim viajam dias; a planta que forma este tecido é uma especie de lyrio aquatico de flores brancas em cachos, com o calice da corolla ás vezes roixo, ás vezes côr de rosa; é conhecida com o nome guarani de *aguapé*. Do forte Olympo (Paraguay) até Albuquerque a arvore que predomina estes desertos dos pantanaes é a palmeira *carandá* que assemelha-se ao burity (*mbyryty* em tupi) que é conhecido de todos nós; de Albuquerque para cima os pantanaes são commumente acompanhados e cortados de zonas estreitas mas extensas de bosque muito denso, e as vezes muito elevado, conhecidos com a designação de *capões* (do guarani *cahapão*); ás vezes, ao pé d'esses capões onde a agua é mais baixa, crescem zonas que vão a perder de vista de arrosaes silvestres.

O indio *Guatô* para colhel-o não tem outro trabalho além do de metter por elle a dentro a sua canôa, e de bater indolentemente com o longo remo sobre as espigas vergadas para dentro do barco, que dentro em pouco tempo fica cheio com aquelle grão de que elle e nós nos servimos como do arroz asiatico. As viagens que se fazem em canôa pelo rio não são isentas de accidentes; ha tres inimigos contra os quaes o viajante deve estar prevenido e são: a piranha, o *scyurijú*, e o tigre. A piranha é peixe de escamas côr de perola, que raras vezes excede a um palmo, mas d'uma voracidade que ultrapassa a quanto se pôde imaginar; é dotado de dentes que cortam como navalha. Por ocasião da abordagem do vapor *Jaurú*, quando o distincto capitão de fragata Balduino José Ferreira de Aguiar, no combate do Alegre, o retomou do inimigo, cahiram a agua alguns paraguayos feridos; attrahidas

pelo sangue as piranhas os devoraram quasi vivos, deixando em poucos minutos os esqueletos limpos.

Os tigres não são menos para temer-se, porque, ilhados nos pequenos altos que ficam acima d'agua, nem sempre têm os meios de alimentar-se, e, famintos, tornam-se ousados como leões; o leitor o avaliará pelo seguinte, que é tambem uma recordação da expedição de Corumbá: estavam na occasião de retirada dois mil homens acampados em um morrinho, defronte a villa, cuja explanada seria menos da ametade do morro do Castello; quer dizer que estava quasi todo o espaço occupado pela força; um tigre saltou sobre um primeiro sargento do primeiro de voluntarios, sacudiu-o sobre o hombro, e fugiu com tal precipitação que, perseguido e morto em menos de meia hora, tinha tido tempo para decepar a cabeça do infeliz sargento, sugar-lhe todo sangue, e devorar parte do peito. Quanto aos sycurijús não tivemos durante a expedição accidente algum causado por elles; em compensação, o cabo do meu piquete, que accumulava as funcções de piloto da minha canôa, e que se chamava Figueira, era interminavel em referir casos de ataques d'essas gigantesas serpentes, casos cujo numero me parece que elle exaggerava de proposito a fim de, pelo terror, obrigar as sentinellas da canôa a velarem durante á noite.

Entre duzias de historias referia elle que: uma noite indo em uma parada a Coimbra com officios ao Sr. Leverger (Barão de Melgaço), pousou na foz do Rio Negro no S. Lourenço; á meia noite, acordando aos gritos d'um seu camarada que se debatia n'agua seguro ainda por um braço a borda da canôa, elle cabo viu um enorme sycurijú que segurava o soldado por uma das espaduas; o cabo deu-lhe tão certo golpe de machado, que conseguiu decepar a cabeça da serpente, salvando o seu camarada que,

recolhido á canôa, veiu ainda com a cabeça da cobra presa á espadua. Já que toquei no cabo Figueira seja-me licito dizer, que esse infeliz foi morto, depois de vigorosa resistencia, pelos indios *Coroados* 4 leguas a leste do Paredão no sertão de Cuyabá, voltando de Ytacaiú com um destacamento ao mando do tenente Sabino, do 19 de infantaria; eu levantei uma cruz n'aquelle campo deserto, e ella recorda n'aquella solidão a sepultura d'um bravo. . . .

Dizem-me muitos sertanejos que os *sycurijús* attingem por vezes o comprimento de 60 palmos.

Ainda não vi maiores de 35, e já houve tempo em que tomei gosto em caçal-os; é de notar-se que os cães seguem a pista d'estas serpentes quando ellas andam em terra; e ellas, desde que se sentem acossadas pelos cães, enroscam a cauda ao primeiro tronco de arvore que encontram, e, contrahindo o resto do corpo em fórma de caracol, silvam e dão botes sobre os cães; se algum foi alcançado pelo dente, é enroscado e triturado com rapidez que impossibilita qualquer soccorro. Dizem que engolem um boi depois de esmagal-o nas poderosas roscas; não o vi, mas julgo o facto possível, porque já matei um que tinha uma *suassuapãra* (veado do tamanho d'uma novilha) dentro da barriga, e esta, destendida pelos gazes do animal em putrefacção dentro do estomago, apresentava a enorme circumferencia de sete palmos. A cabeça não era entretanto maior do que a minha mão, e eu, para melhor comprehender o como por um orgão apparentemente tão pequeno tinha podido passar tão grande animal, abria-a, e eis-aqui o que notei: o craneo não é senão a prolongação da espinha dorsal com tres pequenos tuberculos que encerram a massa encephalica, cujo diametro é pouco maior do que o da medulla espinhal; nem o maxillar superior nem os inferiores são ligados ao craneo; digo maxillares por que os inferiores são

divididos em dois ossos desarticulados de modo que pôde aquella boca destender-se livremente sem o embaraço d'esses ossos.

Defronte a Assumpção do Paraguay o indio *Pajaguá* domina na região dos pantanaes, ou Chaco como lhe chamam os hespanhóes. Acima da fronteira do Apa, para o norte, domina com diversos nomes a nação *Guaicurú*, ou indios *Cavalleiros*; um dos chefes — da subdivisão conhecida com o nome de *Cadinéus* — o capitão Lapagate, foi-nos sempre de não pequeno auxilio na guerra, e de grande damno ás guarnições da fronteira paraguaya do Apa. O paiz dos *Guaicurús* é do Apa até pouco abaixo da foz do Emboteteú, ou rio de Miranda. De Corumbá para cima é o paiz dos *Guatós*, tribu de navegantes eternos que, consubstanciados com suas canôas, quasi como o caramujo com a sua concha, erra e vive por aquellas alegres e fartas regiões dos pantanaes do alto Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá. Para o indio essa é a região onde a vida é facil: a caça e o peixe são ahi não só em grande abundancia, mas tão facilmente colhidos que, para viver e gozar de abundancia, não é necessario trabalhar. Desde que se entra em terra firme o rei do sertão é o indio *Coroado*. Existem na bacia muitas outras tribus; não entra em meu plano mencionar se não as caracteristicas.

Quem viaja essa linda e curiosa região dos pantanaes não em vapor, porque este indo pelo meio do rio não permite a observação de detalhe, mas quem a viaja em canôa, a par de alguns riscos que corre, tem tanto que ver e observar, que os dias escoam-se com prodigiosa rapidez. Ao contemplar essa região comprehende-se a acção pacifica das aguas no processo de elaboração e deposito dos sedimentos. Essa immensa bacia revela-nos o processo que a natureza empregou para formar a região dos pampas, e dia virá em

que ella emergindo das aguas ha de ter o mesmo aspecto dos pampas do sul ou das savanas do norte.

A REGIÃO DO DIVISOR DAS AGUAS.

A bacia do Rio da Prata tem sido largamente descripta ; desde Azara até o norte-americano capitão PAGE tem-se publicado grande quantidade de obras. Do Araguaya e Tocantins possuímos os roteiros de CORTE REAL, as relações dos capitães-generaes aos reis de Portugal ; o roteiro do Dr. RUFINÓ THEOTONIO SEGURADO, impressos estes ultimos na *Revista do Instituto Historico*. Em lingua que não a vernacula só conheço a viagem do Conde de CASTELNEAU, que começa na barra do Rio do Peixe no Araguaya e termina no Pará.

A parte, pois, mais desconhecida é o divisor das aguas, que eu passo a descrever ligeiramente na extensão das 100 leguas que medeiam entre Cuyabá e o rio Araguaya.

Cuyabá tem uma população de 25 mil habitantes mais ou menos, e está edificada á margem do rio d'esse nome, tendo do porto ao largo do palacio 1,050 braças. Edificada sobre um solo regular de depositos quaternarios apresenta a irregularidade de nossas cidades do interior. A principal industria da provincia é a criação do gado vaccum, que se me não falha a memoria, attinge ao numero de 200,000 cabeças, cifra elevada para a população da provincia que provavelmente não excede a 40,000 habitantes. A raça branca allí está profundamente modificada pelo sangue negro e indigena.

Dos povos do Brasil o cuyabano é o que mais se assemelha por seus caracteres physicos ao povo paraguay. Grandes cantores e amigos de dansa como todos os povos proximamente unidos aos indigenas, elles não têm a indo-

lencia de nossas populações mestiças ; activos, laboriosos, emprehendedores, são dignos herdeiros dos paulistas que lhes descobriu o sólo. A alimentação da população campesina compõe-se quasi exclusivamente de carne e peixe. O guaraná que substitue ao chá e café é bebida tão apreciada pelo povo, que mesmo os pobres não se privam d'ella, apesar de custar commummente o excessivo preço de 200\$000 por arroba.

Quem segue da bacia do Rio da Prata para a do Amazonas pelo caminho em que eu tenho andado, toma ao sahir de Cuyabá o rumo de N. E. e, a 12 leguas de distancia depois de atravessar os ribeirões do Coxipó, a uma legua, Arica a 4 e meia da capital, sobe a grande serra que n'esse unico lugar divide a bacia do Rio da Prata da bacia do Amazonas, no periodo comprehendido entre os rios Tapajós e Araguaya. Ha diversas estradas para galgar a serra, sendo a do Caguassú a mais geralmente trilhada.

Esta serra que vem figurada em alguns mappas com o nome de serra de S. Jeronymo, é uma immensa muralha de rochas silicosas que attinge a altura de 1,400 metros sombreada de densa mata em que predomina a gigantesca palmeira conhecida alli com o nome de caguassú. Costa arriba pela serra fóra, o viajante sobe os primeiros contrafortes compostos de terras, detritos das rochas que a formam, e todas ellas representando diversas rochas tra-peanas com base de silica e magnesia ; do meio até quasi ao cimo passa o caminho sobre rochas talcosas, e no cimo sobre diversas grés permeadas de quartzo.

Chegando ao cimo da serra as matas desapparecem, e abrem-se as eternas campinas que se estendem a Leste e a Norte por centenaes de leguas quadradas ; as campinas não são interrompidas senão pelos raros bosques que, de longe em longe, acompanham ambas as margens das torrentes

que, ora correndo para o Norte, ora para o Sul, vão formar os dois gigantes d'agua doce, que como grandes encanamentos recebem as aguas d'esse immenso telhado.

Subindo a algum dos mais elevados picos do cerro, se fôra possível dar á vista humana o poder de abranger um raio de 1,200 leguas, eis aqui mais ou menos o que enxergaria o viajante : elle estaria na extremidade Sul do grande *plateau* central, que formaria como uma sotêa no meio d'um telhado immenso, *plateau* que tendo 200 leguas em rumo de L. a O. (do Madeira ao Araguaya) e 200 em rumo de S. a N. até a inclinação que determina os rapidos e cachoeiras dos affluentes do Amazonas, apresentaria a grande área de vista de 40,000 leguas quadradas ! Ao Sul elle teria a bacia do Rio da Prata plana como um salão, coberta de eternos palustres, morada de milhares de jacarés, sicurys, capivaras, antas, tigres, e de innumeraveis familias, aquaticas ; charcos, lagôas, esteros, ora apresentando o aspecto de campinas risonhas e cobertas de arrosaes nativos, juncos, nenufares, lyrios e plantas aquaticas, ora sombreadas por aquella melancolica e caracteristica palmeira a que o indio legou o nome de carandá.

Ao Norte do *plateau* avistaria como que dois degrãos antes de chegar ás planuras do Amazonas, degrãos que correm de L. a O. formando as cachoeiras do Madeira, Tapajós, Xingú, Araguaya e Tocantins. Até ahi são campinas ; d'ahi em diante, rolando tudo isto pela parte do N., avistaria as soberbas florestas do Amazonas, que, como um manto de velludo de felpas colossaes, envolve o rei dos rios.

Esta seria a vista ideal do todo da região de que tratamos.

Passando, porém, do ideal ao real, e descendo dos picos da serra para tomar a sella do cavallo de viagem, eis o que encontra o viajante que segue a actual estrada nova,

que sobre o divisor das aguas vai de Cuyabá ao Araguaya.

Nos mappas vem figurada uma serra fazendo a divisão das duas bacias. Ha n'isso inexactidão ; o divisor das aguas, á excepção das montanhas de que fallei atraz, e que não abrangem grande extensão, é em geral de campinas levemente accidentadas com pendores suaves, cujos declives não excedem pelo commum a cinco por cento.

De Cuyabá até o rio Sangrador-Grande, que lhe fica cincoenta leguas para rumo de L., vai-se sempre sobre o divisor das aguas atravessando torrentes, que ora vertem para o Rio da Prata, ora para o Amazonas, e que se entrelaçam umas com as outras como as raizes de arvores plantadas em terreno apertado. Não é raro mesmo vadearem-se grandes lagôas que a um tempo fornecem aguas para os dois rumos oppostos; entre estas nasce a lagôa do Dr. Couto, que distingue-se pelo volume de suas aguas e aspecto risonho que apresenta, coberta como é de lyrios, victoria-régias, juncos, pelo meio dos quaes erram numerosos bandos de marrecas, patos e passaros aquaticos, e em cujo fundo negrejam ás vezes os lentos e enormes caracoos da bôa-constrictor. Do Sangrador-Grande em diante o divisor das aguas, que ia em ramo de O. a L., pende para S. E. para depois, entre o Piquiry e Bahús, tomar o rumo de N. E., em que segue até aos montes Pyrinéos na provincia de Goyaz, montes que dão as ultimas aguas orientaes que vão ao Amazonas.

Do Sangrador ao Araguaya medêa a distancia de cincoenta leguas. A' sete leguas a L. do Sangrador ha no meio das planicies montes elevados de campos abruptos, de pequeno diametro e muita elevação, e que semelham torres ou castellos gigantescos : o mais notavel d'estes é o Paredão. Estes montes sem vegetação aos lados, são vermelhos-escuros, arenaceos, e cobertos de crostas estractificadas de di-

versos saes de ferro ou de conglomeratos da mesma base.

Desde minhas primeiras viagens que o aspecto massiço e a côr vermelha d'essas montanhas e rochas chamou minha attenção, porque esse genero de formação não é commum ao Brasil. Meus conhecimentos geologicos eram então quasi nullos. Foi só na ultima viagem que, vindo eu de Montevidéo para aqui com o naturalista inglez James Armstrong, que vinha de voíta de uma expedição ao estreito de Magalhães, este deu-me alguns fósseis (madeiras petrificadas pela silica), e eu, com surpresa, vi então que havia passado mais de uma vez por um banco importante d'esses preciosos fragmentos da historia das revoluções da terra, banco tanto mais curioso, quanto elle indica, pelo que supponho, uma bacia de terrenos carboniferos.

A montanha denominada Paredão eleva-se, como um castello colossal, no meio d'aquellas campinas. Seus lados são talhados a prumo, altissimos e inacessiveis, excepto pelo lado do nascente. A côr vermelha d'aquelle colosso destaca-o grandiosamente das verdissimas e humidas campinas que lhe velam os topos e contrafortes. No meio da esplanada superior, que é chata e coberta de musgos e de graminaceos mui pequenos ou de pequenos arbustos entortilhados, eleva-se um cabeço, que como atalaia completa a illusão, figurando-o a um castello em ruinas. O viajante que ousa subir ao pincaro d'essa esplanada (o que já fiz e que qualquer pôde fazer, como disse, galgando-o pela parte do oriente) acha-se collocado talvez no mais alto ponto do divisor das aguas do Amazónas e do Prata. Ao sul, poente e nascente, avistam-se planicies, nas quaes se destacam, como torres, algumas montanhas do mesmo grés vermelho que constitue o Paredão. Ao N. e N. O. as planuras estendem-se quasi a perder de vista, e bem na extrema do horizonte, a dezeseis

leguas de distancia, avista-se uma serra, que, correndo no rumo de S. O. para N. E., parece que divide as aguas do Xingú (cujas cabeceiras são ainda inteiramente desconhecidas) das aguas do Rio das Mortes. Quando o tempo está sereno, avistam-se subindo ao ar, d'aquellas campinas, grandes columnas de fumaça que indicam as aldeas dos indios, inteiramente selvagens e ferozês, que habitam essa região, compostos pelo que supponho de *Cahiapós*, *Coroados*, *Gorotirés* e algumas outras tribus de que nós temos perdido os vestigios, ou de quem nem tenhamos talvez a mais leve noticia.

Do Paredão ao Araguaya medêa a distancia de cincoenta leguas, e a estrada, deixando á direita o divisor das aguas, toma os altos de uma bacia secundaria—os que dividem as aguas do rio das Garças das do Rio das Mortes. Tudo são campos. A quatorze leguas do Paredão atravessa-se o Barreirinho sobre uma ponte, cujos esteios estão apoiados em lagedos de grês vermelho; seu aspecto através das aguas limpidas do rio é summamente agradável; a vinte e duas leguas atravessa-se o Barreiro-Grande: a ponte está lançada sobre dois paredões de grês metamorphico, altissimos, que ahí estreitam e encanam o rio, de modo que o viajante passa por assim dizer dependurado sobre o abysmo, no fundo do qual corre serena e quasi imperceptivelmente aquella massa opulentissima de aguas. Eu sondei n'esse lugar o rio com uma linha de pescar de vinte braças e não encontrei o fundo. O Barreiro tem fóra do canal cerca de tresentos palmos de largo, com a profundidade de dez a quatorze no *talweg*. Duas e meia leguas adiante do Barreiro ha uma curiosa fonte de aguas thermaes, uma das mais lindas cousas que tenho visto n'estes sertões. O ribeirão d'agua quente desce dependurado por uma lombada de terreno suave, e vem por mais de uma legua em continua-

das cascatas ; o viajante quando alli chega, depois de uma marcha fatigante por um campo onde falta sombra, extenuado de sol e cansaço, sente ineffavel delicia com o vêr aquellas aguas levemente azuladas, tão transparentes como o diamante, precipitando-se sobre urnas de pedras esverdeadas, povoadas de numerosos cardumes de peixes alvos, que libram-se nos rapidos, parecendo gozar n'aquellas aguas puras o prazer de viver alegremente.

O ribeirão no lugar em que a estrada o transpõe, é apenas morno, não tendo temperatura superior á do corpo humano, pois que a thermal já vem misturada com um outro regato de agua commum que lhe nasce proximo. Tendo eu mandado exploral-o, disseram-me que elle nasce a uma legua de distancia da passagem, e que, brotando de uma rocha, é muito mais quente no lugar de seu nascedouro, antes de confundir suas aguas com duas outras fontes que lhe nascem proximas.

A região comprehendida entre o Barreiro e o lugar denominado Taquaral do Fogaça é de terrenos lindissimos, regada de innumeras fontes de agua, e em geral mais vestida de matas do que a anterior, offerecendo, portanto, maiores e melhores proporções para ser habitada. Os povoadores, porém, não se animam a buscar aquellas paragens, que teriam pelo rio das Garças e Araguaya escoadouro para suas producções, porque receiam-se das incursões dos indios. Diversos presidentes de Mato-Grosso, e entre elles o Sr. visconde de S. Vicente e barão de Melgaço, propuzeram a medida de crear-se um corpo de pedestres, que, guarnecendo destacamentos collocados de vinte em vinte leguas, garantissem a segurança aos moradores d'esses lugares. Seria esse o unico meio de ligar-se a população de Mato-Grosso á do resto do Imperio, população que está hoje separada por uma solução de continuidade de cerca de cem leguas.

Do Taquaral do Fogaça em diante até o Araguaya, oito leguas, começam os baixios do Araguaya. O grande rio é precedido por uma zona chata de seis a dezesseis leguas de largura, que o acompanha em ambas as margens e durante as duzentas leguas que elle corre sobre o *plateau*. Essa região coberta quasi toda de campos, e varzeas de arroz silvestre e mimoso, é talvez a parte do Brasil mais propria para a criação de gado, e ha annos que já se o começa a criar em pequena escala. Hoje é povoada de quantidade innumeravel de indios, de animaes silvestres, varas de porcos, manadas de veados, bandos de avestruzes, maltas de lobos, onças, antas, macacos e toda sorte de aves aquaticas, desde o gentil e pequeno marinheiro até a garça real e o grande tuyuyú branco.

ASPECTO DA BACIA DO AMAZONAS. RECORDAÇÕES DE VIAGEM

A bacia do Amazonas, de Monte-Alegre para baixo, é, como a bacia do Prata, subdividida em tres regiões cobertas de agua: a dos rios, a dos lagos, que correspondem ás bahias do Rio da Prata, e a dos pantanaes, que, á excepção dos da ilha de Marajó, são cobertos de florestas, ora baixas e rachiticas, ora gigantescas, escuras e grandiosas. A bacia do Amazonas é muito rica, mas em compensação é mais tristonha e mais doentia.

Nada direi do aspectô dos rios senão que têm as margens mais elevadas do que as do Prata, cobertas de lama e as aguas barrentas. Os lagos são de grande belleza, sobretudo na parte da bacia que fica em cima do grande *plateau* ou *araxá* central. Suas margens são ordinariamente cobertas de bosques espessos na proximidade dos rios em que desembocam; ás vezes são de campinas abertas ou de cerrados, nome com que os homens do interior designam os

campos sombreados de algum arvoredado rarefeito e entortilhado, em que predomina a arvore de lixa, o piqui e o murici. Estes lagos são formados pelos ribeirões que defluem nos rios. Mais de uma vez eu inqueri a mim mesmo como é que esses pequenos ribeirões cavavam essas grandes bacias, e eis-aqui a explicação, pelo que me parece, d'esse phenomeno : sendo, como é, chato e quasi sem declive esse terreno, o rio represa os ribeirões, porque sua massa de aguas é maior e mais corrente ; elle representa, portanto, para com os ribeirões, o papel de dique ; represada a agua do ribeirão, sendo sua correnteza pelo commum muito inferior á do rio, e sendo a pressão da agua do rio muito maior no fundo do que na superficie, a corrente da massa de agua accumulada pelo ribeirão se subdivide em duas : uma, a do fundo, que indo de encontro á massa do fundo do rio, toma um curso de retrocesso e remonta o ribeirão ; a outra, superior, que, elevando-se um pouco acima do nivel do rio, escoa-se por elle fóra, graças ao excesso de pressão atmospherica que ganha com a elevação do nivel ; esta explicação me parece que podia dar a fórmula para o calculo em cavallos mechanicos do trabalho desempenhado pela agua do ribeirão para cavar e conservar limpas aquellas bacias providenciaes, reservatorios de agua para manter as do rio na estação sêcca, na qual, sem esses providenciaes reservatorios, o mesmo rio ficaria *torrado*, na expressão figurada, mas energica do sertanejo.

A região equivalente aos pantanaes do Prata é no Amazonas a dos seringaes ou florestas alagadas, em que predomina a arvore da gomma elastica ; essas florestas emergem tambem de um solo alagadiço, mas a massa de agua que lhes cobre as raizes é muito menos espessa do que a que cobre os pantanaes do Chaco. Navega-se em canoas na estação das cheias por baixo d'essas florestas pela mesma

fôrma por que se navega nos pantanaes do Paraguay, com a differença de : os *curixos* são substituidos pelos *igarapés* (significa caminho de canôa), nome com que na bacia do Amazonas designam os ribeirões que estão sujeitos ao fluxo e refluxo da maré. A região do Prata parece de formação muito mais recente do que a do Amazonas.

Quanto á sua fauna: os passaros predominam na do Prata; na do Amazonas os quadrupedes e os grandes reptis amphibios. Em 1865 eu fiz uma viagem, atravessando a grande ilha de Marajó da costa do oceano (Chaves), até a parte que fica fronteira a Belem, isto é, a foz do Arary. No lago d'esse nome e nos *igarapés* que n'elle defluem, os quaes estavam reduzidos a grandes poços, vi tal quantidade de jacarés, que creio não exagerar calculando-os por milhões. Os rios do Amazonas são tambem mais abundantes de grandes peixes, avultando entre estes o pirarucú e o peixe-boi, que merecem especial menção, porque são de grande soccorro aos selvagens e aos viajantes das canôas. Os selvagens (os *Carajás* do Araguaya) pescam o pirarucú com rêdes que fazem de sipós. O pirarucú tem grande força proporcional á seu corpo, que pesa, pelo commum, de tres a cinco arrobas.

Os *Tupís* do Pará pescam-n'ô com a *sararaca*, flexa cujo dardo é unido á haste por uma linha comprida de tucum enrolada á mesma haste e disposta de tal fôrma que, quando crava-se no peixe, a haste solta-se, e, como é de canna, ella fluctua sobre a agua, indicando assim as direcções que o peixe ferido leva no fundo; o pirarucú, que tem necessidade de respirar ar atmospherico, quando vem á superficie do lago é novamente flexado, e assim o vão perseguindo até exhaurir-lhe as forças, conseguido o que, os indios, tomando a haste da flexa, que está segura ao dardo cravado no peixe pela linha de tucum de que fallámos, pro-

curam leval-o a algum baixio, saltam á agua, e, com uma pancada de massa sobre a cabeça, o matam. O pirarucú é um peixe das dimensões do mero, de cinco a oito palmos de comprimento, de seis a oito de circumferencia, roliço, de largas escamas, as quaes tem o diametro de uma pollegada á pollegada e meia, de um bello verde-escuro ; as escamas da barriga e da parte posterior do corpo são orladas por um semi-circulo de côr vermelha vivissima, e é d'ahi que lhe vem o nome, porque *pirá rucú* quer dizer *peixe urucú*, isto é, com pintas côr de urucú.

Um trabalho interessante para esclarecer a questão da origem das especies, que tanto tem preocupado os naturalistas depois da celebre obra de Darwin, que tem esse titulo, seria colligir na bacia do Prata as especies de peixes correspondentes ás da bacia do Amazonas ; o celebre professor Agassiz me havia encarregado d'esse trabalho, que infelizmente eu não pude concluir antes da morte d'aquelle digno successor de Cuvier. No entretanto aqui vão os exemplos resultantes de observações. As especies mais notaveis do Amazonas, que não encontram correspondentes nas aguas do Prata, são : o pirarucú, o peixe-boi, o boto, o puraquê ou peixe electrico ; entre os amphibios, a tartaruga. Nem existem estes animaes na bacia do Prata, nem typo algum que pareça derivado de tronco identico. Em compensação existem numerosas especies na bacia do Prata correspondentes a especies da bacia do Amazonas, formando especies e mesmo generos distinctos, mas que são evidentemente derivadas do mesmo typo, e modificadas pela acção lenta dos meios ; citarei as seguintes : a matrinchan-grande do Amazonas tem como correspondente no Prata a piracanjuba ; a voadeira corresponde á piraputanga ; o peixe cachorro corresponde ao dourado ; a pirahyba corresponde ao pintado ; o matupiri ao lambary, etc. Estes exemplos são uni-

camente o de peixes, que, profundamente modificados pela acção dos meios ou por qualquer outra causa, conservam comtudo testemunhos irrefragaveis de haverem derivado do mesmo typo; cito-os apenas para assignalar o facto, sem poder entrar em outros detalhes, que seriam improprios de um trabalho de generalidades como este.

Disse eu acima que a região do Amazonas é de florestas, enquanto a do Prata é de campos; fazem excepção a estas florestas a ilha de Marajó e algumas da foz do Amazonas, assim como a região que fica ao norte de Macapá, que são cobertas de alegres e fertes campos, onde innumeraveis familias de passaros aquaticos, com a variedade de suas côres, e com seus pios e cantos, alegram os olhos e ouvidos do viajante, destruindo o silencio, monotonia e tristeza das regiões de florestas. O solo dos rios do Prata é argilloso; o dos do Amazonas é arenoso. Isto indica o seguinte facto geologico: eram graniticas as rochas que deram sedimentos para aquella região; eram grés arenoso as que deram os sedimentos para a do Amazonas. Não quer isto dizer que se não encontrem regiões arenosas no Prata ou argillosas no Amazonas; eu fallo apenas do que é geral e predominante.

A montanha do Paredão, que deixei descripta, ficou ali isolada no meio do *plateau* central para com seus grés vermelhos nos indicar a historia da formação dos valles do norte, assim como as inscripções runicas foram providencialmente conservadas para nos transmittir a memoria das primeiras emigrações da familia humana no começo dos tempos historicos.

Ao tempo da descoberta do Amazonas era a raça *Tupi* que predominava n'essas regiões, com o nome de *Tupinambá*. Por vestigios archeologicos de louça e outros artefactos, por vestigios de linguas, eis-aqui o meu modo de pensar respeito ás raças que povoam essa região.

Encontram-se os vestígios de uma raça antiga, que ninguém sabe de onde e nem como veio parar ali; encontram-se vestígios de uma emigração posterior, que não deve datar de mais de oitocentos annos, de tribus que desceram dos Andes; encontram-se vestígios da emigração para ali dos *Tupinambás*, emigração que é quasi contemporanea da descoberta da America: como muitas vezes acontece nos tempos historicos, os ultimos emigrantes constituiram-se raça preponderante. Eu não tenho dados sufficientes para deixar fóra de duvida a historia d'estas emigrações, e não dou a minha opinião a este respeito como cousa certa, e sim como provavel.

NAVEGAÇÃO A VAPOR

Não será fóra de proposito dar ao leitor uma idéa geral da actualidade das communicações entre estas regiões.

As linhas de navegação a vapor do Araguaya, que partem de Leopoldina, uma para o sul até a pequena povoação de Mato-Grosso, denominada Ytacaiú, outra para o norte até o presidio de Santa Maria, cortam o *plateau* central no rumo de N. a S. em uma extensão de 230 leguas. Ali o vapor, passando por entre as numerosas aldéas de indios que ainda andam nus, apresenta em contraste os dois extremos da cadêa humana: a raça mais civilisada que usa d'esse primeiro agente do progresso, e o homem nú, imagem viva da primeira rudeza e barbaridade selvagem de nossos maiores.

Quando eu comecei minha vida publica, n'este grande caminho do Amazonas ao Prata tinhamos apenas sessenta leguas navegadas por vapores brasileiros. Muitas vezes, nas noites que eu era obrigado a velar com o *revolver* na mão para defender-me dos indios, perguntei a mim mesmo quando a

civilização chegaria a essas solidões. Hoje temos mil e trinta leguas navegadas a vapor, e não sessenta que então haviam. Mil e trinta leguas pelo interior, e ha brasileiros que desesperam de nosso progresso!

Conceda-nos Deus paz interior, como nos tem concedido até hoje, e talvez em futuro não mui remoto tenhamos de vêr a estrada de ferro ligando essas regiões ao Rio de Janeiro, tomando a fôrma de um T collossal, cuja cabeça ligue o valle do Rio da Prata pelo Pequiry ou S. Lourenço, o outro o do Araguaya, e, portanto o do Amazonas, garantido assim a esse colosso sua integridade territorial, que sem ella difficilmente conservará.

Conceda-nos Deus paz, e isto, que parecerá agora utopia, será dentro em alguns annos fertil realidade.

Tal é a grande região em que erram hoje as populações aborigenes mais densas do Imperio.

Descripto, como ficou esse museu, passemos agora a estudar diversas questões relativas á raça que primeiro o povoou ; saiamos dos dominios da geographia para percorrer o reino não menos curioso, se bem que muito mais obscuro, da moderna sciencia que tem por objecto o estudo da origem, variedades e transformações d'esse animal, a que os gregos denominaram « *anthropos*, » os Tupis « *abd* » e nós—HOMEM.

II

O HOMEM AMERICANO

Apparecimento do homem na terra. Período em que apparece na America o tronco vermelho. Cruzamentos pre-historicos com os brancos. Avaliação de qual era o estado das industrias selvagens pelos usos que faziam do fogo.

Tenho observado muito nas viagens feitas por mim nos ultimos dez annos, as quaes representam mais de quatro mil leguas percorridas, ora á cavallo, ora em canôas, nas regiões e rios mais centraes das provincias de Goyaz, Pará e Matto-Grosso, onde residem hoje as nossas grandes populações indigenas; o leitor terá feito provavelmente uma idéa clara d'essas viagens pelo que deixei escripto no capitulo antecedente.

Mas, se tenho podido colligir um grande numero de factos, tem-me faltado o tempo para estudal-os e comparal-os. Essas regiões eu as percorri, como já disse, durante os annos em que successivamente occupei o lugar de presidente das tres provincias, sendo que, das duas ultimas, eu o fui durante o trabalhoso periodo da guerra do Paraguay. As ultimas viagens, feitas de então para cá, tinham por objecto o estabelecimento da navegação á vapor mais central de toda a America. D'estes factos resulta que, com a attenção sempre solicitada por cuidados de uma vida pouco calma, não

é possível que esta parte da memoria deixe de estar cheia de imperfeições. Peço que a considerem como um ensaio.

.....
Aquelles que estudam as diversas revoluções por que tem passado a terra desde o periodo em que fazia parte da grande nebulosa, que se compôz no systema solar até nossos dias, ficarão convencidos de que os phenomenos que nós denominamos vitaes estão intimamente ligados a taes revoluções.

O homem só podia apparecer nos fins da época ternaria.

As hypotheses sobre a criação do homem que me parecem mais conformes com a geologia são :

Como o tronco negro é que melhor supporta o calor ; como a marcha do planeta que habitamos tem sido do calor para o frio, e como todos os phenomenos vitaes se ligam a marcha da temperatura, o tronco negro foi o primeiro creado, e devia sê-lo n'aquella parte do globo onde, primeiro do que em outras, a temperatura desceu ao gráo que era compativel com o organismo do homem.

Pela mesma serie de comparações creio que o tronco amarello veio depois do preto, o vermelho depois do amarello, e finalmente o branco, que deve ser contemporaneo dos primeiros gelos, foi o ultimo. Julgo tambem que, na ordem do desaparecimento, a natureza ha de proceder pela mesma fórma—o tronco preto ha de desaparecer antes do amarello, e assim successivamente até o branco. Este ha de talvez por sua vez desaparecer tambem no fim do periodo geologico de que somos contemporaneos para, quem sabe, dar lugar ao apparecimento d'uma outra humanidade, tanto mais perfeita e tão distante da actual quanto esta o é dos grandes quadrumanos anthropomorphos que chegaram até nossos dias.

A sciencia por em quanto não póde aceitar estas cousas

senão como conjecturas ; dia virá em que ellas serão esclarecidas e provadas.

Eu supponho pois a actual familia humana dividida em 4 troncos—O terceiro em idade é o vermelho ou americano a que pertencem os selvagens de nossa America.

APPARECIMENTO DO TRONCO VERMELHO.

Por uma serie de considerações geologicas que eu não posso agora desenvolver por que excedem aos limites do quadro que tracei, parece que o homem americano appareceu primeiro nos altos *plateaux* formados pelas grandes cordilheiras dos Andes, d'onde emigrou para as planicies.

Em que época teve lugar o apparecimento do homem americano ?

O estudo comparativo das alturas acima do nivel do mar, entre os *plateaux* da America e da Asia, dá os primeiros indicios, que por emquanto ainda não estão confirmados por vestigios fosseis que se hajam descoberto em regiões similares.

O Sr. Liais, em sua recente obra : *Climas, Geologia Fauna, etc., do Brasil*, cita a pag. 240, n. 107, tres factos de vestigios da industria humana em depositos antiquissimos ; a elles eu posso accrescentar uma mó de argilla roxa metamorphica durissima, e uma mão de pilão de petrosilex, ambos polidos, que offereci ao Museu Nacional, e que foram encontrados em *cascalhos* que supponho serem quaternarios d'um dos afluentes do Araguaia.

Sendo o periodo da pedra polida posterior a outros, e encontrando-se instrumentos de pedra polida nos mais antigos sedimentos da época quaternaria, segue-se que o tronco vermelho é anterior a essa época, visto encontrarem-se no começo d'ella provas de que esses homens já

tinham vivido anteriormente o tempo necessario para attingirem aquelle periodo.

No entretanto esta alta antiguidade do tronco americano que o iguala aos mais velhos do mundo não está ainda aceita geralmente pela sciencia, e é subjeita á objecções como direi adiante.

Segundo o testemunho de Lyell, os vestigios humanos mais antigos que se hão encontrado na America indicam a presença do homem no principio da época quaternaria. Esses vestigios não são por certo os mais antigos; estes devem ser encontrados nas regiões mais altas, as quaes até hoje estão inexploradas.

Ainda assim, a antiguidade do homem americano é grande, porque precede ás primeiras emigrações dos Aryas na Europa, e remonta até a data do periodo paleolithico da parte oriental d'aquella região (1).

A consequencia que resulta d'estes factos é, que o homem tinha apparecido na America muitos mil annos antes do descobrimento do continente pelos europeos.

ANTIGOS CRUZAMENTOS.

Tudo nos induz a crer que ao tempo da descoberta haviam aqui na America duas raças, uma— que é tronco :

(1) Lyell's *Princ. of Geology* — tom. 2.º, pag. 479. London 1872. . . . « porém o estabelecimento da humanidade na America, apesar de ser um facto comparativamente recente, pôde remontar até o periodo paleolithico da Europa Oriental. Algumas das ultimas transformações do valle do Mississipi e seus tributarios puderam ter lugar quando já era possivel sepultar restos humanos e os de algumas das especies de animaes extinctos, e, atravez do periodo d'essas mudanças geographicas, a cadeia dos Andes podia estar ainda prolongada desde o Canadá até a Patagonia, facilitando assim o desenvolvimento d'uma só raça d'uma extremidade a outra do continente. »

a vermelha — cuja existencia remonta como disse a muitos mil annos ; outras cruzadas com raças brancas.

Um dos cruzamentos com o tronco branco deixou de si documento mais authenticico do que os em que se assenta a historia, e esse documento são milhares de raizes sanscricas que se encontram no Quichua, segundo a comparação feita pelo Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, em sua recente obra — *Raças Aryanas no Perú* ; identicos vestigios se encontram em outras linguas, como o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg em sua *Grammatica da lingua Quiché, e seus dialectos*.

Existindo nas raças indigenas do Brasil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobre tudo entre os que fallam a lingua tupi, e não existindo n'esta lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no Quichua, segue-se que a raça branca ariana, que com os Yncas cruzou o tronco vermelho do Perú e America Central, não foi a que cruzou com nossos selvagens.

Encontrando-se vestigios de typos cruzados aqui no Brasil, e devendo os selvagens do Brasil ter emigrado para aqui dos *plateaux* do Andes, em periodo muito anterior á vinda dos Yncas, segue-se que o cruzamento que se nota aqui é de data muito mais antiga. O cruzamento pelos Yncas é um factio comparativamente recente.

Com effeito, os historiadores são accordes em dizer, que a historia dos reis do Perú abrangia um periodo de 400 annos antes da descoberta da America. Laet (2) um dos mais graves e antigos, diz nos que Manco Capac, o fundador da dynastia dos Yncas, veio 400 annos antes da descoberta

(2) Laet, *Ind. Occid.* L. II, cap. 12, pag. 396—ediç. de 1640.

da America (3). Havendo cerca de 400 annos que a America foi descoberta, segue-se que a historia escripta d'essa familia americana não abrange mais de 800 annos.

Mostrarei adiante o como a lingua, o estado relativo de civilisação, as idéas moraes e religiosas, concorrem para demonstrar estas cousas.

Este cruzamento nos veiu das costas occidentaes da America.—O outro veiu provavelmente pela costa Oriental.

O que fica escripto habilita-nos a tirar as duas conclusões seguintes.

1.º O tronco vermelho ou americano é contemporaneo pelo menos do periodo paleolithico.

(3) Muitas pessoas estranharam que se pudesse ter conservado uma chronica completa dos reis do Perú por espaço de tão largo periodo, e por isso pozeram em duvida a exactidão d'estas datas. No entretanto é factó hoje verificado que os Quichuas, nome da nação sobre que reinavam os Yncas, podiam formar e effectivamente formaram verdadeiros livros, por um methodo de escripta chamada QUIPO, e inventado pelos Tahuantinouyanos, o qual consistia na combinação de fios de diversas côres com os quaes perpetuavam o pensamento.

O fanatismo mahometano destruiu a bibliotheca de Alexandria. O fanatismo christão veiu tambem destruir a bibliotheca dos Yncas — Aqui vai o texto do notavel documento, que prova esse factó, descoberto o anno atrazado em Lima, e citado pelo sabio peruano Dr. J. F. Nodal em sua *Grammatica da lingua Quichua*, Guzco, 1872, pag. 95.

Antiqui veró ab Ethnicis conscripti, propter sermonis elegantiam et proprietatem permittuntur, nulla tamen ratione pueris proelegendi erunt. Et quoniam apud Indos litterarum ignaros pro libris signa quedam ex variis fomiculis erant, quos ipsi QUIPOS vocant, atque ex eis non parva superstitionis antiquæ monumenta extant, quibus rituum suorum et ceremoniarum et legum iniquarum memoriam conservant, CURENT EPISCOPI HOEC OMNIA PERNICIOSA INSTRUMENTA PENITUS ABOLERI. Primeiro concilio provincial de Lima, celebrado em Setembro de 1653, cap. 37.

2.º As antigas raças mestiças, datam de tempos immoriaes, havendo talvez muitos mil annos que o sangue do branco cruzou-se com o da primeira india.

A que perido de civilisação haviam attingido esses homens?

Para mim é fóra de duvida que o selvagem do Brasil estava na idade de pedra, e differindo essencialmente n'este ponto dos do Perú, não conhecia a arte de fundir os metaes e nem mesmo os distinguia das pedras, como adiante o mostrarei.

Que vistas foram as da providencia conservando essa pobre raça em tão grande atraso e no primeiro degráo por assim dizer da civilisação, em quanto as outras executavam essas arrojadas conquistas da sciencia que fazem o patrimonio de nosso seculo?

Não o sabemos; mas esse facto em nada autorisa uma conclusão em desvantagem d'esta porção da humanidade, porque todos os anthropologistas e, entre elles, o maior dos mestres modernos, o Sr. de Quatrefages, são accordes em que existem raças brancas em estado mais rudimental e barbaro do que os nossos selvagens, e outras que, por vicios de toda sorte, se degradaram para muito abaixo d'elles.

Essa idade de pedra, pela qual passaram as raças mais

secção 3.ª. A traducção é a seguinte: « posto que sejam permitidos, pela elegancia e pureza da dicção, os livros que nos foram legados pelos gentios, comtudo se não consentirá que elles sejam lidos pelos meninos. E por quanto entre os indios, que ignoraram as nossas letras os livros sejam substituidos por signaes a que os mesmos denominam Quipos, *dos quaes ressaltam os monumentos da superstição antiga, nos em que está conservada a memoria de seus ritos, ceremonias, e leis iniquas,* POR ISSO, OS BISPOS DEVEM CUIDAR DE QUE TODOS ESSES INSTRUMENTOS PERNICIOSOS SEJAM EXTERMINADOS.

E assim apagou-se para sempre uma das mais curiosas paginas da historia da humanidade !...

adiantadas da humanidade, tem seus periodos que dividiremos assim :

1.º Desde a criação do homem com seus instrumentos e armas de páo quebrados dos troncos, e de pedra lascada, até os instrumentos de pedra polida.

2.º Desde essa idade até a da fundição dos primeiros cylindros, que deram em resultado a industria ceramica, a qual tão profundas modificações deveu trazer na vida economica da humanidade, permittindo o uso do fogo para cozinhar seus alimentos, industria que foi mais importante para a humanidade n'aquelle tempo, do que a descoberta do vapor ou da electricidade o foi para nós.

3.º O que vai da data da fabricação dos primeiros vasos de argilla até a descoberta da arte de fundir o ferro, que deveu ser empregado muito depois do ouro e do cobre attenta a sua maior difficuldade em ser fundido.

A qual d'estes periodos attingiu a civilização de nossos selvagens? O que era ella em relação as diversas fórmulas de manifestação da actividade humana?

E' o que passamos a investigar, detendo-nos de principio nas diversas applicações que os selvagens faziam do fogo, o que, além de auxiliar-nos no estudo, por que o uso do fogo é o ponto de partida de todos os periodos de civilização, será curioso para o leitor remontar commigo a essa vida rude de nossos selvagens, que eu aprendi a conhecer em longas e demoradas viagens no interior.

E' fóra de duvida que todás as tribus do Brasil conheciam e conhecem o uso do fogo.

E' fóra de duvida que todas ellas desconhecem os meios de fundir os metaes ; exceptuado isto, applicavam o fogo a variadissimos misteres.

Algumas conhecem a industria ceramica, e outras não. Ha uma grande differença nos habitos e costumes dos que

conhecem esta industria em comparação dos que as não conhecem.

O FOGO COMO AUXILIAR DO SELVAGEM

Todas as tribus que eu conheço de vista propria, e aquellas de que tenho noticia por meio da relação e tradição d'essas com as quaes tenho estado, empregam o fogo em diversos misteres e como auxiliar á vida :

1.º Para assar alimentos ; este uso é commum a todos.

2.º Para cozinhar alimentos ; este costume é peculiar ás tribus que usam de alimentos cozidos, que são unicamente aquellas que, conhecendo a arte ceramica, possuem vasos onde é possível realisar-se esta operação.

3.º Para preparar conservas alimentares pelo processo da moqueação (permittam-me a expressão tupí por que nós não temos na lingua portugueza um verbo que substitua o *moquear*). Este methodo de preparar conservas de carne, peixe e fructas, que elles conseguem moqueando estas substancias, isto é, submettendo-as a um calor muito lento, porque não se moquea bem uma carne sem o espaço de 3 dias, é para elles um recurso preciosissimo por que, não conhecendo o uso do sal, não teriam meio algum de preservar e fazer conservas de substancias azotadas. D'estas conservas ha uma, o *piracuhj* ou farinha de peixe, que goza de grande e merecida reputação ; remettida para uma das exposições de Londres, mereceu as honras de ser classificada como a mais perfeita das conservas de peixe. Uma outra conserva, não menos notavel, é a que fazem da carne do peixe boi por meio do fogo e graxa do mesmo animal, e que é conhecida no Pará sob o nome de *mixira* ; entre conservas de fructos, por meio do fogo, ha a que constitue a deliciosa bebida conhecida em toda a America do Sul, e

hoje muito vulgarisada na Europa, — debaixo do nome Mauez de — *guarand*.

4.º Empregam o fogo para coagular gommas, — como a da borracha, que constitue hoje um ramo de commercio que vale de 6 a 7 mil contos annuaes ; — para fundir e condensar resinas — citarei entre outras : a do breu indigena, que é hoje o que eu emprego exclusivamente nos barcos do Araguaya ; produzido por uma fuzão de cera de abelha e resinas de diversas arvores, é mais duravel do que aquelle que nos vem da Europa. Com o fogo condensam tambem a resina da massaranduba, que hoje já se exporta com o titulo de *gutta percha*. Condensam tambem algumas substancias estimulantes, e destinadas a substituir o sal, como seja : o caldo da mandioca de que preparam uma conserva que vende-se no Pará, e de que fazem alli um grande uso, intitulada *tucupy*. Preparam tambem por sublimação um veneno acre com que hervam as pontas das flechas, para conseguir com promptidão a morte dos animaes que atacam. Extrahem tambem, com um processo combinado de fogo e maceração, productos alimentares de certas amendoas, sendo celebres entre estes as famosas bebidas *uassahi* e *bacaba*, celebres não só por serem alimentos de primeira qualidade para pessoas debilitadas por doenças ou idade, como tambem pelo peregrino do sabor e perfume, tão delicado que mereceu d'um viajante americano o exclamar que : d'essas bebidas, cuja tradição, segundo elle, foi levada pelos phenicios ao velho mundo, nascêu a idéa do nectar e da ambrozia dos gregos. Uma outra gomma que preparam com o auxilio do fogo, e que constitue um tão poderoso recurso para o regimen alimentar dos enfermos nos extensos valles do Amazonas e seus afluentes, é o amidon da mandioca, com o qual fazem a deliciosa *tapio-cuhy* ou farinha de tapioca.

5.º—O quinto grande emprego do fogo consiste em utilisal-o para auxiliar a industria de trabalhar a madeira ; debaixo d'este ponto de vista, empregam-no para derribar as grandes arvores de que necessitam para suas embarcações, accendendo junto a seus troncos uma fogueira que em pouco tempo abate os mais altivos ; com o fogo abrem-lhe bojo ; é assim que fazem as suas canôas ou *ubds* como as denominam. Com o fogo vergam e espalmam os mesmos troncos de modo a fazer uma canôa muito mais larga do que era o primitivo madeiro—são as que os tupis denominam *ygara*.

6.º — Usam do fogo como meio de fundir, ou melhor, de cozinhar a argilla para preparar vasos de agua (*ygaçaba*) urnas funerarias, panellas, estatuas, brinquedos para criança, assovios para arremedar passaros, etc.

7.º — Usam do fogo empregando-o como auxiliar da caça, meio de signal para se darem uns aos outros advertencia ao longe, e para a agricultura. Como auxiliar da caça, por que fazem pequenas queimadas no meio dos campos ; os veados (*suassú*), attrahidos pelo cheiro da queimada, procuram-na para lambar a cinza ; o indio, que está em um palanque construido em cima d'uma arvore, palanque a que elles denominam *mutá*, flecha o veado a seu salvo, e sem cançar-se. Outro auxilio que tiram do fogo para a caçada é o de : — quando os *caetetus* (especie de porcos) e pacas se *entocam*, os indios, que não possuem enchadas para desemboscal-os, empregam o meio muito simples de accender fogo na porta e, com um abano de taquara, impellem para dentro a fumaça, de modo que, os animaes quasi asphyxiados dentro, vêm-se forçados a sahir para fóra onde são apanhados.

Do fogo se auxiliam tambem para poder tirar o mel de certas abelhas bravas, accendendo um facho com que se approximam da colmêa dos *ichú*, *mandaguahy*, *arapua*, *sanha-*

rão e outras, de que nem um europeu ousaria approximar-se.

Como exemplo do auxilio que lhes presta o fogo servindo-lhes de telegrapho ou meio de fazer signaes, direi : é impossivel chegar ás aldéas dos *Carajás* no Araguaya, mesmo a vapor e de aguas abaixo, e ellas se estendem em uma zona de quasi 30 leguas, sem que as ultimas aldéas debaixo tenham aviso prévio da chegada do *cotédão*, como elles denominam os vapores ; o meio de que se servem é accender fogueiras, esperando hora em que não haja vento, porque a fumaça sobe em columna para o ar. Quando andam em caçadas, servem-se tambem d'esse meio para indicarem o lugar em que está o chefe, porque o costume é o de espalharem-se de dia, e reunirem-se a noite para dormir. Não duvido asseverar que elles usam d'estes signaes com certa perfeição, de modo a designarem não só a presença d'um chefe, porém qual dos chefes está presente, e affirmo isto porque já se tem dado comigo esse facto mais d'uma vez.

Um outro emprego do fogo como auxiliar da pesca é o seguinte : á noite os peixes de escama procuram os baixios, para não serem devorados pelos enormes peixes de couro, da familia dos *syllurus*, que n'essa hora procuram de preferencia suas presas. Os indios fazem com madeira rachada de ipé um facho ; levam brasas na conôa, e chegando ao baixio, accendem o facho ; é de ver-se o como os peixes começam a saltar e a cahir dentro da canôa, ás vezes em tal abundancia que dentro em pouco tempo a enchem. Para concluirmos com os diversos partidos que os indios tiram do fogo como auxiliar da caça e da pesca, eu referirei uma singular caçada á que assisti junto a um lago das margens do Araguaya : Tendo-me encontrado com uma partida de *Chambiods* que andavam caçando, segui com elles para um lago que diziam ficava a não muita

distancia da margem. Effectivamente lá chegamos com legua e meia de marcha, e elles, depois de verificarem d'onde vinha o vento, prenderam fogo ao campo em semi-circulo, de modo a cercar com o incendio aquella parte do lago em que nos achavamos, para o fim, diziam elles, de caçarmos *mussuans*, especie de tartarugas de terra firme, pequenas mas de sabor delicadissimo, que existem em todo valle do Amazonas. Com effeito esse methodo de caçar com o fogo é excellente, por quanto, apenas o incendio começou a a ganhar uma certa extensão, os *mussuans* começaram a procurar o lago, onde nós os apanhavamos em abundancia e com grande facilidade; dentro em pouco porém, de envolta com *mussuans*, começaram a vir cobras que, como elles, vinham procurar no lago um asylo contra o fogo—e as cobras, filhos de jacarés e outros reptis, eram tantos que nós os christãos, (*tory* nos chamam) subimos sobre arvores, deixando aos *Chumbiods* o resto da caçada; e nem elles, familiarizados naturalmente com aquillo, desistiram d'ella senão quando o fogo chegou tão proximo que o calor tornou-se insupportavel; circumstancia em que nos mettemos pela agua á dentro, e atravessamos o lago, conduzindo enormes collares das taes tartarugas presas pelos pés á cipós.

E' com estes e outros engenhosos e faceis meios de obter caça que se explicam as enormes viagens do capitão-mór Bartholomeu Bueno Anhanguera com 200 e mais pessoas por esses sertões, sem conduzir provisões. E' o que explica tambem a facilidade com que eu mesmo tenho feito tão longas viagens pelo sertão, conduzindo muita gente e raras vezes sem conduzir outros viveres além de sal, farinha, café, e assucar, porque os indios, que sempre levo n'essas expedições, supprem-nos com rara abundancia de peixe, caça, mel, e quantidade de batatas—a rude mas sadia mesa do viajante do sertão.

Uma cousa que não deixa de ser curiosa é que os indios como todos sabem, tiram fogo da madeira, e n'isto parece que elles são inventores originaes d'esse processo, porque pelo que supponho os outros povos rudes servem-se para este mister, da pedra. Este processo de tirar fogo da madeira qualquer não o póde empregar sem saber o como se faz, e é assim: — toma-se um cerne de madeira dura que esteja perfeito no centro, mas que tenha uma camada de alguns oitavos de pollegada já poida; faz-se com a unha uma covazinha na madeira já poida, e n'ella colloca-se a extremidade d'uma vareta de madeira de cerne bem duro e, tomando esta ultima entre as palmas das mãos, imprime-se-lhe um movimento rotatorio rapido; ao cabo de alguns minutos o fogo prende-se ao pó da madeira poida, communica-se a ella e assim se o accende.

8.º— Servem-se do fogo como meio de elevar a temperatura nas noites frias, ou quando estão molhados para enxugarem-se. As nossas tribus sul-americanas, pelo menos as que estão comprehendidas entre o valle do Rio da Prata e do Amazonas, não usam de especie alguma de vestido senão como enfeite; é o fogo quem restabelece o equilibrio indispensavel a saude nas mudanças de temperatura, que tão sensiveis devem ser a corpos que não estão protegidos por nenhuma especie de vestimenta. Nas noites de neblina e frio, e as ha bem frias n'esses chapadões de campinas desabrigadas que dividem a bacia do Rio da Prata da do Amazonas, elles accendem grandes fogueiras junto as quaes se assentam os velhos, contando aos guerreiros as historias das guerras e emigrações da tribu, enquanto os mancebos dançam e cantam em torno d'ellas. Quando dormem em suas redes nas noites frias, accendem por baixo um fogo, que fica mais ou menos correspondendo a altura do peito. Empregam tambem o fogo como agente therapeutico nos

casos de serem mordidos por animaes peçonhentos, como cobras e arraias; não queimam as chagas como nós fazemos — chegam o membro ferido junto ao fogo, emquanto podem supportar o calor, retiram-no para depois approximal-o de novo até que a dôr seja succedida por uma especie de torpor ou dormencia; eu já fui curado assim por elles.

Com o que levamos narrado vê-se que os indios sul-americanos com estes variadissimos usos que fazem do fogo, sabem tirar d'elle pelo menos tanto partido quanto tira o nosso homem do povo, e mais ainda, porque o applicam em misteres, ou desconhecidos do nosso povo, ou que este tem aprendido d'elles.

IGNORANCIA DO FOGO.

Agora tocarei no seguinte ponto: será exacto, como referem alguns escriptores, entre outros o padre Jaboatão em sua obra o *Orbe Serafico*, que algumas tribus americanas desconheciam o uso do fogo e comiam carnes crúas?

Não é exacto, e tenho para asseveral-o dois fundamentos: — pelo que fica exposto vê-se que os indigenas sul-americanos não só conheciam o uso do fogo como alguns d'elles estavam já no segundo sub-periodo de civilisação primitiva, isto é: n'aquelle em que se emprega o fogo para queimar vasos de argilla.

Ora, não é verosimilhante que, se muitos annos antes da descoberta da America algumas tribus já estavam no segundo sub-periodo da idade de pedra, houvessem algumas ainda no primeiro periodo, isto é, n'aquelle em que o homem não conhece o uso do fogo. D'esses objectos de argilla, que pela posição onde os encontrei, no fundo d'um aterro, denotam uma grande antiguidade, trouxe aqui dois a saber: um é a cabeça d'uma estatuazinha de

homem ; o outro é um assovio para imitar artificialmente o canto do inanbú, especie de perdiz de excellente carne, que até hoje elles matam, escondendo-se e imitando-lhe o canto, ao qual ella acóde no presuppuesto de ser o d'um companheiro.

Sabemos que a familia indigena que mais se estendeu na America do Sul foi a *guarani* ou *tupí*, nomes estes que para mim indicam quasi a mesma cousa. Ora, todas ellas têm a palavra *tatá*, fogo— *tata-itá*, pedra de fogo ou com que se tira o fogo—*tatá qui ce*, para exprimir a palavra fuzil. Ora, não é rasoavel suppôr a ignorancia da existencia d'um elemento cujo nome serve de componente d'outros que exprimem objectos proprios para a cada momento reproduzil-o ; por tanto tenho para mim que a opinião do padre Jaboatão, Simão de Vasconcellos e outros, é a este respeito sem fundamento.

FUNDIÇÃO DE METAES.

Examinemos agora uma outra questão para terminar este segundo capitulo : Os indios sul-americanos conheciam algum metal ?

Não conheciam. Os antigos historiadores referem-nos que quando Solis penetrou no Rio da Prata encontrou os indios de suas margens com objectos d'esse metal.

Encontrei em Matto-Grosso um roteiro d'um filho do capitão-mór João Leite Ortiz, companheiro do Anhanguera, o qual refere que os indios *Ardes* traziam ao pescoço pequenas chapas de ouro.

O primeiro facto explica-se pelo contacto em que os indios do Chaco deviam estar com os *Quichuas* e mais nações debaixo do governo dos Yncas que, como é fóra de duvida, conheciam não só o arte de fundir como de moldar e trabalhar o ouro, o cobre e a prata.

O 2.º facto explica-se assim : o que os indios traziam ao pescoço eram folhetas d'ouro taes quaes se ellas encontram na natureza, quando muito batidas. D'este ornato usam até hoje os sertanejos do norte de Goyaz.

Não creio que nossos indios conhecessem a arte de trabalhar nem um metal, pelas seguintes razões :

Porque, todos os outros elementos indicam que elles estavam ainda em um periodo de civilização mais atrasado do que aquelle que suppõe a arte de fundir os metaes ;

Porque, tendo eu estado em contacto com tribus das mesmas regiões nunca encontrei entre ellas o menor vestigio de metaes ;

Porque, tendo eu feito e mandado fazer escavações em antigos cemiterios indigenas, e encontrando quasi todos os objectos de pedra ou argilla de que elles se serviam, nunca encontrei nem soube que ninguem encontrasse objecto algum de metal como seria tão natural, e como succede nos tumulos dos *Quichuas*, dos *Asteques* e d'outras tribus que attingiram a um grão de civilização mais elevado.

Porque, finalmente, a lingua tupi, de todas a mais adiantada entre as sul-americanas, confunde a idéa de metal com a de pedra ; é assim que os metaes que viram em nosso poder, ou objectos de metal, elles o traduziram para sua lingua por palavras cuja radical era pedra : ouro, elles traduziram por *ita jubd* (ou pedra amarella) ; ferro, *Ita-una* ou pedra preta ; prata, *ita-tinga* (ou pedra branca), cobre, *ita jubd rana* ou pedra de amarello falso ; os objectos que são entre nós necessariamente de metal, tem a mesma radical *ita* em sua traducção ; por exemplo : faca, *ita quice* ; sino, espada *ita nhaen*, *ita tacape*.

Óra, é muito natural que em linguas de tão faceis transmutações de vocabulos, como são estas e em geral todas as que como ella estão ainda no periodo de aglutinação, é

muito natural que, se os indios tivessem dos metaes uma idéa distincta da pedra, tivessem para expressal-a um vocabulo que não fosse aquelle pelo qual se exprime essa idéa.

A vista de quanto fica exposto eu concluo :

A grande familia sul-americana, excepto a familia mestiça que esteve debaixo da influencia dos Yncas havia attingido o periodo da civilisação denominado : IDADE DA PEDRA POLIDA.

Encontram-se no Brasil vestigios d'um periodo de civilisação anterior a este ? Ha instrumentos que denotem que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação intitulado IDADE DA PEDRA LASCADA ? Nossos selvagens, que já eram agricultores, não tinham sido pastores ; como explicar estes factos ?

Estudamos essas questões no capitulo seguinte.

III

O HOMEM NO BRASIL

Periodo em que se deu a primeira emigração para o Brasil, avaliado pela falta de instrumentos de pedra lascada. — Periodo pastoril. — Ausencia de monumentos. — Periodo geologico em que se encontram vestigios humanos no Brasil.

Concluimos o capitulo precedente assignalando o facto de que todos os selvagens do Brasil haviam chegado a idade da pedra polida.

Passamos agora a assignalar dois factos que nos parecem de importancia, e que ou não hão sido notados pelos escriptores que se tem occupado da ethnographia do Brasil, ou não tem ligado a elles a importancia que nós lhe attribuimos. Queremos fallar : primeiro, da ausencia de instrumentos ou vestigios demonstrativos de que nossos selvagens hajam passado pelo periodo de civilisação que importa o uso de instrumentos de pedra lascada ; segundo, que elles hajam chegado a ser agricultores sem haverem sido pastores. Estes factos vão quanto a mim lançar não pequena luz respeito ao periodo em que o Brasil recebeu seus primeiros povoadores. Analyseemos os factos.

FALTA DE INSTRUMENTOS DE PEDRA LASCADA.

A anthropologia demonstra que o homem physico passou sempre d'um periodo mais atrazado para um mais adiantado; a historia demonstra a mesma cousa a respeito do homem moral. Toda raça que é encontrada no periodo em que usa de metaes teve sua idade de pedra. Toda que é encontrada com instrumentos de pedra polida teve seu periodo de instrumentos de pedra lascada.

Nem na collecção do Museu Nacional, nem na do Instituto Historico, nem nas obras dos viajantes, nem entre mãos de particulares que em S. Paulo, Minas e Pará conservam instrumentos indigenas, nem em minhas viagens, nem em leitos de rios, nem em desmoronamentos de aterros antigos dos selvagens em que tenho recolhido alguns objectos de grande antiguidade, nunca encontrei um só instrumento de pedra lascada, nem mesmo a menção de taes objectos.

Certamente que a raça ou raças selvagens do Brasil passaram por esse periodo; qual a razão pois porque não se encontra um só vestigio d'essa idade, tendo-se aliaz encontrado

d'outras em lugares que deviam preservar perfeitamente tudo, como é o fundo dos grandes e antiquíssimos aterros, que existem nas provincias do Pará e Matto-Grosso ?

Se bem que instrumentos d'esses, se existissem, não teriam escapado a observação de homens da força de Humboldt, Martius, Saint'Hilaire, Castelnau, Hartt, Liais e outros, com tudo, como eu não havia ainda visitado museu algum onde existissem collecções de instrumentos d'esse periodo, julguei que a pedra lascada pelo homem para seus usos grosseiros, devendo differir muito pouco da que o fosse casualmente, não podia despertar a attenção dos brasileiros do interior, que são ordinariamente os que colligem os instrumentos antigos dos indios de cujas mãos os recebem os viajantes.

Tive porém occasião o anno passado de ver uma collecção de instrumentos de pedra lascada dos selvagens da França, pertencente a S. M. o Imperador.

A vista d'esses objectos encheu a principio o meu espirito de duvidas, fazendo-me claramente comprehender que era falsa a razão que até então me havia parecido verdadeira para explicar a não existencia de taes objectos nas collecções que se hão feito de instrumentos de nossos selvagens. Com effeito, se bem que taes instrumentos indiquem a mais rudimental infancia da arte, com tudo é impossivel examinal-os sem reconhecer que foram lascados, não pelo acaso, e sim por um ser intelligente ; é assim por exemplo, que as partes destinadas a cortar abrem-se e espalmam-se, á proporção que se contraem e ao mesmo tempo se engrossam aquellas que são destinadas a ser empunhadas ; em muitas o côrte descreve um arco de circulo, e revela-se já no grosseiro instrumento a forma dos côrtes dos machados de aço fundido que a raça branca inventou muito depois de conhecer o uso do ferro. Estas e outras particularidades indicam por parte do fabricante do instrumento a intuição

de leis mechanicas que é partilha exclusiva da humanidade, e impediriam ao observador de confundir os instrumentos de pedra lascada, com as pedras que casualmente o fossem, ou por effeito de phenomenos naturaes, ou pela acção não intencional do homem.

Por tanto, se não appareciam, é por que não existiam. Como explicar a não existencia de taes instrumentos?

Não se pôde suppôr que o nosso selvagem fosse uma excepção de regra, que até o presente a não tem encontrado na familia humana.

A unica explicação que ha para esse factó é que o Brasil só possuiu os seus selvagens por via de emigração, e que esta deveu ter tido lugar depois que esses homens haviam transposto em outra região o primeiro periodo da civilisação ou barbaria humana.

Esta prova é robustecida por uma outra deduzida tambem de instrumentos de pedra, e é a seguinte :

Na provincia de Matto-Grosso existem á margem do Cuyabá e do Paraguay grandes aterros feitos pelos antigos indigenas com o fim de, elevando o solo acima do nivel das maiores enchentes, tornarem habitavel uma região de sua natureza baixa, e que por tanto se cobre d'agua durante a estação pluvial. Entre os aterros do rio Cuyabá citarei o que deu o nome ao furo do Bananal, e que é especialmente notavel por seu tamanho, e pelo trabalho que devia ter custado a homens que nem conheciam o uso do ferro para preparar objectos onde pudessem carregar a terra, e nem eram auxiliados por nenhum animal de transporte como o eram os peruanos com o *guanaco* a *lhama* e talvez a *vicunha*, e a *alpaca*.

Em a bacia do Amazonas conhecem-se numerosos d'esses aterros, e alguns d'elles, talvez os mais notaveis, na ilha de Marajó onde entre outros ha um que é uma ilha artificial

dentro do lago Arary. Esses aterros, mais ou menos extensos, affectam por vezes formas de animaes ; ha um no centro de Marajó sobre o qual já eu passei, que affecta a fôrma d'um jacaré colossa! sobre cujo dorso deveu viver outr'ora uma tribu inteira, e que serve ainda hoje para lugar de construcção de casas dos fazendeiros de gado e seus vaqueiros, que habitam aquella região que se cobre d'agua durante as cheias do Amazonas.

Considerando-se que as regiões onde elles existem são alagadiças em muitas dezenas de leguas ; que, se as tribus eram errantes e nomades, as guerras em que andavam continuamente umas com outras, as deviam impedir de alargarem-se por muitas leguas d'essas regiões, vê-se que elles, desde que occuparam taes regiões começaram esses aterros, sem os quaes seria impossivel explicar sua existencia durante a estação pluvial em lugares que se convertem em verdadeiros mares mediterraneos.

Portanto, o principio de taes aterros é mais ou menos contemporaneo da occupação d'essas regiões pelos selvagens.

Pois bem, no fundo d'esses aterros encontram-se as mais antigas urnas funerarias, sem comparação mais grosseiras, tanto pelo preparo da argilla como pela estrutura e lavores, do que aquellas que se encontram nas camadas medias e superiores.

Se os principios de taes aterros são contemporaneos mais ou menos da povoação d'essas regiões, o estado de civilisação que elles indicarem será o estado de civilisação dos selvagens quando para ahi emigraram. Dentro d'essas urnas encontram-se não só instrumentos como ornatos de pedra polida, a que no Pará chamam *itan*, além de que a propria urna funeraria, de argilla cozida, indica só por si um periodo de civilisação mais adiantado do que o da pedra lascada.

Por tanto, quando esses selvagens emigraram para essas regiões, já haviam transposto aquelle periodo de civilisação.

Não é só n'este genero de industria que os vestigios de nossos selvagens indicam uma solução de continuidade entre o periodo de civilisação em que os encontramos, e os periodos de civilisação que deviam ter percorrido antes de chegar a esse.

Vamos mostrar a ausencia no selvagem do Brasil d'um periodo não menos importante do que aquelle cuja falta vimos de assignalar isto é: a do

PERIODO PASTORIL.

A philosophia e a historia ensinam, que o homem em relação a industria alimentar foi primeiramente caçador e pescador, depois pastor, e só depois de haver percorrido esses dois periodos é que foi agricultor.

A agricultura suppõe habitos de vida sedentaria, e usos que excluem grande parte da primitiva barbaria do homem.

E' facto fóra de duvida, que nossos selvagens eram já agricultores muitos annos antes da descoberta da America.

Fallei acima dos grandes aterros na bacia do Paraguay e do Amazonas. Esses aterros conservam ainda vivos os testemunhos de sua agricultura porque são povoados de bananeiras (*pacovay* ou *pacova-ybira* ou *pacova-ytyba*), de que os paraenses e os habitantes da provincia do Amazonas formaram o vocabulo portuguez, vulgar n'essas provincias, de *pacoval*.

Em uma fazenda de Marajó que pertenceu ao Sr. senadar Leitão da Cunha e que é hoje propriedade do meu amigo o Dr. J. J. de Assis, existe uma grande plantação de cajueiros seculares que deu o nome á fazenda, o qual cajual foi plantado, muitos annos antes da descoberta da America,

pelos *Aruans*, tribu que habitou outr'ora a face da ilha de Marajó que fica contra o oceano.

Os viajantes antigos e modernos attestam todos a existencia da arte da agricultura mais ou menos desenvolvida entre os selvagens.

Eu tenho estado em aldéas que nenhum contacto tem tido com a raça conquistadora nos sertões do Araguaya ; tenho conversado com chefes indigenas, entre outros o dos *Cahiapós* de nome *Manahó*, que me dão noticias dos indios do *plateau* do Xingú, inteiramente desconhecidos de nós ; quer pela vista, quer pelas relações ouvidas, todos esses indios cultivam entre outras as seguintes plantas : a mandioca, cujo conhecimento attribuem a revelação sobrenatural, assim como os *Aryas* attribuem a um Deus o conhecimento do trigo ; cultivam a bananeira, o cará, e diversas especies de batatas e tuberculos farinaceos que são poderosos auxiliares de seu regimen alimentar.

D'elles aprendemos nós a cultura d'essas plantas, assim como do cacáo, tão importante hoje como artigo de exportação. Ainda é cultivado exclusivamente por elles aquella planta mais rica em theima do que o chá e o café com cuja baga preparam os pães de guaraná, tornando-se a tribu dos *Mauez*, que habita o valle do Arinos, famosa entre as outras pela excellencia d'este producto, que começa hoje a ser notado nos mercados europêos.

Não só conheciam os rudimentos da agricultura ; as primeiras intuições de chimica já lhes tinham apparecido ; foi d'elles que aprendemos esse processo de adubar o solo por meio de queimadas, processo destruidor e barbaro, não duvido, mas com o qual temos enriquecido, sem o qual seria talvez impossivel a agricultura em nossas mattas, e que ainda é o mais geral em todo o Brasil. Sabiam tambem extrahir alguns principios simplicies das plantas, entre os quaes

a *tapioca*. Conheciam processos de fermentação pelos quaes preparavam excellentes conservas alimentares e proprias para estomagos enfraquecidos pela acção de miasmas paludosos, entre outras citarei os bolos de *carimã*, com os quaes quasi todos nós fomos alimentados durante o periodo de nossa infancia.

Por tanto, tinham não só attingido ao periodo de agricultura, mas já não estavam muito na infancia, e prova-o o termos nós adoptado muitos dos seus processos, que, se não são os mais conformes com a chimica agricola, são os mais faceis, e por tanto os mais praticos para nós, dadas as circumstancias em que nos achamos.

No entretanto não ha o menor vestigio de que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado uma só especie zoologica brasileira, para ser sua companheira na vida sedentaria que deviam levar aquellas tribus que se tinham mais detidamente entregue a agricultura.

Quando eu li esta parte da memoria no Instituto Historico foi suscitada a seguinte objecção, cuja difficuldade eu não dissimulo :

Os selvagens do Brasil não foram pastores porque as especies zoologicas da região que habitavam se não pres-tavam a isso.

Se o argumento da falta do periodo pastoril fossé isolado no intuito de demonstrar a povoação do Brasil posterior a esse periodo, eu cederia d'elle porque não posso desconhecer que a justeza d'essa observação lhe tira em grande parte a força; mas não é isolado; já mostrei atrás que esta irregularidade apparente na marcha da civilisação indigena manifesta-se tambem pela ausencia do periodo da pedra lascada; por esse motivo me parece que a ausencia

do periodo pastoril merece, não obstante a escassez de familias domesticaveis, ser tomada em consideração.

Certamente que não temos no Brasil uma só familia que possa ser equiparada ao boi, ao carneiro e ao cavallo, preciosos companheiros das raças do velho mundo. Mas temos familias equiparaveis ao porco, ao gato, ao cão, a gallinha. O *quechada*, o *baracdjá*, o *guard* ou lobo, o *mutum* e o *jacú* seriam sem duvida alguma especies domesticaveis se alguma causa, cuja existencia suspeitamos, mas que por ora não podemos determinar qual seja, o não houvesse obstado.

Isto me parece tanto mais verdadeiro, quando é certo que os indios do Perú domesticaram a *lhama*, o *guanaco*, a *vicunha*, o *gato* e alguns outros animaes de habitos não menos selvagens no estado de natureza do que os de que eu fallei acima.

Uma outra consideração que concorre para robustecer esta interpretação do facto, é o gosto singular que têm nossos selvagens pela presença de animaes em suas aldêas.

Quem visita uma aldêa selvagem visita quasi que um museu vivo de zoologia da região em que está a aldêa; araras, papagaios de todos os tamanhos e côres, macacos de diversas especies, porcos, quatys, mutuns, veados, aves-truzes, seriemas e até *sycurijús*, *giboyas* e *jacarés*, eu já tenho visto n'essas aldêas alimentados pelos selvagens com acurada paciencia. O *cherimbabo* do indio (o animal que elle cria) é quasi uma pessoa de sua familia. Tudo isto concorre para indicar que se a familia selvagem do Brasil não havia domesticado uma só especie, não era por uma aversão a arte de domesticar, e sim por outra causa.

AUSENCIA DE MONUMENTOS.

Assim como não encontramos o periodo da pedra lascada, e o periodo pastoril, factos que nos levam, sobre tudo o



primeiro, a concluir que a povoação do Brasil foi posterior a elles, assim tambem não encontramos monumentos.

Dir-se-ha que nossos selvagens não haviam attingido ao estado de civilisação necessario para taes creações. Não é assim ; os povos mais barbaros os tem erguido.

Nas outras nações da America, e nomeadamente no Perú, elevam-se ainda hoje soberbas ruinas : se os selvagens do Brasil não attingiram a civilisação dos do Perú, não estavam comtudo tão afastados que não podessem ter attestado a sua presença por monumentos, embora mais grosseiros do que os dos peruanos, mas em todo-caso consideraveis.

Não os ha em parte alguma do Brasil a excepção dos aterros das bacias do Paraguay e do Amazonas ; nota-se n'elles escassez de restos animaes que deviam existir em grande quantidade, por que, como é sabido, esses homens, que se nutriam especialmente de animaes vertebrados, deviam ter deixado depositos immensos.

Nem um viajante que eu saiba mencionou até o presente uma só construcção indigena antiga. Eu creio que sou o primeiro que dou noticia d'uma, e é uma especie de forte circular de terra, que existe na ilha de Marajó, na citada fazenda dos Cajueiros propriedade do Dr. Joaquim José de Assis. Esse monumento porém é evidentemente contemporaneo ou posterior aos aterros da mesma ilha.

PERIODO GEOLOGICO A QUE CORRESPONDEM OS MAIS ANTIGOS VESTIGIOS HUMANOS NO BRASIL

Em sua recente e importante obra : — CLIMAS, GEOLOGIA E FAUNA DO BRASIL, — O Sr. Liais pretende que se encontram provas da presença do homem no Brasil durante os primeiros tempos da época quaternaria.

A este respeito diz elle a pag. 240 n. 107.

« O deposito quaternario de seixos rollados ou cascalho do Brasil, que comprehende, como acabamos de vel-o, os depositos auriferos e diamantinos do Brasil, não é desprovido de traços da industria humana primitiva. N'elles se encontram machados de pedra em tudo semelhantes aos de silex dos depositos quaternarios da França, com a differença unica de que são feitos d'um diorito grenitoide, e de serem imperfeitamente polidos. No sitio Lavra, fazenda de Casa Branca, proxima ao Rio das Velhas encontraram-se machados e pilões de pedra, e um vaso de argilla muito grosso, de paredes excessivamente espessas, jazendo no meio de depositos de cascalho aurifero. M. Helmreichen assignalou em depositos diamantinos, ao pé da Diamantina, dardos ou ponta de flecha, dois de quartzo, e um de petrosilex. Nas notas deixadas por Mr. Clausen respeito a um animal de especie extincta, enviado por este viajante do Brasil para o museu de Paris, le-se : Apenas uma vez encontrei entre os ossos d'um animal de especie extincta, *Platyonix Cuvierii*, fragmentos de louça, cobertas d'uma crosta delgada de stalagnite. O terreno não parecia ter sido revolvido. Resulta evidentemente d'este facto a contemporaneidade do homem e d'este animal que só se encontra nos depositos antigos da época quaternaria. Craneos humanos foram descobertos pelo Dr. Lund nas cavernas do Brasil ; mas tendo sido taes depositos revolvidos pela água, elle não ousava affirmar a contemporaneidade do homem no Brasil com os animaes de especies extinctas no meio dos quaes elle encontrou os craneos. »

Não ha negar que estes factos seriam provas irrespondiveis se a idade dos terrenos em que foram encontrados fosse determinada pelos autores que os citam por propria inspecção visual e immediata dos—*cascalhos*.

A este respeito eu me animo a oppôr duvida, porque

o dito d'um mineiro, que affirma ter encontrado taes objectos em um cascalho diamantino ou aurifero, não importa que esse objecto tenha sido encontrado em deposito quaternario.

Eu sou filho d'um districto diamantino ; conheço os depositos de cascalho da Diamantina na bacia do Jequitinhonha, do Abaeté na do S. Francisco, da Bagagem na provincia de Minas, do Verissimo, Pilões, Rio Claro, e Cayapósinho na de Goyaz ; do Passa-Vinte, Barreiro, Rio das Garças, Caxoeirinha, em Matto-Grosso. Em todos estes lugares os mesmos trabalhadores de diamantes distinguem esses depositos em tres camadas, que indicam idades diversas, e para servirmos-nos dos nomes que elles empregam, os chamaremos : *cascalho virgem*, o mais antigo ; *pururuca* o mais recente e de formação contemporanea, e *corrído*, o deposto intermediario entre a pururuca e o virgem. D'estes depositos só o primeiro parece ser antigo, e é a elle sem duvida que o illustre naturalista assigna a velha origem contemporanea das primeiras revoluções da época quaternaria ; sendo todos estes depositos designados pelos mineradores com o nome generico de cascalho: o elles dizerem que um machado de pedra ou resto de louça foi encontrado entre cascalho, não importa de forma alguma o ter o objecto sido encontrado em um deposito quaternario, se a especie de cascalho não fôr examinada pelo naturalista de modo a poder assignar-lhe a idade.

Faço esta reflexão por que já se deu comigo o seguinte facto. Em 1871 remetteram-me á Leopoldina uma mó d'argilla petrificada roixa, e uma mão de pilão de *petrosilex*, objectos que se acham hoje no Museu Nacional remettidos com outros pelo Sr. C. José Agostinho, que me havia pedido que lhe enviasse com aquelle destino quanto eu encontrasse em minhas viagens que pudesse interessar as sciencias na-

turaes. Dizia-me o Sr. capitão Gomes Pinheiro que esses objectos foram encontrados em cascalho diamantino do rio Cahiapó. Verifiquei depois que o cascalho em questão não era virgem, e fiquei na impossibilidade de julgar da idade do deposito.

Quanto aos cacos de louça encontrados no terreno sobre o qual encontrou-se tambem o *Platyonix Cuvierii*, remettido ao Museu de Paris pelo Sr. Clausen, sem duvida nenhuma que demonstra a contemporaneidade do homem com esse animal da época quaternaria, se o terreno não foi revolvido e o animal ou os fragmentos de louça conduzidos para ahi por uma corrente ou qualquer outra causa, visto como o envolucro de stalagmite que os cobre, podendo ser contemporaneo, não é garantia sufficiente de que esses objectos tenham sido encontrados juntos pelo facto de serem contemporaneos.

Me parece, que não se pôde por agora admitir uma tão remota e antiga presença do homem no Brasil sem muita reserva, sobre tudo quando, pelos factos precedentes, mostramos que essa mesma raça já tinha vivido em outra região o tempo necessario para transpor os primeiros periodos de barbaria.

A sciencia ainda não descobriu meio preciso de converter em calculo de tempo os periodos geologicos. John Phillips diz-nos que, tomando por base do calculo o tempo que um rio dos periodos modernos gastaria para accumular sedimentos, os do carvão de pedra de South Wales na Inglaterra teriam exigido o enorme espaço de quinhentos mil annos (4).

Se assim é para um periodo comparativamente curto,

(4) On the whole, then, I have concluded that half a million of years may probably have elapsed during the growth of the precious deposits of the coal formation.

John Phillips, *A Guide to geology*— London—1854.

qual não será o largo espaço de milhares de annos que já decorre da data do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, suppondo que elle aqui appareceu no principio da época quaternaria ?

Embora seja por em quanto impossivel conhecer com precisão o espaço de tempo que decorreu do apparecimento do homem no Brasil até nossos dias, comtudo parece fóra de duvida que ha mais de cem mil annos que elle aqui existe, tendo-se em consideração que os sedimentos da época quaternaria deviam ter consumido muito mais tempo do que isso para serem depositados.

Contando-se o tempo pela vida dos patriarchas tal qual ella foi escripta por Moisés, Adão e Eva não existiram a mais de cinco mil annos. Os textos do Velho Testamento hebraico devem ser revistos porque, pela fórma por que estão traduzidos, elles envolvem um erro que destroe pelos fundamentos toda a theoria da revelação immediata, do peccado original, e da redempção ; por que, assentando-se todas ellas no facto da criação d'aquella familia á cinco mil annos, fica a revelação destruida com a existencia de gerações humanas por muitos milhares de annos antes de Adão e Eva, povoando já todos os valles da terra, inclusive os da America (5).

(5) « Cuvier tinha declarado muitas vezes que o homem fossil não existia e nem podia existir ; na época presente sabemos que elle é encontrado em toda parte onde se o procura.

Tem-se descoberto traços do homem até nas épocas terciarias modernas e talvez nas eocenes. Elle vivia não só com o urso das cavernas, e com o mammoth, mas foi contemporaneo do Mastodonte, do Dinotherium, e do Halitherium ; quanto mais antigos são os vestigios humanos que encontramos tanto mais indicam n'elle sociabilidade e intelligencia rudimentares» (Clemence Royer, *preface de la troisième édition de Darwin, Origine des especes*, Paris 1870.,

As pessoas que se quizerem inteirar da antiguidade do homem

IV

LINGUAS

Classificação das tribus pelas linguas. Classificação morphologica das linguas americanas no grupo das turanas. Classificação segundo a estructura interna das linguas em dois grupos. Grupo das Aryanas. Grupo das linguas Tupis e sua extensão. Indole das linguas d'este grupo. Bibliographia do Tupi, e do Quichua.

Leibnitz, em uma carta ao padre Verjus, dizia : *julgo que nada serve tanto para se poder bem julgar da afinidade dos povos como as linguas.* O grande philosopho tinha razão.

Como veremos no capitulo seguinte as raças aborigenes do Brasil apresentam dois typos: um primitivo, e outros cruzados com raças brancas que deverão ter aportado á America muitos centos de annos antes da descoberta d'ella por Christovão Colombo.

Além de caracteres physicos que demonstram este cruzamento, ha um outro vestigio irrecusavel : é a presença de numerosas raizes sanscritas em certas linguas da America.

Como para a classificação das raças os vestigios deixados pelas linguas sejam documentos de incontestavel valor, antes de entrar n'aquella classificação, vamos estudar a das linguas

sobre a terra podem ler com grande proveito, entre outras, as duas seguintes monographias : de Nadillac, *Ancienneté de l'Homme*, e o celebre Lyell, *Antiquity of Man*.

americanas, assim como os factos que se prendem a taes linguas, e que elucidam mais de um ponto obscuro de ethnographia.

CLASSIFICAÇÃO MORPHOLOGICA.

Sendo a linguistica uma sciencia muito recente, seja-me licito entrar rapidamente em algumas generalidades que concorrerão para tornar mais claro este assumpto de classificação.

O notavel professor inglez o Snr. Max Müller, seguindo as immortaes pegadas da *Grammatica comparada* de Bopp, classificou todas as linguas humanas em tres grandes secções: linguas *monosyllabicas*, linguas de *aglutinação*, e linguas de *flexão*.

São monosyllabicas aquellas em que cada syllaba tem um significado.

São de aglutinação aquellas em que as raizes primitivas, as monosyllabicas, tem em grande parte perdido o seu significado quando isoladas, mas que adquirem um desde que entram em composição com outra raiz. É n'este tronco que devem ser classificadas as nossas linguas americanas, e o seu typo é a lingua turana.

São linguas de flexão aquellas em que as raizes já totalmente se perderam, de modo que o pensamento nunca pôde ser expresso senão por meio de nomes de maior ou menor numero de syllabas, mas que não são uma raiz. O sanscrito e o hebraico são typos n'esta familia, á que pertencem tambem o portuguez e as linguas européas.

Esta classificação, denominada morphologica porque limita-se a fórma externa, a apparencia da lingua, se nos é licito expressarmos-nos assim, significa apenas maior ou

menor gráo de adiantamento de uma lingua; não indica de modo algum qualquer gráo de parentesco entre ellas.

Quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguística, sua filha primogenita, ha de fixar regras de uma classificação mais profunda das linguas, e muito provavelmente esta classificação, partindo de caracteres mais intimos do que a sua fórma externa, ha de auxiliar a classificação das familias humanas e vice-versa, esta ha de por sua vez auxiliar a das linguas.

A anthropologia já tem progredido hoje bastante para poder affirmar que no mundo intellectual não existem factos isolados, assim como não os ha no mundo physico.

Assim como hoje se sabe que o crystal de qualquer mineral não podia ser formado na mesma epocha em que se geraram os vegetaes ou animaes nossos contemporaneos, assim tambem se ha de saber que as linguas n'este ou n'aquelle estado, as idéas religiosas e moraes em maior ou menor gráo de perfeição, pertencem a periodos de desenvolvimento intellectual onde tudo se encadêa, se harmonisa e é relativo, como o são os objectos e phenomenos physicos nos grandes periodos geologicos.

Se a classificação das linguas pela sua fórma externa não indica gráo algum de parentesco com a familia em que ella é classificada, e indica pura e simplesmente o periodo de desenvolvimento em que se acha, o facto de classificar-se o tupi ou guarani no grupo de linguas turanas, não quer dizer que elle tenha o menor gráo de parentesco com linguas asiaticas; indica apenas seu estado de desenvolvimento no periodo em que nós a encontramos.

DOIS GRANDES GRUPOS NAS LINGUAS SUL AMERICANAS

Supposto que as linguas americanas tenham todas chegado ao 2.º periodo de desenvolvimento—o de aglutinação,

resta saber qual o gráo de parentesco que ellas têm entre si.

Os estudos comparados respeito as linguas americanas estão apenas começando agora, e muitos annos decorrerão antes de esclarecer-se completamente este assumpto.

Empregando o methodo naturalista, que não deixa de fazer as grandes divisões pelo facto de não ter dados para fazer as pequenas, propomos que se adopte a seguinte classificação :

1.º grupo: *linguas aryanas*, ou aquellas que contendo centenaes ou milhaes de vocabulos sanscritos, indicam um cruzamento entre os indios da America e aquella grande familia branca: o *quichua*, que era a lingua fallada pelos Yncas, seja o typo predominante d'esta grande divisão, na qual se virá agrupar mais tarde uma outra grande lingua, a saber: o *quiché* com seus dialectos o *chaque-chiquel* e o *zutuil* que, segundo o demonstra o padre Brasseur de Bourbourg, são parentas proximas de linguas europeas aryanas.

2.º grupo: *linguas geraes não aryanas*. N'este grupo se comprehende o tupi e o guarani entre os quaes não ha maior differença do que a que existe entre o portuguez e o hespanhol; assim como comprehendem-se numerosos dialectos d'essas linguas, entre os quaes o dos indios *Kiriris* no qual possuímos um curioso cathecismo escripto em 1698, impresso em Lisboa, de que trato na noticia que dou no fim d'este capitulo, onde escrevo a bibliographia dos dois grupos de linguas americanas: supponho que o segundo dos dois comprehende tambem todas as linguas do Brasil.

LINGUAS ARYANAS DA AMERICA

Parece hoje fóra de duvida que o sanscrito forneceu cerca de duas mil raizes ao quichua.

Relações entre linguas americanas e esta grande lingua asiatica, de onde se originaram sete das grandes linguas actuaes da Europa, haviam sido presentidas de muito.

Os estudos serios de philologia comparada datam da publicação da grammatica de Bopp.

Homens estudiosos não recuaram diante da aridez d'este estudo, e, com indizivel paciencia, escavaram essas minas pedradas de thesouros da antiguidade, e tem feito tantos progressos que talvez não esteja longe o dia em que, com o estudo de uma só grammatica e de um só systema de raizes, se consiga a chave para entender todas as linguas e dialectos de um grupo, fallados pela humanidade.

Com referencia a America, eis o que dizia em 1862 o padre Brasseur de Bourbourg :

« Plus d'un lecteur, en lisant le titre du vocabulaire, s'étonnera du travail comparatif qu'il renferme. En effet, qui se serait douté, il a quelques années, qui s'imaginerait même encore en ce moment, si ce livre n'en apportait les preuves les plus irréfragables, que les langues si longtemps ignorées de l'Amérique centrale offrent des affinités si nombreuses et si remarquables avec les langues dites indo-germaniques, mais surtout avec celles d'origine teutonique(6) ?

Ao passo que esse vigoroso estudo era concluido a respeito das linguas da America central, um outro, não menos profundo, era proseguido com incansavel ardor pelo notavel argentino o Snr. Fidel Lopes.

Auxiliado pelo general Urquiza que collegiu documentos quichuas a peso de ouro, o Snr. Fidel Lopes começou seus

(6) *Grammaire de la langue quiché mise en parallèle avec ces deux dialectes chaque chiquel el zutuul, comprenant les sources principales du quiché comparées aux langues germaniques. Par. 1862.*

estudos comparativos entre a lingua dos Yncas e a em que estão escriptos os Vedas, talvez o mais antigo monumento da sabedoria humana. Auxiliado depois por um distincto egyptologo, que propositalmente foi a Buenos-Ayres, elle publicou o anno atrazado em francez, a sua obra: *Raças aryanas no Perú*, onde apresenta centenaes de raizes quichuas identicas a raizes sanscritas.

O quichua é das linguas americanas a que mais tem sido estudada, como o mostraremos pelo catalogo das obras que sobre ella se hão escripto na America e na Europa.

A conclusão do Snr. Fidel Lopes é a mesma do padre Brasseur de Bourbourg.

Quasi ao mesmo tempo um philologo peruano, o Doutor em leis José Fernandes Nodal, publicava em Cuzco (1872) os *Elementos de gramatica quichua ou idioma de los Yncas*, um volume em 4.º, com 440 paginas, facilitando assim a comparação d'essa curiosa lingua americana com o sanscrito.

Eu não conheço o sanscrito; o que tenho estudado do quichua me não habilita a julgar com tal segurança de sua grammatica de modo a podel-a comparar com a de qualquer das linguas aryanas que fallo. Mas, para ver idéntidade de raizes, basta saber ler, e depois de ter lido os trabalhos dos Snrs. Fidel Lopes, Brasseur de Bourbourg e Nodal convenci-me de que as lingnas de que tratam soffreram profundas modificações em seus vocabularios por vocabulos sanscritos. Uma raça aryana portanto esteve largamente em cruzamento com os indios americanos, e os Yncas ou seus progenitores eram filhos dos *plateaux* ou *araxds* da Asia central.

Ignoro se existe no Brasil alguma lingua que possa com justa razão ser classificada como tendo affinidade com o sanscrito; se ha, o guaicurú deve ser uma d'ellas. Nossos conhecimentos estão porém muito atrazados para affirmal-o ou negal-o por emquanto.

LINGUAS GERAES, NÃO ARYANAS.

A lingua mais geral na America meridional é o *tupí* ou *guarani*. Consinta o leitor que por emquanto confundamos estes vocabulos, visto que dentro em pouco diremos em que consiste a differença.

A respeito da extensão d'esta lingua o benemerito jesuita hespanhol padre Antonio Roiz de Montoya nos diz no prefacio do seu *Tesoro de la lengua guarani*, Madrid, 1639 : *lengua tã universal que domina ambos mares; el del sur por todo el Brasil, y ciñendo todo el Perú.*

Na bibliotheca do Instituto Historico conserva-se um precioso manuscripto em inglez, 2 volumes em 4.º, contendo grammatica e dictionario da lingua tupí, onde seu autor, o Snr. John, Luccock, diz que ella foi tambem fallada ao longo das costas orientaes da America do norte; aqui vão suas palavras: *the language appears to have been spoken along the Western cost of North America* (7).

Que o tupí ou guarani foi, é e será ainda por muitos annos a lingua mais geral da America do Sul, é questão que não pode ser seriamente contestada, desde que se admitta a quasi identidade das duas. Que ellas são quasi identicas não ha a menor duvida para os que a tem ouvido fallar pelos naturaes.

Se assim é, como explicar o facto de ser o vocabulario da lingua brasiliana tão diverso do vocabulario de Montoya? Por exemplo : Quem lê os exemplos citados pelo padre Luiz Figueira e os entende, não entende senão com difficuldade os da arte da lingua guarani do padre Montoya. A quem estudar as linguas por monumentos escriptos isto succederá

(7) Este precioso manuscripto foi doado ao Instituto pelo benemerito consocio o finado Sr. Gonçalves Dias.

sempre, enquanto se não adoptar um alphabeto phonetico que expresse com propriedade sons que nós não possuímos em nossa lingua, e que força foi á aquelles grandes homens representar com as letras do nosso pobre alphabeto. Como as opiniões acerca da grande variedade de linguas americanas sejam exageradas, pela mesma razão porque se exageraram as diferenças entre o tupi e o guarani, isto é, por causa da falta de um alphabeto, consintam-me que me detenha um pouco sobre isto, porque assim ficará esta questão esclarecida. O gammo das notas das linguas americanas é sem comparação alguma mais rico do que o das linguas aryanas, que são mais vulgares entre nós.

Os grammaticos jesuitas chegavam diante de um som que não tinha representante nas linguas que elles fallavam ; era muito natural que o expressassem por uma letra de convenção; como não haviam então os meios de comunicação que temos hoje, porque o Brasil de 1873 está para o Brasil de 1600 fóra de toda comparação, era natural dissemos que essa convenção não passasse além de um circulo limitado.

A palavra agua por exemplo é *y* gutural, em tupi e guarani.

Não ha som algum que possa representar no portuguez, latim ou hespanhol, linguas que eram as conhecidas por aquelles padres, uma vogal gutural, porque essas linguas não possuem uma só. O que era natural que fizessem? Uns escreveram simplesmente um *I* italico com um trema; outros escreveram o mesmo *I* com um ponto em cima outro em baixo; outros escreveram um *y* com um accento particular; outros escreveram *yg*. Portanto, da falta de uma letra que expressasse exactamente o som em questão, resultou que escreveram a mesma palavra por quatro fórmás distinctas, de modo que quem lê, é levado a pensar que haviam quatro expressões para designar a palavra agua, quando

os dialectos antigos e modernos não têm mais que um só vocabulo.

Esta confusão cresce quando a vogal gutural é seguida de vogal nasal aspirada; por exemplo: *sem agua*, que se diz: *y eym*; ora, qual o meio de expressar isto com as letras do nosso alphabeto? Não ha : portanto uns escreveram *iin*, *iji*, outros *igeima*, de modo que nós, que lemos as letras com os sons que ellas representam, em vez do vocabulo tupí temos escripto diversos, dos quaes nem um dá no som verdadeiro.

Um outro exemplo e com elle concludo.

Não temos sons nasaes no principio dos nomes, e por isso não temos meio algum de represental-os sem as convenções supracitadas. A palavra, *cousa*, se diz em tupí *m'bae* que se pronuncia quasi como *umbaé*. Para expressar o som tupy com as letras de nosso alphabeto escreveriamos ou *umbae*, ou *mbaé*, ou *imbae*, ou *embae*, isto são 4 nomes distinctos, dos quaes um só não é o tupí.

A'vista d'isto comprehende-se como, para quem lê a lingua antes de haver educado o ouvido pela falla, cada novo autor que lhe caia nas mãos figura uma nova lingua, ou pelo menos um dialecto diverso, sem haver tal diversidade senão na pobreza e falta do nosso alphabeto, que certamente não podia representar sons que não existem nas linguas para que elle foi feito.

Accrescente-se a isto, que os missionarios hespanhóes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes; e comprehende-se com toda facilidade como o guarani, que não é senão o tupí do sul reduzido a lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupí, o julgava no entretanto

distincto do guarani, como se lê a pag. 100 do seu *Glossaria linguarum brasiliensium*. Elle não conhecia o guarani senão por leitura, e leitura do padre Montoya, de todos o unico que escreveu com signaes especiaes, e que portanto escrevia muito diversamente de Martius que, tendo aprendido o tupi pelo padre Figueira, adoptou muito naturalmente o modo de escrever d'este grande e profundo grammatico.

Outro argumento da differença apparente das linguas tupi e guarani, e estou quasi tentado a dizer de outras linguas americanas, resulta de circumtancias geographicas que serão bem comprehendidas á vista do seguinte exemplo :

No Paraguay se diz, gallinha: *uryguassú*; no Pará dizem os tupis: *çapucaia*. Ora, é absolutamente impossivel encontrar identidade de raizes entre estas duas palavras: *ury guassú*, e *çapucaia*; quem não conhecer a lingua pensará mesmo que os vocabulos pertencem a dois idiomas distinctos; mas, desde que conhecer a significação das palavras, verá que *ury guassú* quer dizer, *perdiz grande*; em verdade a gallinha se assemelha á perdiz; mas, não havendo perdizes no Pará por que não ha campos, o nome de uru era dado a outros individuos da familia que em nada se assemelham a gallinha, e portanto não era natural que elles se servissem do mesmo qualificativo; tomaram o canto do gallo para significar a nova fórma, e assim empregaram a expressão: *çapucaia* que quer dizer: *o que grita*, tanto em tupi como em guarani.

Estes argumentos são clarissimos, mas só podem ser bem avaliados pelas pessoas que entenderem a lingua, e isto infelizmente não é vulgar entre nós, o que é de lamentar-se porque, além de ser quasi a lingua vernacula, é ella o grande vehiculo para levar civilisação e religião a, pelo menos, 500:000 de nossos compatriotas que erram ainda

selvagens pelo meio de nossos sertões, á espera do que lhes vamos levar a civilisação e o trabalho.

Por esse motivo a estes argumentos eu acrescentarei um de natureza historica, e é o testemunho do Dr. D. Lourenço Furtado de Mendonça, prelado da diocese do Rio de Janeiro o qual, na approvação que deu a *Arte* do padre Montoya, diz em 7 de Março de 1630 o seguinte: *y oxald los prelados que allà en el Brasil tenemos nuestras Diocesis tan vezinas al dicho Paraguay, y Rio de la Plata, vieramos en ellas este espiritu, este zelo, e estos frutos, pues confieso que andado yo visitado, me ayudé de uno destos indios traídos del dicho Paraguay para que en el Ingenio adonde estava quedasse con cargo de doctrinar à los otros del dicho Ingenio.* Mas os indios do Rio de Janeiro e S. Paulo fallavam o tupi, logo o tupi é nem mais nem menos o mesmo guarani, com algumas differenças (8).

(8) Entre as differenças uma ha curiosa, e é a tendencia que manifesta o guarani em abandonar as raizes primitivas dos vocabulos aglutinados, e isto demonstra que o guarani é filho do tupi; exemplo: *sicurijú*, é o nome da nossa grande serpente amphibia, em tupi; os guaranis dizem: *curyjú*; *Cahapora*, é o nome de um genio de sua mythologia de que fallaremos adiante, em tupi; os guaranis dizem: *Pora*. *Curupira*, é o nome de outra divindade, em tupi; os guaranis dizem: *Curupim*. *Matim taperé* ou *Saci Cereré* é o nome de outro genio em tupi; os guaranis dizem: *Cééré*; onça, *jaguara* em tupi; os guaranis dizem *jaguá*. Estes exemplos, que eu poderia alongar a um grande numero de vocabulos, indicam que é a mesma lingua em dois periodos: o tupi em um periodo mais primitivo, quasi monosyllabico, conservando com escrupulo as raizes com que formou a aglutinação; o guarani em um periodo mais desenvolvido, aquelle em que a raiz monosyllabica perde a significação para abandonal-a ao vocabulo aglutinado. Portanto o tupi, é a fonte, e por isso denominamos o grupo com o nome de *tupi*.

INDOLE DAS LINGUAS NO GRUPO TUPI'

Um facto que não deixa de ser singular e característico n'este grupo de linguas, é que as suas fórmãs grammaticaes são quasi todas ao inverso das nossas.

Passo a exemplificar isto, porque pôde esta observação levar a comparações de não pequeno interesse.

Todas as linguas conhecidas, e que têm sido objecto de estudos, têm uma unica forma para exprimir as pessoas do verbo, e essa forma é a das terminações; nas indolatinas é assim: *laud-o, laud-as, laud-at, laud-amus, laud-atis, laud-ant*; expressa as pessoas pelo mesmo mechanismo porque o portuguez o faz: *louv-o, louv-as, louv-a, louv-amos, louv-aes, louv-am*. Entre o portuguez e o latim a raiz mudou, mas o mechanismo é o mesmo.

O nosso tupi veio fazer brecha n'essa regra dos philologos, apresentando-lhes um mechanismo tão ou mais simples, porém inverso, e por tanto distincto.

A regra, a que eu alludi acima, e que tenho verificado já em duas outras linguas do Brasil, é a seguinte: todo mechanismo que serve para conjugar os verbos, quando é posposto á raiz nas linguas aryanas, é anteposto no tupi; e o que é anteposto nas linguas aryanas, é posposto no tupi.

Logo: em quanto as linguas classificadas significam as pessoas dos verbos por uma posposição, conservando a raiz em 1.º lugar, o tupi põe a raiz para o fim, e começa por aquillo que entre nós é terminação. A vista d'esta regra, em vez de uma conjugação difficil e obstrosa, o mechanismo dos verbos fica tão claro como em portuguez; aquillo que os antigos grammaticos chamaram artigo, não é senão a mesma

terminação, com a só differença de, em vez de ser posposta é anteposta, exemplo :

<i>Portuguez.</i>	<i>Verbo matar, ajudá.</i>	<i>Tupi.</i>
Raiz. Terminação.		Terminação. Raiz.
mat — o		a — juca
mat — as		re — juca
mat — a		o — juca.

Quando queremos passivar um verbo, em os tempos em que o podemos fazer sem auxiliares, o conseguimos pelo mesmo systema de posposição; elles o conseguem por uma anteposição, e com um mechanismo muito mais simples; qualquer verbo fica passivo desde que é precedido de *nhe* ou *je*, exemplo: *monhanga*, fazer; *nhe monhanga*, ser feito; ao passo que nós conjugamos o nosso auxiliar, e o verbo auxiliado passivado, elles limitam-se a ajuntar a particula citada, e assim, em quanto nas nossas linguas aryanas necessitamos de decorar avultada porção de formulas, elles com duas unicas dizem tudo, com a mesma precisão e com maior clareza. Quando nós passivamos o verbo, usando do auxiliar, collocamos este em 1.º lugar; elles o pospõe, ex: eu tenho de ser morto: *che ajudá pyrama*; *pyrama*, auxiliar só para este tempo, é posposto. Quando queremos negar a acção do verbo, a negação precede; elles cortam a negação no meio e collocam o verbo entre as duas syllabas, exemplo: eu não mato; *ind-ajudá-y*. Quando nós necessitamos de indicar por uma particula que a acção do verbo recahe sobre um objecto, sempre precedemos o objecto de tal particula; elles a collocam depois; já os padres Figueira e Montoya haviam notado este particular dizendo: *n'esta lingua as preposições vão para o fim*, exemplo: Vamos ao Instituto Historico, *Ja-ha I. H. pé*; a preposição *pe, no*, é posposta ao caso regido, Instituto.

A indole do tupi é tão inflexivel n'este particular que, as mesmas preposições copulativas, são arremessadas para o fim da oração e pospostas aos proprios nomes que copulam! Permitam-me mais um exemplo para tornar patente esta singular e característica lei: «eu vim com um bom cão», se diz em guarani: *che aju petein jagua catuété dive*, o que, ao pé da letra, diz: *eu vim um cão bom com*. Não ha em uma só lingua classificada transposição d'esta ordem, e isto indica uma elaboração linguistica inteiramente nova, e que caracterisará dentro em pouco um genero tambem novo.

Para formarmos os casos, nossas particulas, quando necessarias, precedem o nome; entre elles é posposta; assim declinamos: Deus, de Deus, para Deus, em Deus, com Deus; elles: *Tupan, Tupan mbae, Tupan upe, Tupan pe, Tupan gui, Tupan rece*, etc.

Não é realmente curiosa esta inversão systematica e methodica das fórmãs e regras das linguas arianas, que faz da familia americana typo completamente novo?

Que lei é essa do entendimento humano que presidiu a aglutinação dos monosyllabos na familia tupi, justamente ao inverso da que presidiu a mesma aglutinação na familia até hoje reputada typo?

Entrego esse facto ao estudo e reflexão dos linguistas, persuadido de que ha ahí a primeira revelação de uma grande lei philologica, que muito ha de esclarecer o problema, até hoje tão obscuro, da diversidade das linguas.

Esta lei serve no entretanto para excluir da classificação do grupo das linguas arianas todas aquellas cujo mecanismo é inverso dos mecanismos arianos, e justifica a divisão que eu fiz; só por si ella indica a existencia de uma lingua primitiva na America, distincta da que deu nascimento ás especies asiaticas e européas.

E' para lamentar que, no grande movimento de estu-

dos fortes que nos ultimos annos se hão comprehendido na Europa e America sobre as linguas do novo mundo, o Brasil não tenha concorrido com um só livro; se alguns estudam nada publicam, e assim figuramos entre os indolentes, incapazes, ou indifferentes ao progresso da grande questão da lingua universal.

TRABALHOS SOBRE A LINGUA TUPI' OU GUARANI

Parece-me que a palavra *Tupi* quer dizer : pequeno raio, ou filho do raio, de *Tupá*—raio, e—*i*—diminutivo. A palavra *Guarani* parece corruptella da palavra *guarini* que significa guerra.

Os padres jesuitas hespanhóes e portuguezes foram os unicos que na antiguidade estudaram as linguas selvagens. As linguas selvagens hoje são o mais valioso documento para resolverem-se dois problemas importantes da sciencia, a saber : os grãos de parentesco da grande familia americana, e as leis a que o entendimento humano está sujeito no desenvolvimento da poderosa faculdade de compôr linguas. Descoberta essa lei, será possível uma grammatica que sirva de chave para entenderem-se todas as linguas de uma mesma familia, o que será cousa mais importante para o progresso da humanidade do que a descoberta do vapor ou das leis da electricidade.

Se o tupi é uma lingua primitiva, como tudo induz a crer, sua antiguidade em relação ao sanscrito e ao hebraico, é tal que, avista d'ella, essas linguas ficam sendo quasi contemporaneas.

E' um dos mais importantes legados que o homem prehistorico deixou ás gerações actuaes. Os homens estudiosos têm n'ella mina riquissima de investigações uteis e proveitosas, que não devem abandonár ás gerações futuras,

por que essas virão em tempo em que talvez já tenham desaparecido os elementos indispensaveis para o seu estudo.

Com estas reflexões não quero por fórma alguma inculcar que tenho conhecimentos extensos da lingua ; eu a fallo tanto quanto é necessario para me fazer entender pelos indigenas ; mas ainda não conclui meus estudos que aliás eu tenho dirigido no sentido pratico.

Pena é que sejam hoje tão raros os livros sobre as linguas indigenas, e tão raros que eu senti difficuldade até para organizar um catalogo d'elles ; e como isso será justamente a primeira difficuldade com que terá de arcar aquelle que se empenhar n'esta ardua, mas gloriosa senda, eu concluirei este capitulo com a relação d'esses escriptos, alguns que conheço só por noticia outros que possuo ou que tenho visto.

O mais antigo e, a todos os respeitos, precioso monumento que possuímos em portuguez, é a *Grammatica do jesuita padre José de Anchieta*, o mais notavel dos antigos catechistas. D'esta obra, que esteve quasi perdida para as letras, os mais minuciosos catalogos só mencionam a existencia de dois exemplares, um existente na bibliotheca do Vaticano, e um pertencente ao Sr. conselheiro Macedo, ex-bibliothecario da Torre do Tombo. Na America só existe um exemplar, e esse pertence a S. M. o Imperador. Este exemplar, que é um primor d'arte de calligraphia, consta-me que S. M. o houve na Allemanha, e é copia fac-simile do da bibliotheca do Vaticano. Eu o vi em uma das sessões do Instituto, o anno passado. Pelo que pude julgar com exame rapido que fiz d'essa obra, pareceu-me um trabalho grammatical do mais subido valor. Desde que S. M. possui um exemplar, a bibliotheca do Instituto não ficará sem uma copia.

Em seguida a esta obra, as mais preciosas são incontestavelmente as do padre Antonio Rodrigues de Montoya,

jesuita hespanhol, filho de Lima, e que floreceu no primeiro meado do seculo XVII. Escreveu elle :

Arte e vocabulario de la lengua guarani, Madrid, 1640. Esta obra é hoje rarissima ; existe na Europa que me conste um unico exemplar na bibliotheca publica de Londres. Na America sei da existencia d'um pertencente a S. Magestade, um que foi do Dr. Martius, pertencente á bibliotheca do Instituto, doado por S. M. ; um que me pertence e que foi tomado em uma carreta em Cerro Corá per um official do nosso exercito. Este livro é precioso pela multidão de textos que encerra com o modesto titulo de vocabulario.

O 2.º é o *Tesoro de la lengua guarani* do mesmo autor ; é a obra mais completa, e o mais profundo estudo sobre a lingua ; é um monumento que ha de passar ás mais remotas éras, se não perder-se agora ; só com seu auxilio seria possivel restaurar a lingua, se ella se perdesse. Existe um exemplar na bibliotheca de Londres, um na de Santa Genoveva em Paris.

Na America sei da existencia de quatro ; um pertencente a S. M. o Imperador, um ao Dr. Baptista Caetano, que com tanto esmero se ha dedicado ao estudo da lingua ; um pertencente ao general D. Bartholomeu Mitre, um que pertenceu ao general Urquiza, e que penso pertencer hoje ao Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres. D'esta obra só tenho noticia d'uma edição ; da *Arte e vocabulario* tenho noticia de duas: a que citei acima, e uma outra feita em Santa Maria Maíor, impressa ao que parece com typos de madeira ; esta segunda edição traz acrescentamentos debaixo do titulo de escolios, escriptos pelo padre Paulo Restivo, da companhia de Jesus, 1724. Não creio que exista um só exemplar na Europa, por que alguns bibliographos até põe em duvida que ella tenha sido impressa, e todos a citam com referencia. Existem na America que eu saiba dois exemplares, um

pertencente a S. M. o Imperador, e outro que pertencia à familia do marechal Lopes, e que me foi dado.

A outra obra do padre Montoya é o : *Catecismo de la doutrina Christã*. Ha duas edições, uma de Madrid que deve ser do mesmo anno de 1640, e uma de Santa Maria Maior, augmentada pelo mesmo jesuita, o padre Paulo Restivo, já citado. Só tenho noticia d'um exemplar existente d'essa obra e esse pertence a S. Magestade o Imperador; ainda o não vi.

A 4.ª obra do padre Montoya é: *Sermones de las dominicas del año e fiestas de los indios*. Ignoro se esta obra foi impressa, e menos ainda se subsiste hoje algum exemplar d'esse precioso livro. Os bibliographos o notam apenas pela referencia que d'elles faz o citado padre no proemio do seu *Tesoro*.

A's obras d'este, seguem-se as dos outros missionarios portuguezes.

Não sei que exista um só exemplar das grammaticas de Manoel da Veiga, e Manoel de Moraes, que só conheço pelas referencias que d'ellas faz o Sr. França em sua *Chrestomathia da lingua brasilica*, citando João de Laet, notas à dissertação de Hugo Grotio, intitulada: *De origine gentium americanarum*.

A bibliotheca fluminense e creio que a do Rio de Janeiro possui um exemplar do catecismo grande dos jesuitas, pelo qual elles ensinavam a doutrina christã a nossos selvagens. Essa obra tem por titulo : *Catecismo Brasilico da Doutrina Christã ; com o ceremonial dos Sacramentos e mais actos parochiaes. Composto por padres doutos da companhia de Jesus, aperfeiçoado e dado á luz pelo padre Antonio de Araujo, da mesma companhia, emendado n'esta segunda impressão pelo padre Bartholameu de Leão, da mesma companhia. Lisboa, 1686. Off. de Miguel Deslandes. »*

Grammatica da lingua geral dos indios do Brasil, com-

posta pelo padre Luiz Figueira, reimpressa na Bahia em 1851, aos esforços do Sr. João Joaquim da Silva Guimarães. No meu pensar, o padre Figueira não conheceu tão profundamente a lingua quanto o padre Montoya; contudo, na grammatica propriamente dita, isto é na philosophia da lingua, me parece que elle é superior ao dito padre Montoya. A edição de Lisboa, que já não é vulgar, foi seguida d'um vocabulario com o titulo de : *Diccionario Brasiliano*, que é o mesmo que se vê reproduzido na *chrestomathia* do Dr. França, de que adiante fallaremos. (9)

Outras obras ha antigas, que ou não tiveram a celebridade e reputação d'estas, ou nunca foram impressas, e conservavam-se nas bibliothecas de França, Inglaterra e Allemanha, até que, ha pouco tempo, a curiosidade dos sabios singularmente despertada por esta lingua que lhes vai ministrar talvez um ponto de comparação que lhes faltava para fixarem regras importantissimas de philologia, as está desenterrando do pó de quasi dois seculos para trazel-as á luz da publicidade.

Além d'estes trabalhos, que se referem ao tupi ou guarani, existe um mui curioso e importante sobre um grande dialecto da lingua, que era fallada antigamente em grande extensão do Brasil : referimo-nos á lingua kiriri; tem por titulo : *Catecismo da doutrina Christã na lingua brasilica da nação Kiriri, composto pelo padre Luiz Vincencio Mamiani da companhia de Jesus, missionario da provincia do Brasil*. Lisboa, 1698, na officina de Miguel Deslandes

(9) Este padre Luis Figueira é um d'esses vultos angelicos, que illuminam as primeiras paginas da historia dos jesuitas, em nossa terra; já velho e cansado, não cessava de viajar pelos sertões do Brasil para catechisar e doutrinar os *pobres brazis*, como com sincera ternura os denominava no prologo da sua grammatica. Gozou da gloria do martyrio; foi morto e devorado pelos indigenas da ilha de Marajó, no Pará.

Vide : A. Henriques Leal, *Apontamentos para a historia dos jesuitas no Brasil*.

— Os bibliographos dão esta obra como perdida: Felizmente para nós existe aqui no Rio de Janeiro um exemplar pertencente ao Sr. F. A. Martins, digno conservador da bibliotheca d'este Instituto.

Possue mais a bibliotheca d'este Instituto uma verdadeira preciosidade em guarani, de que não ha menção em catalogo algum, mas que está infelizmente tão estragada pelas traças que ficará perdida se não cuidarmos de sua reimpressão, ou pelo menos de tirar uma cópia; tem por titulo: *Sermones e exemplos em lingua guarani*, por Nicolas Japuguay—En el pueblo de S. Francisco en 1727. Como o nome indica, este missionario devia ser algum mestiço que, com o leite materno, bebeu os primeiros rudimentos da grande lingua sul-americana; esta obra foi doada ao Instituto pelo socio o Sr. conego Gay.

Possue tambem o Instituto um grande manuscripto em dois volumes, contendo: Grammatica e Diccionario da lingua tupi, escriptos uma e outra cousa em inglez; foi obtido em Vienna d'Austria e remettido a esta associação pelo benemerito poeta e litterato o nosso finado consocio o Sr. Antonio Gonçalves Dias. O manuscripto tem por titulo: *A Diccionary of the Tupy language as spoken by the aborigines, collected by John Luccock*, Rio de Janeiro, 1818.

Não tive ainda sufficiente tempo para poder julgar se é uma obra original ou uma simples traducção de alguma outra, o que aliás não é cousa facil, porque, como o leitor terá visto por esta noticia, é difficilima a acquisição d'estes livros, e por tanto difficil a comparação, que não pôde ser feita sem possuir um texto diante do outro.

Possue mais o Instituto: *Compendio da doutrina christã na lingua portugueza e brasilica* composto pelo padre João Philippe Betendorf, reimpresso em 1800 por frei José Mariano da Conceição Velloso.

Entre obras contemporaneas possuimos : *Diccionario da lingua tupy*, por A. G. Dias, Leipzig—F. A. Brockhaus, 1858.

Crestomathia da lingua brasilica, pelo Dr. Ernesto Ferreira França. Leipzig— F. A. Brockhaus, 1859.

Glossaria Linguarum brasiliensium, do Dr. Carlos Frederico Philippe de Martius—Erlangen, Junge und Sohn, 1863.

Vocabulario da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará, pelo padre M. J. S. Pará, 1853.

Grammatica da lingua indigena geral para uso do Seminario Episcopal do Pará, pelo coronel Faria, professor que foi d'essa cadeira. Maranhão, 1870.

TRABALHOS SOBRE A LINGUA QUICHUA.

O tupí é uma lingua que não soffreu mescla com o sanscrito. Para se ter um ponto de comparação com linguas que foram alteradas por aquelle grande idioma asiatico, é necessario ter livros quichuas, que é das linguas americanas a que foi mais alterada pelo sanscrito, e tambem a que tem sido objecto de mais conscienciosos estudos.

N'ella porém, como no tupí, a grande parte dos homens de letras ignora até o nome dos livros que se hão escripto a seu respeito, livros hoje raros, mas que se encontram nas grandes bibliothecas da França, Inglaterra e Allemanha.

Em nossas bibliothecas encontra-se a *Arte e vocabulario* do Dr. Tschudi, que aliás dá bom elemento de estudo para conhecimento da lingua.

Ultimamente (1872) publicou o Dr. José Fernandes Nodal-em Cuzco, no Perú, *Grammatica quichua, ó idioma de los Yncas*, e está imprimindo na mesma cidade o seu— *Gran Diccionario Castellano Quichua — y vice-versa*. O Sr. Fidel Lopes, de Buenos-Ayres, publicou em Pariz, o anno atrazado, a obra que citei atrás : *Races Aryennes du Perú*, que é uma curiosa e profunda comparação entre o quichua

e o sanscrito. Infelizmente no Brasil nada havemos feito recentemente sobre as nossas linguas.

Com as obras acima citadas, o homem estudioso tem os elementos necessarios para conhecer esta importante lingua.

No entretanto, como é summamente raro um catalogo dos escriptos antigos sobre o quichua, aqui vai a relação dos mais notaveis, que extracto da obra do Dr. Carlos Nodal.

Grammatica da lingua geral dos indios do Perú; pelo dominicano frei Domingos S. Thomaz. *Lexicon da mesma lingua*, (em hespanhol). Valladolid, 1560.

Arte Quichua, pelo jesuita padre Diego Torres Rubio, com cathecismo christão, seguida d'um vocabulario da lingua Chinchaisuyo, pelo jesuita Juan de Figueredo, (em hespanhol). Lima, 1700. Esta mesma obra, melhorada, foi reimpressa em Lima em 1754.

Vocabulario da lingua geral do Perú, pelo padre frei Juan Martinez. Lima, 1609.

Grammatica da lingua geral do Perú, pelo padre frei Diego Gonzalez de Holguin. Cidade de Los Reys, 1608. Este jesuita escreveu tambem um vocabulario que foi reimpresso em 1842.

Arte da lingua Quichua, pelo Dr. Alonzo de Huerta. Cidade de los Reys, 1616.

Grammatica da lingua indica, por Diego de Olmos. Lima, 1644.

Arte da lingua dos Yncas, pelo bacharel D. Estevam dos Santos Melgar. Lima, 1691.

Arte da lingua geral dos indios do Perú, por Juan Roxa Maxia y Ocon. Lima, 1648.

Arte e vocabulario da lingua Quichua, manuscripto na bibliotheca de Berlin, pelo barão de Humboldt.

Elementos para uma Grammatica e Dictionario Quichua, por R. Clemente Markham. Londres, 1864.

V

RAÇAS SELVAGENS

Raça primitiva. Raças mestiças antigas. Cruzamentos recentes. Raças mestiças, (Gaúcho, Caepira, Caburé, Tapuio) como elemento de trabalho. Plano de catechese. Resultados provaveis dos cruzamentos actuaes na futura população do Brasil.

As raças encontradas no Brasil, e que estão ainda extremes de qualquer cruzamento recente, são provenientes de um só tronco?

Aqui vão os factos que eu tenho observado:

Entre caracteres que approximam os selvagens do Brasil uns dos outros, ha no entretanto differenças constantes e singulares, mediante as quaes me parece que se podem distinguir tres raças diversas, a saber:

- 1.º O indio escuro, grande.
- 2.º O indio mais claro, de estatura mediana.
- 3.º O indio mais claro, de estatura pequena, peculiar á bacia propriamente do Amazonas.

Como direi adiante, me parece que o primeiro é um tronco primitivo; os dois ultimos são raças mestiças filhas do cruzamento d'aquelle tronco com o branco. Não me refiro a cruzamentos recentes, e sim aos que deverão ter lugar muitos centos de annos antes da descoberta da America por Christovão Colombo.

Vimos no capitulo antecedente o como nas linguas encontravam-se vestigios irrefragaveis d'esse cruzamento.

Agora vamos acompanhar esses vestígios em documentos não menos incontestáveis do que aquelles, que são a côr e a estrutura physica de nossos aborigenes.

Nas informações que passo a dar a este respeito eu não reproduzo nada do que tenho lido, e sim o que tenho observado; tenho mesmo evitado ler a este respeito, não porque desconheça o valor das opiniões de pessoas muito mais competentes do que eu; mas porque, tendo tido aberto diante de mim o grande livro da natureza, não desejei percorrer-lhe as paginas com opiniões preconcebidas e formadas no gabinete. Eis o que tem me parecido digno de nota.

O indio da raça primitiva, de que para mim são typos o *Guaicurú* em Matto-Grosso, o *Chavante* em Goyaz, o *Mundurucú* no Pará, é côr de cobre tirando para o escuro (côr de chocolate), estatura ordinariamente acima da mediana até verdadeira corpulencia, cabellos sempre duros, o molar é a orbita salientes, quasi recto o angulo do maxillar inferior, o diametro transversal entre os dois angulos posteriores do maxillar inferior é igual ao diametro transversal do craneo de um a outro parietal, o calcaneo grosso, o tarso largo, dando em resultado um pé solido, se bem que algumas vezes de uma pureza admiravel de desenho. Estes caracteres physicos, que ressaltam logo aos olhos do observador, os distinguem dos outros, cuja côr amarella tirando para a da canella, estatura mediana, e ás vezes abaixo d'isso, cabellos muitas vezes finos e até annellados, menos pronunciadas as saliencias das orbitas e do molar, face menos quadrada, o dedo grande do pé muito separado do index, pés e mãos de uma delicadeza que faria o desespero dos mais elegantes de raça branca; as mulheres de fórmas delicadas, regulares, e ás vezes de grande belleza, quando as outras são verdadeiros collossos, grosseiros e tão solidamente mus-

culadas como um homem robusto, são outras tantas diferenças que não deixam confundir uma raça com outra.

Na raça primitiva e escura, ha uma variedade que se distingue tanto pelo exagerado desenvolvimento do pennis, que os mesmos selvagens a caracterisam por esse signal.

Nas raças mestiças, a do Pará, distingue-se por caracter opposto.

Quanto aos caracteres intellectuaes tenho duas observações a fazer;

Pela experiencia de tres annos que tenho no collegio Izabel, vejo que os da segunda raça aprendem com maior facilidade a nossa lingua, e a ler e escrever; entre os da primeira, alguns ha de uma difficuldade de comprehensão verdadeiramente desanimadora, para tudo que não são officios mechanicos, nos quaes todos elles mostram rara aptidão. Entre os segundos alguns ha de intelligencia não vulgar.

O adiantamento comparativo nas idéas religiosas é ainda um caracter distinctivo entre os dois typos. Os jesuitas antigos, que aliás n'este ponto não eram observadores sagazes, porque para elles todo culto era tributado ao espirito maligno, e que não olhavam para estas cousas com a isenção de espirito necessaria para bem comprehendel-as; os jesuitas já haviam dito: entre os *Brazis* alguns ha que têm idéas de Deus, outros não. Isto não é exacto; todos elles têm uma religião; a differença é: uns tinham uma verdadeira theogonia, ao passo que outros só tinham um ou outro espirito superior, a quem attribuiam certas qualidades sobrenaturaes.

Mas a distincção nem por isso é menos exacta, n'este sentido: ha uma grande differença entre as duas raças debaixo do ponto de vista do desenvolvimento do instincto religioso.

A primeira das duas, a que eu darei o nome de *abauna*

(indio escuro) para servir-me de uma designação tupí, me parece uma raça pura, porque seus caracteres são constantes.

Se algum dia se vier a confirmar a opinião da origem do homem pelas diversas regiões geographico-geologicas do globo, é essa a familia autochthone do nosso Brasil.

A outra familia, mais poderosa e intelligente, a que eu chamarei *abajú*, me parece mestiça: eu não me refiro a um mestiçamento recente depois da descoberta da America, e sim ao que se deu em tempos prehistoricos, como já notei. Penso que ella é mestiça: 1.º porque se approxima mais da raça branca do que a abauna; segundo porque, ao passo que a côr da primeira é constante e invariavel, esta apresenta nuanças mais ou menos carregadas, o que seria inexplicavel a não ser a primitiva fusão dos sangues, a qual, como se sabe, produz commumente o phenomeno de reproduzir depois do intervallo de muitas gerações, os typos dos progenitores, pela conhecida lei do atavismo. D'estas differenças de côr nós encontramos vestigios até na denominação das tribus, o que indica que o phenomeno foi notorio aos proprios selvagens: sirvam-me de exemplo estas expressões: *tupiuna* e *tupitinga*, isto é: *tupis pretos* e *tupis brancos*, nomes que designavam tribus do valle do Amazonas.

O phenomeno de differença de côr, que não pôde encontrar explicação na acção dos meios, por que esta foi a mesma para todos elles, é documento de incontestavel autenticidade para provar a mescla do sangue.

Os viajantes mais respeitaveis referem-nos que, no meio dos aborigenes americanos, encontram-se alguns quasi brancos.

Entre os tupís conheço typos muito approximados do branco; ha no collegio Izabel um menino guajajara, de nome Vicente, que, a não ser uma leve obliquidade nas

arcadas superciliares, seria tomado como um branco puro. A tribu appareceu no Araguaya em meu tempo vinda dos sertões onde era improvavel um cruzamento recente; eu conheci os pais, indios legitimos, e bastante escuros, se bem que tupis. Portanto, é esse um facto de atavismo bem caracterizado e que pude e pôde ainda ser observado em todos as suas circumstancias. Este facto é aliás commum entre os tupis.

Na raça *abauna*, não só não se encontra isso, como mesmo não se notam nuanças no seu amarello escuro, tirando para a côr do chocolate. Em compensação encontram-se numerosos individuos reproduzindo o cabello ruivo, que se suppõe ser um traço caracteristico do homem primitivo; entre outros citarei o capitão da Aldêa do Meio nas Intaipavas do Araguaya, da tribu dos *Chambiods*, e de nome Dereque.

D'estes factos resulta: se o atavismo reproduz os typos de onde veiu o cruzamento, segue-se que a raça *abajú* é mestiça e portanto um ramo, e a raça *abauna* é primitiva.

Approxima-se esta da mongolica pela côr amarella, estructura pyramidal da cabeça, obliquidade das arcadas superciliares, saliencia das orbitas e do molar, pela depressão da abobada frontal, identidade na côr dos cabellos e olhos, e na pouca densidade das villosidades.

Distingue-se: pela côr que é mais fechada, pela horizontalidade dos olhos que não acompanha a obliquidade das sobrancelhas como no mongol, e que n'este ultimo constitue um traço caracteristico; pelo angulo do maxillar inferior quasi recto, pela estrutura ampla e desenvolvida da caixa toraxica, tão fragil e deprimida no mongol; pela grossura do calcaneo e largueza do tarso, que no mongol são ainda mais finos do que no branco; pela estatura elevada e solidamente musculada, a qual contrasta com as fórmãs pequenas e fanadas do mongol, sobretudo na musculação do torço, e na estrutura ampla e desenvolvida do tronco até á cabeça.

Eu tenho aqui uma cabeça de uma estatueta de argilla, encontrada pelo Dr. Tocantins dentro de uma *ygaçaba* dos antigos aterros de Marajó, onde o primitivo estatuário, fazendo uma obra tosca e grosseira, reproduziu comtudo com admiravel fidelidade os caracteres da raça que venho de descrever; com effeito, na grosseira e rude obra vê-se o plano pyramidal da estructura da cabeça, a obliquidade das sobran-celhas, a horisontalidade dos olhos, o recto do angulo do maxillar inferior, e até a bracocephalia. Esta rude obra é mais um documento que nos indica, que os caracteres que eu assignalei eram de tal fôrma communs que foram notorios aos proprios selvagens.

CRUZAMENTOS RECENTES.

Os cruzamentos modernos tomaram diversas denominações segundo os troncos progenitores. O indio e branco produziram uma raça mestiça, excellente pela sua energia, coragem, sobriedade, espirito de iniciativa, constancia e resignação em soffrer trabalhos e privações; é o *mameluco*, tão justamente celebre na historia colonial da capitania de S. Vicente. Infelizmente estas boas qualidades moraes são compensadas por um defeito quasi constante: o da imprevidencia ou indifferença pelo futuro. O *mameluco*, como o indio seu progenitor, não capitalisa, nada poupa. Para elle o mez seguinte é como se não existisse. Será falta de educação, ou será a falta de uma faculdade? E' falta de educação, porque, para esses pobres, a patria tem sido madrasta.

O cruzamento do indio com o negro deu em resultado uma linda raça mestiça, côr de azeitona, cabellos corridos, intelligente e com quasi todas as qualidades e defeitos da precedente, e que é conhecida no norte com o nome de *caçuz*, e no sul com o nome de *caburé*.

Os traços physicos caracteristicos, ao menos para mim, que subsistem da raça indigena n'estes dois mestiçamentos, são : a cabeça, a qual conserva a depressão da testa e a estrutura approximando-se da do indio; a villosidade da fronte, estendendo-se em angulos salientes, nas fontes, com os vertices oppostos; as orbitas e o molar salientes, o diametro transversal dos angulos posteriores do maxillar inferior quasi igual ao diametro parietal do craneo; o cabello corrido e extremamente negro; barba e villosidades do rosto e pescoço extremamente raras. No corpo, a solida e vasta estrutura do tronco, a largura das espaduas em contraste com o pouco desenvolvimento da bacia, a energia da musculação e a finura e delicadeza das extremidades, são traços que resaltam logo aos olhos do observador.

O cruzamento d'estas raças, ao passo que misturou os sangues, cruzou tambem (se nos é licito servirmos-nos d'essa expressão) a lingua portugueza, sobretudo a linguagem popular. E' assim que, na linguagem do povo das provincias do Pará, Goyaz, e especialmente de Matto-Grosso, ha não só quantidade de vocabulos tupis e guaranis accomodados á lingua portugueza e n'ella transformados, como ha phrases, figuras, idiotismos, e construcções peculiares ao tupi. Este facto mostra que o cruzamento physico dá duas raças deixa vestigios móraes, não menos importantes do que os do sangue. O notavel professor norte-americanõ C. F. Hartt nota que são rarissimos os verbos portuguezes que tem raizes tupis, e cita como um d'esses raros exemplos, talvez unico, o verbo *moquear*. Se o illustre professor houvesse viajado outras provincias, veria que esse exemplo não é isolado, e que não temos um, mas muitos verbos vindos do tupi, e alguns d'elles tão expressivos e energeticos que não encontramos equivalentes em portuguez; citarei entre outros os seguintes : *espcocar* (Pará) por : arrebentar abrindo; *petequear*

(Minas, S. Paulo) por: jogar peteca; *entocar* (geralmente em todo o Brasil) por: metter-se em buraco, ou figuradamente, por: encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapuiar* (Pará, Maranhão) por apanhar peixe; *cutucar* (geral) por : tocar com a ponta; *espiar* (geral) por : observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por : abrir arrebetando; *pererecar* (geral) por : cahir e revirar; *entejucar* por : embarrear; *encangar* por : metter os bois no jugo; *apinchar* por : lançar, arremessar; *capinar*, por limpar o mato; *embiocar*, por : entrar no buraco; *bobuiar*, por : fluctuar; *catigar*, por : exhalar máo cheiro; *tocaiar* por : esperar, etc. são outros tantos verbos com que o tupi enriqueceu a lingua popular dos habitantes do interior do Brasil, lingua ás vezes rude não o contestamos, mas ás vezes tambem de uma energia e elegancia de que só pôde fazer idéa, aquelle que tem estado em uma roda de gaúchos folgazões a ouvir-os contar a historia de seus amores, suas façanhas de valentia, ou as lendas, as vezes tão tocantes e poeticas de suas superstições, metade christãs, metade indigenas.

Assim como muitos seculos depois de haverem passado os povos que fallaram o sanscrito e o quichua, se encontra n'esta ultima lingua os vestigios d'aquella familia; assim tambem d'aqui a mil annos, quando já não houver no sangue dos habitantes do Brasil a mais leve apparencia d'esta pobre raça, que ainda hoje domina talvez uma quinta parte do solo da nossa terra, ahi estarão na lingua por elles modificada os imperecedores vestigios de sua coexistencia e communhão comnosco.

Se dos verbos passassemos aos substantivos, nomes de animaes, lugares, plantas, ver-se-ia que nada menos de mil vocabulos, quasi uma lingua inteira, passou e veiu fundirse na nossa, assim como com o cruzamento tem passado e

ha de continuar a passar o sangue indigena a assimilar-se e confundir-se com o nosso.

Aquelles que estudam estectica dizem que nas linguas dos povos barbaros, muito mais laconica e muito menos analytica dos que as dos povos cultos, as imagens succedem-se, supprindo ás vezes um longo raciocinio. A poesia de nòs-sos selvagens é assim; o mais notavel é, que o nosso povo servindo-se aliás do portuguez, modificou a sua poesia tradicional pela dos indios. Aquelles que tem ouvido no interior de nossas provincias essas dansas cantadas, que com os nomes de cateretê, cururú, dansa de minuanos e outros, vieram dos tupis incorporar-se tão intimamente nos habitos nacionaes, notarão que de ordinario parece não haver nexo algum entre os diversos membros de uma quadra. Lendo eu uma analyse de cantos dos arabes, tive occasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquella e a poesia do nosso povo; o critico que as citava, dizia: «para nós que estamos acostumados a seguir o pensamento em seus detalhes, é quasi impossivel perceber o nexo das idéas entre imagens aparentemente destacadas e desconnexas; para os povos selvagens, porém, esse nexo revela-se na pobreza de suas linguas, pela energia das impressões d'aquellas almas virgens, para quem a palavra fallada é mais um meio de auxiliar a memoria, do que um meio de traduzir impressões». Appliquei esse prencipio de critica á nossa poesia popular, sobretudo aos cantos d'aquellas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens gravaram-se mais profundamente, e vi que effectivamente, supprindo-se por palavras o nexo que falta ás imagens expressadas por elles em fórmulas laconicas, revela-se um pensamento energico, ás vezes de uma poesia profunda e de inimitavel belleza, apezar do tosco laconismo da phrase. Consintam-me que eu analyse debaixo d'este ponto de vista tres quadrinhas, uma do Pará,

uma de S. Paulo e uma de Mato-Grosso, todas ellas ouvidas entre milhares de outras, quando, nas longas viagens nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya, ou nos pantanaes do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes das minhas canoas mitigavam com ellas as saudades das familias ausentes, ou as tristezas d'aquellas vastas e remotas solidões.

Comecemos pelo Pará, onde ouvi a seguinte:

Quanta laranja miuda,
Quanta florinha no chão!
Quanto sangue derramado
Por causa d'essa paixão.

Estas imagens desconexas, desde que se lhes applique a regra critica de que acima fallei, traduzem um pensamento profundamente poetico e expressado com grande energia, pensamento que, se tivessesmos de traduzir em nossa linguagem analytica, ficaria assim: «Essa paixão passou por mim e fez derramar tanto sangue como a tempestade, que derrama pelo chão as flôres ainda pequenas e os fructos não sazoados».

Agora uma de S. Paulo:

Pinheiro, dá-me uma pinha;
Roseira, dá-me um botão;
Morena, dá-me um abraço,
Que eu te dou meu coração.

Fazendo a mesma traducção que acima, as imagens, á primeira vista tão sem laço umas com as outras, agrupam-se

para traduzir energicamente o pensamento do bardo semi-selvagem, que para nós seria redigido assim : « Um abraço teu, morena, é tão precioso como a pinha o é para o pinheiro, como o botão de rosa o é para a roseira ; dá-me-o, que em troca dar-te-hei o que tenho também de mais precioso que é o meu amor».

Agora uma de Cuyabá, para mostrar que de uma extremidade a outra do Imperio o systema da poesia popular foi vazado no laconico, rude, mas energico molde do lyrismo selvagem :

O bicho pediu sertão;
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riqueza;
A mulher a formosura.

Isto é : « a formosura é tão indispensavel á mulher, e a riqueza ao homem, como para o peixe é indispensavel a fundura das aguas, e para o animal selvagem a vestidão das terras interiores, a que chamamos sertão».

Ha sem duvida alguma, muita rudeza n'estas fórmas, mas em compensação, quanta novidade e energia de comparações !

Não cito estes exemplos como especimens de litteratura popular; n'esse campo eu tenho em meus apontamentos de viagem elementos para escrever um livro; trouxe-os para mostrar o como, a par do cruzamento physico, a lingua e a poesia popular soffreram a energica acção do contacto d'essa raça; se me fôra dado entrar na analyse das superstições populares do Brasil, o leitor veria que essa acção do cruzamento revela-se em factos moraes muito mais extensamente, do que a principio parece a nós, que raramente nos dedicamos a observar estas cousas, porque, como diz um escrip-

tor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de observarem-se. Tenho porém necessidade de proseguir, estudando um assumpto mais importante.

Nós temos sido ingratos e avaros para com esses mestiços, que já concorrem em alta escala com o seu trabalho para nossa riqueza. Eu que tenho experimentado a rara dedicação d'elles, por que devo duas vezes a vida a individuos d'essa raça, peço licença para examinar, mais detidamente, a sua influencia como elemento de trabalho e de riqueza para nossa terra. Ha ahi uma rica mina a explorar-se, tanto mais quando é hoje sabido, que a mistura do sangue indigena é uma condição muito importante para aclimação da raça branca em climas intertropicaes como o nosso.

Talvez que com os factos que passo a expender, comprehendamos que, ao passo que gastamos quasi esterilmente milhões com colonisação europea, é triste que figure em nossos orçamentos apenas 200 contos para utilizar pelo menos meio milhão de homens já aclimatados e mais proprios, mesmo pelos seus defeitos e atrazos, a arcarem com os miasmas de um clima intertropical como o nosso, e com a salvageria de um paiz quasi ainda virgem, onde a raça branca não pôde penetrar sem ser precedida por uma outra, que arrote e destrua por assim dizer a primeira braveza de nossos sertões. E note-se que esses duzentos contos além de serem recentes, são nominaes; com selvagens não se despende a quinta parte, por quanto, é com a verba de catechese que se fazem conventos nos povoados das capitaes, e pagam-se congruas a missionarios que preferem as cidades e povoações christãs ás aldéas do selvagem.

RAÇAS MESTIÇAS COMO ELEMENTO DE TRABALHO

A experiencia, tanto aqui no Brasil, como nas republicas

sul-americanas, demonstra que o nosso indio não se presta a genero nenhum de trabalho sedentario. No entretanto uma das maiores e das mais esperançosas industrias, que é a pastoril, vive na America do sul quasi que exclusivamente á custa do trabalho do indio, ou da raça mestiça, sua descendente, que conserva quasi os mesmos costumes, e as mesmas necessidades.

No sul do Imperio as provincias onde as industrias pastoris hão attingido a um grande desenvolvimento, são as de S. Pedro, Paraná, Mato-Grosso, Goyaz e S. Paulo. Se attendermos á circumstancia muito importante de que quasi todo o interior do Brasil é coberto de campos ; que os matos são raros, que o velho mundo necessita mais de carne do que de café ou de assucar, e que as industrias pastoris são as que exigem menor numero de braços, menor emprego de capitães, e maior extensão de terras, em comparação com outras industrias; se considerarmos ainda, que só ellas quasi que não necessitam de estradas para serem seus productos transportados á grandes distancias, ver-se-ha a immensa importancia que podem vir a ter os terrenos do interior do Brasil, desde que se fomentem com methodo este genero de industria.

Quem viaja o interior do Imperio com algum espirito pratico de observação, nota o seguinte : A lavoura só é sustentada em uma certa escala pela raça branca, com o braço do escravo negro ou do mestiço do branco e do negro; que a industria pastoril, propriedade aliás da raça branca, é mantida com o braço indigena, ou com o mestiço do branco e do indigena.

Quem assiste pela primeira vez ás curiosas feiras de Sorocaba, ao passo que vir chegarem as grandes tropas de S. Paulo, do Paraná, do Rio Grande, do estado Oriental e das outras republicas do Rio da Prata, ficará sorpreso da extra-

nha conformidade que ha de notar no typo do vaqueiro. Aquelles homens de longos cabellos pretos, tez bronzeada, cara quasi sem barba, grande caixa thoraxica, cabeça, pés e mãos pequenos, parecem todos irmãos, e antes membros da mesma familia, do que povos de regiões e ás vezes até de lingua diversa. O *caepira* de S. Paulo ou Pará, o *caburé* de Mato-Grosso ou de Goyaz, o *garúcho* de S. Pedro ou das republicas do Prata, tem approximativamente os mesmos traços, e estes tão caracteristicos que é impossivel aos olhos menos exercitados fixal-os com alguma attenção sem reconhecer n'elles a mesma raça.

O descendente do indio ou o mestiço do indio e do branco são o vaqueiro por excellencia em toda America do Sul, ou pelo menos nas partes que eu citei; porque outra cousa não é o *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Mato-Grosso e Goyaz, ou o *garúcho* do sul. E nem ha n'este facto cousa alguma de estranhavel. Hoje que a anthropologia tem estudado o homem natural, debaixo do duplo aspecto physico e moral, sabe-se que as diversas raças humanas só são productoras quando applicadas aquelle género de trabalho, que está conforme com o periodo de civilisação em que ella se acha, periodo que não póde ser transposto, ou invertido, sem destruir-se e quasi aniquilar-se a raça que se pretende passar por esta transformação; o estado actual do Brasil é fazer uma confirmação pratica d'este postulado da sciencia.

A sciencia assignalaria duas poderosas razões, pelas quaes o typo do vaqueiro na America do Sul é o indio ou seu descendente, e não é, e nem póde ser, o branco. A cultura dos rebanhos de ovelhas, manadas de gado, ou lotes de animaes muares e cavallares, expõe o homem que se entrega a ella á uma acção mais directa dos agentes atmosfericos, do que aquelle que se entrega a agricultura pro-

priamente dita, e muito mais, sem comparação alguma, do que aquella que se dedica á industrias manufactureiras.

Supportará tanto mais facilmente a acção dos agentes atmosphericos, ou exhalações teluricas aquella raça que mais aclimada estiver á ellas.

Ao passo que as raças aborigenes, expondo-se a acção d'esses agentes, não fazem mais do que seguir o curso natural d'aquelles velhos costumes, que pela acção do tempo as tornaram immunes para soffrer com o seu contacto; a raça branca, que não goza da mesma immuidade, porisso mesmo que é raça peregrina, expondo-se a ellas, entrega-se voluntariamente ou á uma causa de destruição, ou quando menos de degradação. Atire-se uma semente de qualquer planta peregrina no mais fertil de nossos campos e deixemol-a entregue a si mesma. Ella germinará mas não dará fructo, suffocada dentro em pouco pela vegetação indigena. A planta, o animal, o homem, obedecem todos á mesma lei de aclimatação.

Uma outra razão pela qual o trabalho do branco não pôde rivalisar com o do indio, ou do mestiço seu descendente, nas industrias que suppõe a vida nomade, é o gráo mais adiantado de civilisação em que se acha aquella em comparação com este.

Se a civilisação torna o homem mais forte pela união com os seus semelhantes, e pela divisão do trabalho, torna-o muito mais fraco, muito mais cheio de necessidades desde que se isole da sociedade.

Qualquer de nós não poderia vivêr sem o trabalho de mais de cem de nossos semelhantes; as roupas, as casas, a comida, os objectos mais indispensaveis da vida, na nossa organização social, dependem do concurso de tantos, que esta expressão: um homem que baste a si mesmo, é uma idéa que apenas pôde ser concebida pela imaginação, mas que não tem realidade.

Não acontece isto com o selvagem nem com o seu descendente. Quanto mais se isola tanto mais prepondêra a sua superioridade.

O *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato-Grosso, o *gaúcho* do Rio Grande, Uruguay e republica argentina, são o vaqueiro, o pastor por excellencia, porque são os descendentes d'aquella raça que está habituada a vida nomade.

Esse viver errante, passado em cima do cavallo, a correr campos, a estar sempre em contacto com a natureza, sentindo-lhe as impressões; as privações mesmo d'essa existencia que seriam insupportaveis para o branco; a necessidade de muitas vezes dormir ao relento; a de alimentar-se exclusivamente de caça, mel e palmito, o que para quem não está habituado equivaleria a um regimen de privações, são para o *caepira*, o *caburé* e o *gaúcho* outras tantas fontes de prazer, elementos de felicidade e alegria, que tornam para elle farta e regalada uma existencia que seria insupportavel para o branco.

Quem, viajando as provincias pastoris de Corrientes e Entre-Rios, tiver occasião de observar os preparativos com que um *gaúcho* se dispõe a fazer uma viagem de muitos dias, comprehenderá a grande razão economica que faz d'elle o typo insubstituivel do vaqueiro americano. Os mais cuidadosos levam um surrãozinho de mate, uma garrucha, que é arma de defeza e de caça, um laço enrolado nas argolas da *silla*, um pouco de fumo no bolso do cheripá; e a isto se limita a bagagem com que transpõe centenaes de leguas.

E' essa sobriedade que explica a existencia de exercitos como os de Lope Jordan, e de outros caudilhos.

As industrias extractivas do norte estão no mesmo caso, e só vivem e medram porque existe o *tapwio*, e já represen-

tam nas provincias do Pará e Amazonas uma exportação de doze mil contos annuaes.

Quem visita uma canôa de *tapuios*, que saia do Pará para a safra da borracha, ficará tão sorprendido da sobriedade dos preparativos d'essa expedição, que pelo commum dura seis mezes, quanto aquelle que tem occasião de observar os preparos que faz o *gaúcho* oriental para suas viagens, e de que a pouco fallei.

Na canôa destinada a servir-lhes de morada durante seis mezes, vêm-se alguns paneiros de farinha, que de ordinario não aturarão mais de oito dias, um pacote com algumas arrobas de pirarucú secco, sal, anzóes, armas de fogo, mais provisão de pólvora do que de farinha, alguns molhos de fumo, violas e um adufo. Os preparos para uma viagem d'estas, em uma canôa que transporta toda a familia, de 10 a 15 pessoas, fazem-se com 30 a 40 mil réis; em quanto que o operario branco, com as necessidades filhas da civilisação, não a realisaria sem despende centos de mil réis, e ainda assim sujeitando-se á privações a que raras vezes sua saúde resistiria.

Quem visita os seringaes da foz do Amazonas conhece logo á primeira vista, que é o *tapuio* e não o branco que foi creado para aquella vida. A barraca do regatão (é o nome do negociante branco) está provida de tudo; roupas, mantimentos, vinhos, licores; elle colleccionou o que poude para trocar pela borracha do *tapuio*; elle gosa de todos esses commodos, emquanto que a barraca do *tapuio* ou é a sua propria canôa ou é uma vasta choça levantada sobre seis ou doze forquilhas, aberta de todos os lados, e mal coberta com palmas de bossú ou inajá. Um veado, uma anta ou qualquer outro animal dependurado por uma perna de um dos caibros de casa, algumas mantas de peixes salgados, os utensilios para fabricar a borracha, que são um machadinho e

panellinhas de argilla, algumas redes fumarentas atadas nos esteios da casa, as armas de fogo dependuradas dos mesmos esteios; raras vezes um pote d'agua, ou um peito de jacaré, para servir de cadeira, alguns arcos e flexas para apanhar peixe; eis o interior da casa do seringueiro, que na extracção da borracha, consegue um salario medio de 10\$000 por dia.

O branco no meio das florestas, com os commodos de sua civilisação, é tão miseravel como o *tapuio* em nossas cidades com seu arco e flecha.

Se visitaes a barraca do branco, tereis occasião de avistar-vos com um ente pallido, quasi sempre inchado, doentio e triste, no meio d'aquella abundancia que elle reuniu alli para negociar com o mameluco. Se visitaes a barraca do *tapuio* á tarde e depois do serviço, comprehendereis pelas cantigas ao som da violá, os contos alegres e historias animadas como elle vive feliz e na abundancia no meio d'aquella pobreza, que para vós seria o cumulo das privações, e que para elle é a mais alta expressão da riqueza e da abundancia.

D'esta serie de factos resulta, o estado de atrazo de civilisação de nossas selvagens; suas poucas necessidades não são defeitos senão para empregal-os em industrias sedentarias, para as quaes são completamente improprios. Desde porém que, seguindo o methodo razoavel e unico productivo de empregar o homem n'aquillo que está conforme com seus habitos, se tratar de applicar o selvagem ás industrias pastoris e extractivas, industrias estas a que está reservado um grande futuro, elle se ha de prestar a ellas melhor do que qualquer das raças que habitam a America, como se está prestando.

O *caepira* de S. Paulo e Paraná, o *caburé* de Goyaz e Mato Grosso, o *gaúcho* do sul e republicas platinas, e o *tapuio* do

norte, que não são senão o indio americano, ou o mestiço seu descendente, representarão na producção da America do sul um papel tão importante como o branco, desde que se attribua a elles os productos das industrias pastoris e extractivas, nas quaes elles são o braço que trabalha, e portanto o instrumento principal de taes industrias.

A' vista d'estes factos, cujo exame está ao alcance de todos, e que já teriam sido observados, se nós não tivéssemos um gosto decidido para examinar as cousas da França, Inglaterra e Estados-Unidos, com preterição do estudo de nosso paiz e de nossas cousas; á vista d'estes factos, as pessoas que se occupam de resolver o difficil e importantissimo problema de braços para utilizar as riquezas quasi infinitas d'este solo onde tudo é grande, excepto o homem: á vista d'estes factos estou autorizado a concluir: o braço indigena é um elemento que não deve ser desprezado na confecção e preparo da riqueza publica.

Tem-se-me observado muitas vezes, que os norte-americanos, muito mais adiantados do que nós, não encontram outro meio de catechisar os seus selvagens senão o exterminio. Certamente que os Estados-Unidos são um grande paiz, e que tem muitas, muitissimas cousas em que nos são superiores. Mas d'isto não se segue, que, tudo que elles não puderam fazer, nós tambem o não possamos, e nem tão pouco que nos sejam superiores em tudo, porque, certamente que não o são. Poderam elles por ventura libertar os seus escravos sem derramar rios e rios de sangue? Não. Pois nós vamos libertando os nossos no seio da mais profunda paz e sem ver parar e nem zo menos entorpecer as fontes da nossa riqueza. Como notei acima, e esta nota é de importancia capital, o braço indio não é productivo em industrias sedentarias; ou examine-se esta these perante a sciencia, ou empiricamente á luz dos factos e da experiencia, a con-

clusão é uma só. Onde quer que foi possível empregar o selvagem como caçador ou pastor, elle excedeu muito á raça branca, excedeu porque, como reflexionei atraz, seu proprio atrazo, suas poucas necessidades que constituem obstaculos invenciveis a que se elle adapte á industrias sedentarias, constituem tambem virtudes e qualidades de subido valor para todas aquellas que suppõe um viver nomade errante e independente d'isto, que para nós são commodos indispensaveis, mas que para elles são peias e incommodos, tanto quanto para nós seria o adoptarmos seu genero de vida errante e selvagem.

Nós temos para utilizar o braço selvagem duas fontes de riqueza, em que elles hão feito suas provas, e nas quaes temos tirado resultados conhecidos: nossos vastos campos appropriadissimos como os de nenhum outro paiz do mundo as industrias pastoris; e nossas vastas florestas do Amazonas, Goyaz e Mato Grosso, abundantemente providas de materias para utilizar milhões de braços nas industrias extractivas da borracha, cacão, salsaparilha, ipecacuanha, cravo, oleo de copahyba, e multidão de outras que já representam em nossa riqueza publica, uma somma de cerca de 15 mil contos de valor annual de exportação. Os norte-americanos estavam por ventura nas mesmas condições? Não por certo; elles não podiam applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão de Deus, e a que o branco esteve, e está sujeito tambem, elle não pôde ser agricultor sem ter sido pastor e caçador.

O argumento pois dos Estados Unidos nada prova. Os norte-americanos extinguiram seus selvagens; nós os sul-americanos havemos de aproveitar os nossos, como já os estamos aproveitando em escala muito maior do que parece a quem não tem viajado o interior, ou não presta a attenção

devida á qualidade da raça que ministra os mais abundantes braços de trabalho para certas industrias. Se me fôra licito entrar aqui em um cálculo da exportação que é na America do Sul devida ao braço selvagem ou ás raças mestiças, derivadas d'elle, ficar-se-ha sorprendido do elevado de sua cifra; talvez não represente nada menos de cem mil contos annuaes !

Deixemos pois de parte a experiencia dos Estados-Unidos e das possessões inglezas da America do norte; n'este ponto elles têm que aprender connosco, e muito mais o terão desde que nos deliberemos a emprehender n'este sentido um trabalho systematico e methodico, cujo plano peço licença a esta associação para resumidamente esboçar; e nem se me estranhe isto, porque é no seio das associações scientificas que na Inglaterra, na França e na Allemanha se hão elaborado as resoluções dos mais ingentes problemas praticos d'essas grandes nações.

Em escriptos anteriores, e nomeadamente em uma memoria que ha dois annos li n'esta associação, mostrei que o primeiro elemento para collocar uma raça em contacto com outra é a communidade da lingua. Este é o primeiro passo de uma catechese regular.

Mas como conseguir que os brasileiros se dediquem a estudar linguas selvagens? Isto é impossivel; quando houvesse a boa vontade faltariam os elementos para esse estudo; a pequena collecção que eu possuo em uma unica lingua custou-me muito dinheiro, e muito tempo.

Mas se não é possivel fazer os brasileiros estudarem as linguas selvagens, é possivel, é facil educar meninos selvagens que, continuando com o conhecimento da lingua materna, sejam nossos interpretes, o laço entre a civilisação aryana, de que nós somos os representantes, e essa civilisação

aborigene que ainda não transpôz os limites da idade de pedra, e de que elles são os representantes.

Em 1871 creou-se n'este plano, e sob a protecção da serenissima princeza imperial, o collegio Isabel; estão ahi representadas hoje todas as tribus do Araguaya, nos 52 alumnos que conta. Figure-se mais 10 annos; representemos pela imaginação que em cada uma d'essas tribus, algumas das quaes são inteiramente barbaras, figuremos, digo, que o viajante que as tiver de visitar encontra 10 ou 12 pessoas que fallem a nossa e a lingua aborigene, que saibam ler e escrever, que sejam indigenas pela lingua e sangue, mas que sejam brasileiros e christãos pelas idéas, sentimentos e educação; não é muito provavel, pergunto, que essa tribu, seguindo as leis naturaes da perfectibilidade humana, se transforme senão em tudo, pelo menos tanto quanto baste para começar a ser util? Parece que sim. A historia da humanidade dá testemunho de que as transformações dos povos só se hão effectuado aos impulsos de um homem de sua mesma raça.

Ou eu me illudo muito, ou os numerosos indios d'essa vasta região estarão utilizados em menos de 15 annos.

No meu modo de pensar a idéa do collegio Isabel deve ser proseguida da seguinte fórma : Devemos crear instituições identicas no Pará, no Amazonas, em Mato-Grosso, e todas ellas sujeitas a um collegio central, que será tambem o collegio de interpretes que se deve fundar n'esta côrte.

O collegio central de interpretes na côrte deve ser uma especie de instituição como o collegio de Pedro II, ou qualquer de nossas instituições de beneficencia, em que a politica não se venha metter, porque crestal-a-ha com seu contacto; digo que a politica seria um elemento de destruição, não porque ella seja em si uma cousa má; creada

para governo do Estado, ella é util para esse fim: mas desde que ultrapassa esse limite, como entre nós tem ultrapassado para intrometter-se em assumptos de educação, ou em quaesquer outros que lhe sejam alheios, ella os estraga convertendo-os em meios de governo, quando elles devem ser meios para aquillo a que se destinam.

Cada um dos collegios filiaes de Goyaz, Pará, Amazonas e Mato Grosso, deveria enviar ao collegio central os mais intelligentes de seus alumnos, e representantes das 4 ou 5 grandes linguas sul americanas.

Os meninos, recebidos no collegio central, aprenderiam não só os officios de carpinteiro e ferreiro, como receberiam uma educação intellectual practica, de modo a serem regulares administradores, começando por fazel-os parcialmente administrar serviços no collegio, a exemplo do que fizeram os jesuitas no Paraguay. Esses meninos, assim educados, seriam depois empregados pelo mesmo collegio, mediante um ordenado, a irem ter residencia em suas respectivas tribus para governal-as, não com character de imposição, mas sendo as influencias naturaes, haviam de adquerir grande ascendente entre os seus, tornando-se o canal pelo qual lhes dessemos a pouca ferramenta de que necessitam para as industrias extractivas, ou os primeiros elementos para crearem entre si a industria pastoril.

Como nenhum plano pratico existe, em quanto se não calculam as despezas que elle traz, eu, pela experiencia que tenho do collegio Isabel, as calculo assim:

Tres collegios filiaes a	20:000#000.....	60:000#000
Collegio central	30 contos.....	30:000#000

Somma.....	90:000#000
------------	------------

Se attentar-mos a importancia que o braço indigena pôde

representar em nossas industrias, e que este meio, se bem que lento, é de resultados seguros desde que a política não venha desnaturar a instituição, concordar-se-ha comnosco que o sacrificio é nullo, e que o dinheiro assim dispendido será capital posto a muito bom juro nas arcas do futuro.

Avaliei as vantagens positivas, as que tocam a nossa riqueza como nação, e a importantissima questão de duas series de industrias que vão crescendo a olhos vistos, e cuja importancia foi tão sabia e proficientemente demonstrada pelo barão de Liebig, cuja perda a sciencia pratica da Europa tem tão amargamente chorado.

Se considerarmos porém, que as grandes linguas americanas são uma pagina importantissima da historia da humanidade, porque hoje sabe-se que tudo se encadêa n'ella; e que, linguas, religião, idéas moraes, nada é isolado na familia humana; se considerarmos que esta curiosa familia humana não tem ainda escripto a historia do homem do periodo de pedra; e que o nosso aborigene é um homem d'esse periodo, o que equivale a possuirmos n'elle um livro de historia mais antigo talvez do que o Genesis ou os Vedas; se considerarmos o immenso interesse que resultará para a anthropologia, a sciencia das religiões e a linguistica de conhecimentos aprofundados d'esta velha familia americana, cuja civilisação como que parou ainda antes do periodo em que a raça aryana fez as suas primeiras irrupções para fóra dos grandes *plateaux* da Asia central; se considerarmos éstas cousas, veremos, que uma instituição d'esta ordem, além de ser a solução d'um problema pratico, que o nosso interesse de brasileiros nos chama a resolver, será tambem uma importante resurreição d'um velho passado, no qual os grandes sacerdotes, os Calcas da humanidade, virão buscar a prophacia de mais d'um problema do futuro.

CONSEQUENCIAS FUTURAS DO CRUZAMENTO

A quantidade de sangue indigena que se tem misturado e confundido na nossa população do Brasil é maior do que commumente se pensa. Mesmo em algumas provincias do sul (S. Paulo, Minas, Paraná, Rio-Grande) essa população mestiça é consideravel, e muito maior do que qualquer das provenientes puramente dos troncos branco e preto.

Ao passo que se remonta para o norte o sangue indigena predomina os mestiçamentos até que, no Ceará, Piahy, Maranhão, Pará, Amazonas, elle corre mais ou menos misturado nas veias de cerca de dois terços da população.

Para bem avaliarmos a extensão dos cruzamentos no Brasil, podemos tomar sem receio de exaggeração o algarismo de cinco milhões de brancos, pretos ou mulatos, cruzados com aborigenes. Se ha erro n'este algarismo é para menos e não para mais.

O Sr. Quatrefages, diante d'este extenso cruzamento, pergunta: « Qual será o resultado em relação á especie humana d'esta fusão de sangue, operada em tão alta escala no immenso cadinho da America? »

Depois de estudar a opinião dos diversos escriptores que se hão especialmente occupado d'essas questões (dos quaes alguns sustentam que a especie humana perderá com o cruzamento, porque a raça branca, incontestavelmente a melhor que existe, ficará degenerada), conclue, que o resultado final será benefico para a humanidade; nós accrescentaremos que será benefico tambem para o Brasil.

Sem poder entrar agora em um longo desenvolvimento do assumpto, porque só esta parte exigiria uma memoria tão extensa como a que escrevemos, não me dispen-

sarei, comtudo, de citar alguns factos e leis naturaes que confirmam, para nosso paiz, a consoladora previsão que a sciencia deduz d'estes cruzamentos.

Em primeiro lugar : Deus organisou a vida com leis tão sabias e inflexiveis que, não é possivel suppôr-se que taes cruzamentos fossem fecundos, se a Providencia Divina não tivesse em vista um melhoramento e um progresso na especie. E' sabido que, desde que os organismos dos sêres vivos têm entre si differenças especificas, ainda que seja fecunda a união dos dois, os filhos são estereis. Para não recordar senão um facto, que é muito vulgar entre nós, eu citarei o exemplo do cruzamento entre o cavallo e o jumento, cruzamento perfeitamente fecundo, ao passo que os hybridos resultantes d'esta união tornam-se infecundos e são incapazes de reproducção entre si. Ora, tanto o mulato, como o mameluco e o cafuz, não só gozam da faculdade da reproducção, como parecem possuil-a em maior extensão e desenvolvimento do que as raças puras de onde provêm. E d'este facto resulta que a differença entre os troncos humanos é accidental, sem o que os filhos se não reproduziriam ; e que, se essa differença torna-se importante quanto aos phenomenos intellectuaes, não deve ser lançada á conta das raças e sim á falta de educação, pobreza, clima e todas essas que os naturalistas capitulam com o nome de *acção dos meios*. Hoje está averiguado que existem raças perfeitamente brancas, que ainda estão no periodo da idade de pedra, e, portanto, iguaes em civilisação a nossos selvagens, e inferiores aos negros do Haity e S. Domingos.

Os troncos humanos não morrem ; transformam-se. A unica transformação que vinga e predomina é aquella que fica mais em harmonia com as circumstancias locaes em que se têm de exercitar as diversas e variadissimas funcções da vida. E' isto o que se dá com os homens e com os

animaes em toda parte, e é isto o que terá lugar com o Brasil. Não só o bom senso indica *a priori* esta opinião ; ella resulta igualmente dos factos que já podemos observar em nossa curta historia do Brasil ; digo curta porque : *natura non facit saltum*, e suas transformações são lentas e não se completam senão no decurso de muitos seculos.

Mas, não seria melhor que o Brasil fosse povoado só por brancos ? Para responder sensatamente a esta pergunta é necessario ter em consideração diversos factos, e leis phisicas.

E cousa averiguada que a aptidão para a acclimação em um paiz quasi todo intertropical não é igual para todos os troncos. O negro resiste melhor ao calor do que o branco ; o indigena se deve considerar como um termo medio entre esses dois extremos. Em 1857, viajando eu de S. Paulo para Minas, succedeu que pousassem comigo no mesmo rancho uma familia de colonos allemães recentemente chegados, e um comboi de escravos pretos idos do Rio de Janeiro. Emquanto os pretos se reuniam ao pé do fogo para aquecerem-se ao seu calor — os allemães suavam e pereciam suffocados de calor dentro do rancho. Este contraste de sensações oppostas, produzidas pelo mesmo gráo de temperatura, indica bem claramente a aptidão de cada tronco para habitar paizes quentes ou frios.

Um facto, que terá sido observado por todos, é a prompta degradação da raça branca no Brasil, sobretudo nas cidades do littoral, ou nos lugares onde abundam miasmas paludosos. Na provincia de Goyaz existe uma grande região conhecida com o nome de *vão do Parand* onde só o negro, o mulato e o mameluco podem viver ; o branco, que alli fôr residir, morre cedo ou tarde de febres paludosas ; a cidade de Mato-Grosso, na provincia do mesmo nome, está tambem n'esse caso ; a acção deleteria do clima tem alli extinguido

a raça branca. Nos vastos seringaes da provincia do Pará, ao passo que o negociante branco (o regatão), não vive alli alguns mezes sem voltar inchado, pallido e anemico, o *tapuío* medra, cresce e multiplica-se.

Mens sana in corpore sano, é a regra geral, se não o principio da superioridade intellectual. A raça branca pura, na terceira ou quarta geração, sobretudo nas cidades do litoral, dá apenas descendentes magros e nervosos, ou gordos, de carnes e musculação flacidas, e de temperamento lymphatico; se, sem robustez physica a intelligencia não é sã— a raça branca não pôde conservar sua superioridade sem estes cruzamentos providenciaes que, no decurso do tempo, lhe hão de communicar esse grão de força de que elle necessita para resistir a acção deleteria do clima de nossa terra.

Os estudos a este respeito tem descido já a grandes minuciosidades, e sabe-se hoje, que o melhor mestiço é aquelle que resultar do tronco branco, no qual se haja infiltrado um quinto de sangue indigena.

Não devemos conservar pois apprehensões e receios a respeito dos futuros habitantes do Brasil. Cumpre apenas não turbar, partindo de prejuizos de raças, o processo lento, porém sabio, da natureza. Nosso grande reservatorio de população é a Europa; não continuamos a importar africanos; os indigenas, por uma lei de selecção natural, hão de cedo ou tarde desapparecer; mas, se formos previdentes e humanos, elles não desapparecerão antes de haver confundido parte do seu sangue com o nosso, communicando-nos as immunidades para resistir a acção deleteria do clima intertropical que predomina no Brasil.

S. Agostinho dizia: *Deus é tão grande nos arcanos de sua providencia, que não permite o mal senão porque d'elle sabe derivar o bem*; quer isto dizer: nós julgamos

muita vez que uma ordem de factos é um mal, porque a fraqueza de nossa intelligencia não póde alcançar as consequencias finaes, que são ordinariamente o bem ; certamente que os systemas e prejuizos humanos perturbam e demoram muitas vezes a acção benefica da natureza ; mas ella vence a final, e a lei natural, que é lei de Deus, a despeito das convenções humanas, marcha e tem sempre uma realização completa e plena.

Aqui no Brasil as raças mestiças não apresentam inferioridade alguma intellectual ; talvez a proposição contraria seja a verdadeira, se levarmos em conta que os mestiços são pobres, não recebem educação, e encontram nos prejuizos sociaes uma barreira forte contra a qual tem de lutar antes de fazer-se a si uma posição. De mais, nosso exercito e armada, com a lei arbitraria do recrutamento (pagina escura da nossa historia, que cumpre eliminar quanto antes, porque é uma causa de desmoralisação, que abala a sociedade pelo mais poderoso de seus laços de união, que é o respeito a liberdade individual), perturba profundamente a paz das familias, e pesa quasi que exclusivamente sobre o mestiço. E nem se diga, que a quantidade da contribuição de sangue é tão diminuta, que rasoavelmente não se deve augurar que essa causa de perturbação possa influir para retardar o desenvolvimento da população crioula. Cumpre não julgar estas cousas por alto, e pensar nos factos positivos e nos algarismos antes de pronunciar taes juizos, que não podem ter valor senão tanto quanto são o resultado consciencioso da observação e dos factos. Quem examinar isso, verá as grandes e poderosas razões que levaram o governo a chamar a attenção do parlamento para essa lei, cuja reforma elle compendiou entre as mais urgentes. E com effeito, se considerarmos o Brasil com uma população de 10 milhões de habitantes, e se virmos que não

estão de facto sujeitos ao recrutamento 2 milhões de escravos, 3 milhões de estrangeiros, 3 milhões e quinhentos mil brancos ou mestiços ricos nacionaes, resta uma população de 2 milhões, dos quaes, se deduzirmos a metade para o sexo feminino, um terço para homens inferiores a 18 annos, ou maiores de 40, um $\frac{7}{10}$ para incapazes do serviço por molestia ou defeitos physicos, um $\frac{7}{10}$ para os que se empregam em profissões que os isentam do imposto de sangue, resta apenas uma população de 421 mil habitantes, que é annualmente perturbada e esmagada por essa lei cuja acção seria insensivel, se fôra repartida por toda massa dos habitantes do Brasil.

Tendo em conta estas causas que impedem a educação pela pobreza, que obstam a riqueza pela perturbação profunda do trabalho á aquelles que, para adqueril-a, não têm senão seus braços, pôde-se por ventura afirmar, que as raças mestiças no Brasil apresentam inferioridade de caracteres intellectuaes e moraes aos da raça branca? Creio que não. A Bahia é das provincias do imperio aquella em que a raça branca mais intimamente se cruzou com a negra; o desenvolvimento intellectual n'essa provincia é um dos mais intensos do Imperio.

S. Paulo e Maranhão são as provincias em que a raça branca se cruzou mais profundamente com a indigena; S. Paulo está na vanguarda dos melhoramentos materiaes, e seria injusto aquelle que desconhecesse, que a provincia do Maranhão, attenta a sua população e recursos, é a que representa o mais energico movimento litterario do Imperio.

Nosso futuro por este lado é cheio de esperanças; não o perturbemos com guerras. A geologia nos ensina que no mundo physico a acção do fogo foi sempre perturbadora; produziu essas grandes serras de granito que encantam a vista, mas que são tão estereis como as glorias das armas

o são no mundo moral ; os campos fertes, as regiões privilegiadas, foram filhas dos tempos de paz em que as aguas elaboraram lentamente os continentes. Tomemos nós brasileiros essa lição da natureza ; e já que somos a maior região physica da America, procuremos ser tambem a maior nação moral, não pela acção do fogo, mas pelos lentos e methodicos trabalhos das artes, da economia e das sciencias que são absolutamente incompativeis com as estereis glorias das armas, quer se as alcance em paizes estrangeiros, quer venham tintas com o sangue de nossos patricios.

VI

FAMILIA E RELIGIÃO SELVAGEM

Elementos moraes para classificação : familia, monogamia, polygamia e relações do homem com a mulher, entre os selvagens do Brasil. Religião selvagem. Instincto religioso. Idéa de Deus. Systema geral da theogonia tupi. Sentimento de gratidão para com o creador. Immortalidade da alma. Transfigurações. Lenda sobre Mani, que concebe em estado de virgindade. Nomenclatura dos deuses selvagens. Conclusão.

Não são os caracteres physicos, e sim os moraes, que entram como elemento principal em uma boa classificação anthropologica. Segundo as regras fixadas pela sciencia, o instincto religioso de cada raça é um elemento muito importante ; e, se não é o primeiro, é pelo menos um dos mais

decisivos para tal mister. Não é a força physica, a belleza, a gentileza da fôrma, que constituem, como entre os irrationaes, a superioridade de uma raça humana sobre outra, assim como não são as qualidades physicas que constituem a superioridade de um homem sobre outro.

Ha, sem duvida alguma, certos laços entre as perfeições das fôrmas e os dotes moraes, que não se podem contestar; sobretudo ha certos limites que não podem ser excedidos impunemente: é assim que raras vezes um anão será um homem intelligente. A' parte, porém, os extremos limites que não podem ser ultrapassados impunemente, nada ha nas fôrmas physicas do homem que indique com certeza superioridade moral. Partindo d'esta regra, cuja verdade é incontestavel, segue-se que aquellas classificações, que se limitarem a caracteres physicos, serão destituidas de importancia, porque ommittirão justamente o que o homem tem de mais caracteristico, que é sua natureza intellectual e moral.

Os mestres da sciencia prestam particular attenção ao sentimento de sociabilidade e ao sentimento religioso. Nós trataremos, pois, de estudar n'este capitulo as manifestações d'esses sentimentos entre os nossos selvagens. Este estudo é difficil por ser necessario evitar com igual cuidado, tanto o desdem, tão natural ao homem civilisado quando vai apreciar instituições barbaras; como o sentimento, não menos natural ao coração humano, de exagerar as vantagens de um estado de cousas qualquer, só porque o não conhece, e suppre, por um ideal da propria imaginação, aquillo que elle não sabe como é em realidade. Temos, pois, de evitar com igual cuidado as suggestões pessimistas, assim como o dominio do romance e da poesia.

PREJUIZOS ANTIGOS

O interesse é na historia um máo conselheiro.

Tanto os conquistadores hespanhóes e portuguezes, como os jesuitas, consideraram o selvagem um instrumento de trabalho, uma especie de mina, cuja exploração disputaram encarniçadamente. Tudo quanto elles escreveram respeito ao selvagem americano, a não serem as primeiras impressões de viagem, é dominado por esse pensamento fundamental.

Tanto a respeito da familia selvagem, como das religiões, merecem-me pouca fé os escriptores antigos. Estava nos interesses dos conquistadores deprimir o mais possível a raça conquistada; com effeito só assim elles podiam legitimar os medonhos actos de barbaria que commetteram.

Para poder matar o indio, como se mata uma fêra bravia, para poder tomar-lhes impunemente as mulheres, roubar-lhes os filhos, criar-os para a escravidão, e não ter para com elles lei alguma de moral e nem lhes reconhecer direitos, era mister acreditar que nem tinham idéa de Deus, nem sentimentos moraes ou de familia.

A historia fará algum dia plena justiça a essas asserções.

Por outro lado, os padres jesuitas antigos, que com o serem grandes homens, nem por isso deixavam de ser homens, participaram em grande parte dos defeitos de seus contemporaneos. N'aquelle tempo a crença no poder do espirito maligno era tão grande, que Satanaz representava na vida humana um papel quasi tão importante como o do proprio Deus.

Não se entendia, como nós hoje entendemos, que nada appareçê na humanidade que não seja a consequencia infalível de uma lei moral estabelecida pelo Creador. Toda e

qualquer manifestação religiosa era, pois, segundo as idéas do tempo, uma inspiração do diabo, um culto prestado ao espirito das trévas. Impellidos por estes dois poderosos moveis, comprehende-se quantos erros não commetteram os primeiros historiadores, e a desconfiança com que devem hoje ser lidos seus escriptos.

Feitas estas reservas, eu entro no estudo do primeiro ponto, isto é :

FAMILIA SELVAGEM

Tendo eu recusado o testemunho dos escriptores antigos, o que passo a referir é filho da propria observação, ou de testemunhos insuspeitos recolhidos nas localidades, no decurso de longas peregrinações que tenho feito nos ultimos dez annos pelo interior do Brasil.

Em minhas viagens tenho já estado em mais de cem aldeas de selvagens. Conheço cerca de trinta tribus, constituindo dez nações indigenas, algumas já meio civilisadas, outras ainda inteiramente extremes de qualquer participação de nossas instituições, idéas e preconceitos.

De minhas observações tem resultado sempre que, na familia indigena existem : desde as instituições rigidas e de uma severidade de costumes que excedem a tudo quanto a historia nos refere, até a communhão das mulheres. Refiro-me ao indio que não está catechisado, porque este é, por via de regra, um ente degradado ; ou seja que o systema de catechese é máo, ou seja que o esforço do catechista, dirigido especialmente para conseguir um homem religioso, se esqueça de desenvolver as idéas eminentemente sociaes do trabalho livre, ou seja outra qualquer causa, o factó é este : o indio catechisado é um homem degradado, sem costumes originaes, indifferente a tudo, e, portanto, á sua

mulher e quasi que á sua familia. Os aldêamentos indo-christãos não têm, pois, costumes originaes : sua familia é a familia christã, mais ou menos moralisada, segundo o character individual do catechista.

Dissemos, porém, que os selvagens, que estão fóra do contacto de nossa civilisação, apresentam nas relações do homem com a mulher todos os typos, desde a communhão de mulheres até uma severidade desconhecida nas sociedades christãs. E' assim que conheço tribus onde não ha casamentos, assim como conheço outras em que a mulher adultera é punida com a pena da fogueira ; e como taes instituições possam parecer estranhas, eu necessito de justificar-as com factos.

COMMUNISMO ENTRE OS CAHYAPÓS

Não se entenda por communismo de mulheres alguma cousa de semelhante á prostituição. Aquelle é um modo de familia de que a raça branca tem um exemplo notavel entre os espartanos ; esta é a negação da familia.

E' tão importante esta distincção para bem comprehender a familia selvagem, quanto é certo que n'aquellas mesmas tribus, onde ha esse communismo, as prostitutas são tidas em grande desprezo ; o que seria impossivel se as duas cousas se equivallessem.

Os *Cahyapós*, que me parecem ser a mais numerosa tribu dos *plateaux* centraes do Brasil, são um exemplo d'esta instituição.

Estes indios, subdivididos em tribus poderosas, debaixo dos nomes de *Cahyapós*, *Gradahús*, *Gorotirés* e *Carahós*, estendem seu dominio desde as florestas da provincia do Paraná, Mato-Grosso, Goyaz, Maranhão, até o Pará, onde,

sob o nome de *Gorotirés*, possuem fortes aldêamentos á margem do Xingú.

A's margens do Araguaya elles entraram, ha poucos annos, em relação comnosco, e têm seus aldêamentos nas setenta leguas que medêam entre o rio Tapyrapé e a Cachoeira-Grande, margem esquerda do Araguaya, com uma população que orça, mais ou menos por dez mil homens, sendo actualmente governados por tres chefes intelligentes e aguerridos, de nomes *Manahô* e *Kamecran*, não me occorrendo agora o nome do terceiro.

Não trato, pois, de uma pequena tribu, e sim de uma grande e poderosa nação.

O communismo de mulheres entre elles consiste no seguinte: a mulher, desde que attinge á idade em que lhe é permitido entrar em relação com o homem, concebe daquelle que lhe apraz. No periodo da gestação e amamentação é sustentada pelo pai do menino, o qual pôde exercer igual encargo para com outras, as quaes, durante periodos identicos, moram na mesma cabana. Desde que a mulher começa a trabalhar é livre de conceber do mesmo homem, ou pôde procurar outro, passando para este o encargo da sustentação da prole anterior. Notarei que entre os selvagens o menino começa a cuidar da propria subsistencia desde os dez annos, sendo comtudo auxiliado pelos parentes até que baste a si mesmo.

Os selvagens são em geral mui caridosos para com todos os meninos, inclusive para com os de tribus inimigas que tomam na guerra, aos quaes criam como se foram proprios.

Este modo de entender as relações do homem com a mulher, isto é, fazêl-as exclusivamente depender da vontade dos dois, pôde ter e effectivamente deve ter grandes inconvenientes. Quaesquer, porém, que elles sejam, não é a pros-

tituição ; é um modo de ser da familia, que elles julgaram melhor, segundo suas idéas e meios de vida.

EXCLUSIVISMO DOS GUATÓS E CHAMBIOÁS

Tomarei agora dois typos diversos : os *Guatós* na bacia do Prata, e os *Chambiods* na do Amazonas.

Os *Guatós* do Paraguay brasileiro são um typo exagerado dos direitos do homem sobre a mulher. Estes *Guatós* são os indios que habitam os immensos campos palludosos do Alto-Paraguay, S. Lourenço e Cuyabá ; a região de sua residencia se estende, pela margem direita do Paraguay, até a bahia denominada por nós Gayba (o que se diria correctamente *Yngahyba*, que quer dizer lugar de arvores de ingá) ; pela margem direita até a bahia a que chamamos Chanés (o que correctamente se deveria dizer *Echané*—de *echa*, vêr, e *é*, destreza, desembaraço, e que traduziríamos pelo circumloquio portuguez Bella-Vista, lugar descampado) ; pelo Paraguay arriba suas habitações vão até o morro do Descalvado ; pelo S. Lourenço até a confluencia do Cuyabá ; e por este até dez leguas ao sul do ponto do Cassange. Pelos limites que acabo de traçar, vê-se que não tratamos de uma pequena tribu ; e, se bem que não possamos nem de longe avaliar a sua população, comprehende-se, pela área que occupa, que tratamos de uma grande nação, dividida talvez em muitas tribus, o que por emquanto não sabemos, porque habitando elles montes isolados em meio d'aquelles vastos pantanaes, occupam por esse só facto uma região pouco accessivel ; e o que dizemos de seus costumes ou nos foi referido pelos officiaes fugitivos de Coimbra, ou pelo que pudemos observar, quando, para evitar a vigilancia das forças paraguayas na occasião em que as iamos atacar, tivemos necessidade de fazer nossas marchas em centenas de canôas, por pantanaes conhecidos por elles, e onde

nos foram de grande e valiosissimo soccorro, já indicando lugares de descanso no meio d'aquellas immensas paludes, já guiando á nossos soldados o caminho n'aquella emmaranhadissima rêde de canaes. O *Guató* não é monogamo : tem uma, duas ou tres mulheres, segundo a agilidade que mostra na caça, pesca e colheita dos diversos frutos que constituem a base de sua alimentação. Parece, pois, que não liga idéa alguma de moral a este facto, que elle regula segundo suas forças phisicas, e principalmente segundo a capacidade de alimentar a familia. Nem conheço as diversas ceremonias de que usa para realizar o casamento, porque, quando estive em Mato-Grosso, andava com o espirito muito preocupado para podêl-as observar, e nem mesmo viria aqui á pello mencionall-as(10).

O que interessa á minha these é o recato das mulheres ; se uma *Guató* nos trazia um peixe, uma caça, uma fruta silvestre, ou para obedecer á ordem do marido, ou para procurar obter um objecto nosso que cubiçava, fazia-o sempre com os olhos fitos no chão ou voltados para seu marido.

Se nossos officiaes entravam de surpresa em alguma cabana, as mulheres, de ordinario assentadas no chão sobre suas esteiras, lhes davam as costas, e viravam-se todas para o marido ou pai de familia, e continuavam o seu serviço sem dizer uma palavra, sem manifestar a tão natural curiosidade de vêr aquella grande porção de canôas e de homens armados, que passavam por uma região até então virgem de outros que não fossem elles mesmos. Este profundo e exagerado recato dos *Guató*s foi geralmente notado sempre pelas forças, onde, reinando o espirito de libertina-

(10) Eu occupei a presidencia da provincia de Mato-Grosso durante os dois ultimos annos da guerra do Paraguay, e alli tive de lutar contra tres inimigos que absorveriam a attenção de qualquer : os paraguayos, a peste e a fome .

gem proprio aos acampamentos militares, eram todos accordes em dizer, que entre os *Guatós* se não consentia genero algum de prostituição. Comprehende-se que, diante de taes sentimentos, nenhuma offensa será sentida tão dolorosamente pelo *Guató* como um desacato á sua familia. Conserva esse povo até hoje grande animosidade contra os hespanhões; e um velho pratico referia-me sempre, como se fôra passado poucos dias antes, um roubo que os hespanhões haviam feito de mulheres *Guatós*, e que talvez já datasse de mais de cem ou duzentos annos.

Para elles os paraguayos continuam a ser castelhanos, assim como nós continuamos a ser portuguezes. Quem sabe se não foram essas mulheres, roubadas ha tanto tempo, a razão da extrema fidelidade que nos guardaram sempre esses selvagens que, forçados desde o principio da guerra a passar muitas vezes pelas rondas paraguayas, nunca denunciaram nossos movimentos ou presença nem por gesto? O Dr. Carvalho, distincto medico do exercito, que, acosado pelo inimigo no combate do Alegre, viu-se obrigado a refugiar-se entre os *Guatós*, que com elles errou por muito tempo, e que, portanto, teve espaço e vagar para notar seus costumes, insistia em suas narrações sobre o singular recato, modestia e honestidade da familia *Guató*.

Tomemos agora um outro typo mais severo ainda do que o *Guató*, e na bacia do Amazonas, o *Chambiod*. Os *Chambiods* com os *Carajás*, *Curajahís* e *Javaés*, formam uma só nação, com sessenta ou oitenta aldéas espalhadas á margem do rio Araguaya, desde o furo Bananal até as Intaipabas (*itaypabe*, agua que corre sobre pedregal), o que mede uma extensão de 120 a 125 leguas, e com uma população de cerca de sete a oito mil individuos. Entre esses indios ha dois factos nimiamente curiosos nas instituições que regulam as relações do homem com a mulher.

O primeiro d'estes é o haver nas aldêas homens destinados a serem *vires viduarum*. Esses individuos não têm outro mister; são sustentados pela tribu, e não se entregam, como os outros, aos exercicios das longas viagens e peregrinações, que todos fazem annualmente, embora revesando-se.

Esta singular casta, sustentada pelos outros, despertou-me a curiosidade; e tendo eu pela primeira vez notado o facto em uma aldêa, cujo capitão era homem muito intelligente, de nome *Coinamá*, tive occasião de notar-lhe que me não parecia justo, que a aldêa carregasse com o sustento d'esses homens. Elle retorqui-me que a paz de que gozavam as familias, e de que não gozariam a não serem aquelles individuos ou antes essa instituição, compensava de muito o trabalho que pesava sobre os outros de sustentá-los. Respeito á severidade de suas leis, quanto ao adultério, referiu-me mais de uma vez o venerando Fr. Francisco do Monte de S. Victo, que estes *Chambiods* queimavam as mulheres adúlteras. Eu nunca tive occasião de verificar este facto por propria observação (11).

IDADE PARA O MATRIMONIO

Todas as tribus impedem com grande cautela, e algumas até com a severidade extrema da pena de morte, a união dos dois sexos antes da completa puberdade da mulher, e sobretudo do homem. Assegurou-me Fr. Francisco, que a virgindade do homem era por via de regra mantida até a época do casamento, e que este não era tolerado antes dos

(11) Este Fr. Francisco é um velho e venerando missionario capuchinho, que aldêou os *Apinagés* da Boa-Vista, e que reside hoje em Santa Maria do Araguaya, onde é o superior dos capuchinhos.

25 annos, sem que comtudo seja isso o ordinario : o casamento é commummente depois dos trinta.

A principal razão que dão os selvagens para isso é a força e energia da prole, e a força e energia da prole é cousa muito mais importante em uma sociedade barbara e rudimental, do que entre um povo civilisado, como é facil de avaliar ; a tribu que, por falta d'estas instituições, deixar a raça abastardar-se, é uma tribu vencida ; sem armas de fogo, sem os diversos recursos que uma cultura mais adiantada pôde trazer á arte da guerra, vence aquella tribu cujos individuos dispozerem de mais forças phisicas : por aqui comprehende-se o papel importante que representa esse elemento em taes sociedades. Não é só isso. Entre nós, um menino fraco e mal conformado pôde vingar á custa de cuidados, e em geral da ausencia absoluta de privações a que está sujeito n'essa idade. N'uma sociedade barbara, porém, onde não é conhecido o uso do sal, onde se não podem encelleirar os alimentos—a fome, as intemperies de que não são protegidos, nem pelas roupas, de que não usam, nem por aquellas choupanas, verdadeiros rudimentos de morada ; as peregrinações forçadas, ou pelas estações, ou pela necessidade de buscar alimentos, são outras tantas causas de eliminação a que não poderiam resistir os meninos fracos e mal conformados. O instincto, pois, da propria conservação, o orgulho, o amor paterno e materno, vêm em auxilio do sentimento de honestidade, para fazer do indio um homem pelo commum mais moral do que o christão civilisado.

A opinião contraria ou é fundada em observações superficiaes, ou assenta-se em factos isolados, que entre nós, assim como entre elles, existem ; mas não podem, sem imprudencia e notavel erro, ser elevados á categoria de regras geraes. A consequencia que devemos tirar dos factos é esta:

a familia selvagem é tão respeitavel como a christã, dadas as circumstancias de costumes, religião e meios de vida de nossos indios.

A prostituição, que se nota em tão alta escala nas aldéas fundadas por nós, é a consequencia forçosa do aldêamento, o qual, trazendo a vida sedentaria a homens que não têm as artes necessarias para viver n'ella, sujeita-os á cultura da terra para obterem um alimento inferior para elles, ao que com menor trabalho conseguiriam na caça e na pesca, emquanto se podessem livremente entregar a ellas na vida seminomade a que estão habituados. D'ahi o desgosto, a preguiça, a ociosidade, que forçosamente corrompem tudo e cream a prostituição, a embriaguez e outros vicios.

No estado selvagem a familia indigena é o que deve ser: a expressão exacta das necessidades sociaes, que elles sentem no gráo de civilisação em que se acham.

E' pois tão digna de respeito como a nossa, e não póde ser alterada senão depois de inculcar-lhes nossas idéas e necessidades; e o primeiro passo para isso é aprender a sua lingua, para podermos ensinar a elles a nossa, e com ella nossas idéas.

Como já observei, os modernos catechistas não aprendem as linguas indigenas. Já ouvi a um d'elles sustentar convenientemente a opinião de que nossos selvagens eram *incatechisaveis por serem descendentes de Caim*. A experiencia dos jesuitas em ambas as Americas prova o contrario.

Em vez de explicação genealogica, me parece muito mais notavel affirmar-se, que é impossivel trazer um homem qualquer ás nossas idéas, desde que nos falte o meio de fazê-las conhecidas a esse homem, seja elle filho de Caim ou de Abel. Se um derviche do Japão viesse prégar entre nós sua religião, não encontraria provavelmente quem lhe qui-

zesse ouvir os sermões enquanto elle os prégasse na lingua japoneza.

Quando Deus quiz propagar o christianismo não se satisfez que os apóstolos o prégassem no dialecto syro-chaldaico que fallavam : fez baixar sobre elles o Espirito-Santo, afim de que podessem fallar todas as linguas. Se os apóstolos, que tinham mais força, porque receberam a missão directa da propagação da fé, o não deviam conseguir senão por intermedio das linguas falladas pelos povos pagãos ; se isto é ensinado pelo Espirito-Santo, que é a propria sabedoria, como é que aquelles que se afastam do caminho ensinado por Deus se espantam de não chegar ao ponto a que elle se dirige(12) ?

Todos nós brasileiros, creados nas fazendas do interiór das provincias, sobre tudo nas visinhanças dos pequenos arraiaes compostos de populações mestiças de indios, fomos, desde a infancia, embalados no meio das tradições da religião dos selvagens.

Tempo houve na vida de todos nós, em que o Deus dos christãos foi tão venerado e tão temido quanto os deuses selvagens. Se nossas mãis nos adormeciam muitas vezes com canticos que recordavam a infancia da Virgem Maria, ou o nascimento de Christo, nossas amas de leite nos contavam as historias do *Saci Cerêrê*, narravam-nos o como um certo menino havia sido desencaminhado nos bosques pelo *Curupira* ; o como um velho tal, que caçava nos domin-

(12) Tinhamos escripto este capitulo quando nos chegou ás mãos o noticioso relatorio com que o Sr. Cardoso Junior abriu a assembléa de Mato-Grosso no anno passado. N'esse documento, onde encontrámos curiosas informações sobre as tribus selvagens de Mato-Grosso, se lê que a nação *Guató*, de que nos occupámos atraz, está hoje quasi extincta por uma peste de bexigas que a assolou.

gos, sem ouvir missa, fôra impellido pelo *Anhanga* a precipitar-se em um abysmo; o como uma lavadeira de roupa tinha avistado no fundo dos poços o *Unutara*, e tantas outras historias, que não são senão os fragmentos da theogonia aborigene, que, desde pequenos nos foi ensinada, e na qual como disse, tempo houve em que todos nós acreditamos.

Ainda hoje, não ha talvez um só *caepira* de S. Paulo, ou um *bruaqueiro* de Minas, á quem possais dizer, que é um ente imaginario o *Saci Cerêrê*, que elle julgou encontrar por dez horas junto a alguma porteira, que lhe saltou na garupa, ou que lhe fez alguma outra tropelia.

As crenças e superstições indigenas passaram todas para o nosso povo, e os deuses dos *Tupís* vivem ainda em nossos campos vida tão real como a que lhes davam os aborigenes, no tempo em que seus *pagés* (e não piagas) os adoravam : escrever pois a theogonia tupí, é quasi que escrever até um certo ponto as crenças de nosso povo, aquillo em que cada um de nós acreditou até os 10 ou 11 annos.

Não me occupando eu, porém, de escrever uma monographia respeito a religião indigena, e, não devendo tomar d'este assumpto senão a parte que tem ligação immediata com a anthropologia, eu limitarei este parágrafo a registrar apenas aquillo que diz respeito a estas tres idéas capitais: sentimento de gratidão para com o creador, immortalidade da alma, theoria de penas e recompensas ; começando por dar uma idéa geral do como era concebida pelos selvagens a noção de Deus.

CONCEPÇÃO DA DIVINDADE

Já observei, que me não inspira confiança o que a este respeito escreveram os jesuitas.

Nunca encontrei entre verdadeiros selvagens esta palavra *Tupan* para exprimir Deus : *tupá* significa raio.

Os jesuitas no entretanto a nacionalisaram na lingua geral com o sentido de Deus. De onde a tiraram ?

Quizeram pela imagem do raio dar uma idéa do poder do creador ? Ou *Tupan* é uma corruptela da palavra *Tuba* — que significa pai ? Não sei. O que sei é, que nunca encontrei tal Deus entre os indios; nunca o encontrei nas tradições do povo do Brasil ; e por tanto eu o excluo da theogonia aborigene *si et in quantum*.

Examinando esta questão de religião como naturalista, isto é; sem sahir nunca do facto observado e natural, o que a historia nos apresenta é o polytheismo precedendo ao monotheismo.

Se os indios da Asia conceberam o seu Brama, e os hebreus o seu Jehovah, Deus unico em substancia, se bem que trino em suas manifestações; os progressos hoje do sanscrito e do estudo das antiguidades do Oriente, já tem feito recuar muito para traz a epocha da civilisação humana ; de modo que nada hoje nos autorisa a pensar que o Brama das Vedas, ou Jehovah da Biblia, tivessem sido a primeira concepção que esses povos fizeram de Deus; é muito natural que essas idéas elevadas, e que já revelam tanta força de abstracção, tenham sido precedidas de idéas toscas e grosseiras, como foram aquellas pelas quaes todos os outros povos marcharam lenta e successivamente até a posse d'essas concepções já tão fortes e tão elevadas.

Como quer que seja, a idéa de um Deus todo poderoso, e unico, não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America; e pois não era possivel que sua lingua tivesse uma palavra que a podesse expressar.

THEOGONIA DOS INDIOS

A theogonia dos indios assenta-se sobre esta idéa capital: todas as cousas creadas tem sua mãe. E' de notar-se que elles não empreguem a palavra pai; esta palavra pai, não indica a origem de um homem, senão em uma sociedade em que o casamento tenha já excluído a communidade das mulheres; e portanto não podia ser empregada por nossos selvagens em um estado tão rudimental de civilisação. O aphorismo romano: *pater est is quem justæ nuptiæ demonstrat*, explica claramente a razão porque um povo primitivo, quando tivesse a necessidade de exprimir a filiação, empregasse de preferencia a palavra mãe, como judiciosamente observa um escriptor.

O systema geral da theogonia tupi, é este:

Existe tres deuses superiores: o *Sol* que é o creador de todos os viventes; a *Lua* que é a creadora de todos os vegetaes; e *Perudd* ou *Rudd*, o deus do amor, encarregado de promover a reproducção dos seres creados. Como observarei adiante, as palavras que no tupi exprimem sol e lua, me parecem indicar o pensamento religioso que os nossos selvagens tinham para com esses astros, e que fica indicado. Cada um d'estes tres grandes seres é o creador do reino de que se trata: o sol, do reino animal; a lua, do reino vegetal; e Perudá, da reproducção. Cada um d'elles é servido por tantos outros deuses, quantos eram os generos admittidos pelos indios: estes por sua vez eram servidos por ioutros tantos seres, quantas eram as especies que elles reconheciam: e assim por diante até que, cada lago ou rio, ou especie animal ou vegetal, tem seu genio protector, *sua mãe*. Esta crença ainda é vulgar entre o povo do interior das provincias de Mato-Grosso, Goyaz, e sobretudo do Pará, e é provavel que tambem do Amazonas.

O sol é a mãe dos viventes, todos que habitam a terra; a lua é a mãe de todos os vegetaes. Estas duas divindades geraes, á quem elles attribuiam a criação dos viventes e dos vegetaes, não tinham nomes que exprimissem caracteres sobrenaturaes. As expressões, que indicam qualidades abstractas, deviam vir em um periodo muito posterior á aquelle em que a civilisação aryana, trazida pela raça conquistadora, veiu encontrar os selvagens da America.

Não tinham termos abstractos para exprimi-los: diziam simplesmente: *mãe dos viventes, mãe dos vegetaes*. E' sabido que a palavra sol é *guaracy*, de *guara*, vivente, e *cy* mãe. Lua é *jácy*. de *já* vegetal, *cy* mãe (13).

AMOR E TEMOR DAS DIVINDADES

Qual o sentimento natural para aquelle que nos creou a nós pela mesma fórma porque nossa mãe nos cria? Não é necessario outra prova para concluir que: o sentimento que os *Tupís* tributavam ao sol, devia ser até certo ponto identico ao que tributavam a sua mãe natural.

(13) Estas etimologias offerecem difficuldades em linguas não escriptas. Os *Tupís* do norte dizem *uaracy*; *uara* ou *guara* não differem senão no modo de escrever; a palavra pronunciada é a mesma *guara* tem diversas significações entre ellas as de: morador, vivente, e a do verbo ser; todas estas redundam em traduzir-se a palavra *guaracy* por mãe dos viventes. Os *Tupís* do sul (*Guaranis*), pronunciam *cuaracy*; esta corruptela deu lugar a que o sabio Montoya a fl 328 verso, do seu *Tesoro*, diga que ella vem de *cuara* buraco, e *acy* pesado. Chamar o sol de buraco pesado é extravagancia que nunca commetteriam nossos indios, cuja lingua é sempre tão escrupulosa, dando a cada objecto caracteres e predicados que elle realmente tem. *Jacy*, não offerece duvida alguma; *já* significa fructa, e tambem brotar, como a semente que emerge do solo; a palavra portanto: ou significa mãe das fructas, ou mãe de tudo quanto nasce do solo.

Qual o sentimento que alimentariamos para com aquelle ser a quem atribuíssemos a criação de todos os vegetaes, isto é d'aquillo com que nos alimentamos? Creio que não necessito de outros factos para demonstrar, que os pobres selvagens tributavam a seus deuses sentimentos tão puros de gratidão como aquelles que nós os christãos tributamos ao nosso Deus. Na oração que nos foi ensinada por Christo, o modo de exprimir nossa relação fundamental para com o Creador é a palavra *pai*. Elles empregam o nome de *mãe*; em que é que isto expressa a ausencia absoluta de idéa de gratidão para com o Creador, como pretenderam os portuguezes e sobretudo os hespanhóes ?

Quasi todos os Deuses dos indios americanos, dizem elles, são Deuses maleficos, á quem attribuiam antes o poder de fazer mal aos homens, do que o de lhes fazer bem.

Eis aqui o resultado de querer escrever sobre cousas que se não tem examinado. Isto é um absurdo; a proposição contraria é que é verdadeira, isto é: com excepção talvez do *Jurupari*, não ha um só ente sobrenatural entre os selvagens a que não se attribua a acção benefica de proteger uma certa parte da criação, de que elle era reputado um pai mais proximo do que o sol ou a lua, mas em summa um pai. Isto é facto que eu tenho examinado com o maior escrupulo.

O que eu nunca encontrei entre os selvagens foi a concepção de um espirito sobrenatural, cuja missão fosse exclusivamente toda mal, como é entre nós a concepção de sathan: isso sim, isso é que não duvido asseverar que não existe. O proprio *jurupari* não está n'esse caso; as tradições que eu tenho colhido a respeito, e que só se encontram hoje no norte do Imperio, não são completas; mas a palavra—*jurupari*—equivale a isso que nossas amas de leite nos descrevem como *pesadelo*. E', segundo os indios,

um ente que de noite cerra a garganta das creanças, ou mesmo dos homens, para trazer-lhes afflicções e máos sonhos (14).

Certamente que attribuem-se máos actos aos deuses. Por ventura quem ler a Biblia, sem dar desconto ao que a linguagem humana necessitou de introduzir de seu, poderá conscienciosamente affirmar, que tudo quanto ella attribue ao Deus dos judeus seja santo e honesto? Não fallemos da Biblia; poder-se-ha dizer que os gregos não tinham idéas de seres divinos, porque attribuiam a Jupiter e aos outros acções indignas da divindade? Pois se, entre povos tão cultos e com tão elevadas noções da divindade, deu-se isso, como se pretende que os deuses de nossos selvagens são todos entes maleficos, se os nossos selvagens, com Hesiodo, Homero, e sobretudo com Aristophanes na mão podiam disputar a superioridade dos seus diante d'aquelles?

E' difficil comprehender bem o espirito da religião dos indios sem estar entre elles, sem ter a paciencia necessaria, e os meios de interrogal-os; e é d'ahi que resulta essa

(14) A palavra Jurupari parece-me corruptela da palavra *Jurupoari* que ao pé da letra traduziríamos: *boca, mão, sobre*; *tirar da boca*. Montoya, *Tesoro*, fl. 202 ver., traz esta phrase *che jurupoari*, tirou-me a palavra da boca. O Sr. Dr. Baptista Caetano, traduz a palavra por: *ser que vem a nossa rede*, isto é: ao lugar em que dormimos.

Seja ou não corrupta a palavra, qualquer das duas traducções está conforme a tradição indigena, e, em fundo, exprime a idéa supersticiosa dos selvagens, segundo a qual este ente sobrenatural visita os homens em sonho, e causa afflicções tanto maiores, quanto, trazendo-lhes a imagem de perigos horriveis, os impede de gritar, isto é: tira-lhes a faculdade da voz.

Babel de informações inexactas que se tem dado de suas idéas religiosas.

Dizem os que negam boas acções aos deuses selvagens : *Anhanga*, *Curupira*, *Cahipora* (aliás *Cahapora*), são apenas conservados nas tradições dos brasileiros como entes que podem fazer mal ao homem, sem lhes poder fazer bem algum.

Assim é, se referem-se ás tradições vulgares do nosso povo, modificadas pelo christianismo.

Mas a razão não é porque esses seres sejam por sua natureza maleficos.

Conforme disse acima, os indios attribuem a cada ordem de criação um deus protector, uma especie de *mãe*, que a defende contra tudo, e especialmente contra a acção destruidora do homem. Nas historias que narram, ha quasi sempre um homem que persegue a uma certa ordem de criação, e é a esse homem, que persegue essa ordem de criação, que o deus apparece fazendo algum mal ; o mal, portanto, feito a tal homem, não é um mal, é uma punição justa e merecida segundo as idéas dos selvagens.

Tomemos os mesmos exemplos citados. *Anhanga* é o deus da caça do campo ; *Anhanga* devia proteger todos os animaes terrestres contra os indios que quizessem abusar de seu pendor pela caça, para destruil-os inutilmente. Concebe-se sem esforço o papel importante que a caça deve representar em povos que não criam animal domestico algum, e que por conseguinte só se alimentam dos que são creados nos bosques, expontaneamente. Partindo d'essas idéas, haverá nada de mais natural, do que haverem milhares de historias em que *Anhanga* figurasse como fazendo maleficios aos homens ?

Da minha collecção de contos eu tomarei uma lenda, ao acaso, para servir de exemplo :

« Nas immediações da hoje cidade de Santarém, um indio *Tupinambá* perseguiu uma veada que era seguida do filhinho que amamentava, depois de havel-a ferido, o indio, podendo agarrar o filho da veada, escondeu-se por detraz de uma arvore, e fel-o gritar; attrahida pelos gritos de agonia do filhinho a veada chegou-se a poucos passos de distancia do indio — elle a flechou; ella cahiu: quando o indio, satisfeito, foi apanhar sua presa reconheceu que havia sido victima de uma illusão do Anhangá; a veada, a quem elle indio havia perseguido, não era uma veada, era sua propria mãe, que jazia morta no chão, varada com a flecha, e toda dilacerada pelos espinhos. »

Eis aqui uma acção demoniaca, dirão. Não, digo eu, esta acção, não repugna a uma divindade; é necessario estudar estas cousas debaixo do mesmo ponto de vista de quem as imaginou; os indios tinham na caça o seu sustento; o instincto lhes tinha indicado que, destruiriam facilmente esse sustento, se não poupassem a vida dos animaes que amamentavam; e como não tinham e nem podia ter um codigo de leis para caça, tinham um preceito religioso. Esse conto, assim como todos os outros, encerra uma profunda lição de moral, e é de mais a mais a manifestação de uma regra eminentemente conservadora, debaixo do seu ponto de vista, e no estado em que elles se achavam; cousas estas que nunca se devem perder da memoria, pena de não comprehender as cousas, e de escrever romances em vez de escrever historia.

O *Cahapora* é outro exemplo. Homem colossal, de corpo pelludo, montado em um porco do mato, ninguem o podia vêr sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida. O *Cahapora* é pois um ente tão máo, que não pôde ser visto sem que arraste a infelicidade para quem o avistar. Assim é; mas, ouçamos a tradição, e ella nos dará a explicação

do facto. O *Cahapora* era o genio protector da caça do mato, e só era visto quando, rodeando-se uma familia inteira de animaes selvagens, se a pretendia extinguir. Portanto, aqui, como na tradição acima citada acerca do *Anhanga*, o que ha é uma boa acção; é um acto de protecção, exercido pelo 'genio, contra quem pretendesse destruir aquelles seres que, segundo as crenças selvagens, foram confiados a seus cuidados, e de cuja não destruição os primeiros interessados eram os proprios selvagens.

Eu não posso acompanhar em seus detalhes esta discussão, porque seria mister passar em revista todas as tradições indigenas; e isso faz objecto de um livro especial que comecei ha annos, e que hei de publicar algum dia.

O que está escripto, porém, me parece sufficiente para chegar a esta conclusão: entre os selvagens, assim como entre nós, a acção attribuida aos espiritos sobrenaturaes é uma acção benefica; quem recusar-se a encherger n'esses seres a manifestação de um verdadeiro e poderoso instincto religioso, a pretexto de que entre elles taes seres são capazes de mal, esse negará que os gregos e romanos tivessem taes instinctos.

Por muito rude e barbara que, á primeira vista, pareça uma instituição qualquer de um povo, ella deve ser estudada com respeito. As instituições fundamentaes dos povos, qualquer que seja seu gráo de civilização ou barbaria, são o resultado necessario das leis eternas de moral e justiça que Deus creou na consciencia humana, leis que em fundo são as mesmas no selvagem ou no homem civilizado, embora susceptiveis de manifestações diversas, segundo o gráo de adiantamento a que cada um tem chegado.

IMMORTALIDADE DA ALMA.

Acreditavam os selvagens na immortalidade da alma Distinguiam a alma do corpo? Sem duvida alguma. Todos elles o fazem. Tenho para affirmal-o provas robustas. Em primeiro lugar : quem visita um cemiterio indigena reconhece as sepulturas por panellas, que elles depositam junto das covas, nas quaes collocam comida ; as armas do morto o acompanham, porque elle necessita da comida e das armas para prover a seu sustento. Uma e outra cousa ser-lhe-iam desnecessarias se a morte acabasse tudo. Asseveram-me pessoas sisudas que as indias *Chavantes*, no estado selvagem, devoram os filhos que morrem, na esperanza de colher novamente a seu corpo a alma do menino.

Eu nunca presenciei esse facto ; estou mesmo em muito boas relações com o mais poderoso dos capitães *chavantes* de nome Zaquê ; já lhe o perguntei ; elle riu-se e não me respondeu ; o que eu tomei por uma confirmação ; porque é de notar se, que os nossos indios são muito orgulhosos de suas crenças ; nada os offende tanto como o pô-las em duvida, e d'ahi vem que são nimamente discretos quando conversam com um christão sobre tal assumpto.

Muitas tribus do baixo Tocantins e do Amazonas enterram seus mortos dentro da propria casa, e isto eu já tenho presenciado ; fazem na esperanza de, quando dormirem, serem visitados pela alma d'aquelles a quem amaram. Esses factos demonstram, a não deixar duvida, que elles acreditam que, além da vida de que gozamos n'este mundo, ha uma outra que é continuada pelo ser, independente do corpo. Pensarão que ella é eterna? Acreditarão em um lugar de bemaventuranças, e de eternas penas? Não sei ; ainda não pude verificar essas cousas ; como disse, os indios são muito reservados e discretos em tudo quanto diz res-

peito a assumpto religioso. No meio da conversação mais animada, se se lhes dirige qualquer pergunta tendente a esclarecer qualquer d'esses pontos, elles tornam-se immediatamente frios, as vezes sombrios, e, ou respondem por monosyllabos, ou nada respondem.

Além d'esse destino mysterioso, que o homem prosegue depois da morte, e para o qual collocam elles a comida e as armas do morto, *teonguera*, junto a sua sepultura; possuo duas lendas que recolhi em Fevereiro d'este anno no Pará, e que parecem indicar que os *Tupis* admittiam uma especie de vida semelhante a que nossas superstições attribuem as almas penadas; assim como admittiam a possibilidade da transformação do homem em outros seres.

Ha ainda hoje em Cameté um celebre Honorato a quem a população indigena do lugar attribue a faculdade de transformar-se em peixe ou em cobra, e viajar pelo fundo dos rios quando lhe apraz. Estas superstições são restos de alguma crença religiosa dos velhos *Tupis*, que, ou não chegou até nossos dias, ou a não soubemos recolher.

LENDA DE MANI

Uma das lendas a que me referi acima conserva a tradição de que o uso da mandioca, que tão importante papel representa na vida do indio, lhes foi revelado por um modo sobrenatural. A mandioca é não só o pão do nosso selvagem, como também a substancia de que tiram diversos vinhos, como o *kavin*, a *maniquera*, o *puchirum* e outros. Sua descoberta foi para elles mais importante do que a do trigo o foi para os aryas.

Se bem que esta lenda pertença mais ao dominio da poesia do que ao da sciencia, eu não posso furtar-me ao desejo de inseril-a aqui, como um especimen curioso do

producto da imaginação de nossos selvagens. Eil-a tal qual me foi referida pela mãe do Sr. coronel Miranda, ex-thesoureiro da thesouraria de fazenda do Pará, senhora respeitavel de cerca de 70 annos de idade, e que reside em Belém. A lenda diz que a mandioca foi descoberta assim :

« Em tempos idos appareceu gravida a filha d'um chefe selvagem, que residia nas immedições do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quiz punir no autor da deshonra de sua filha, a offensa que soffrêra seu orgulho e, para saber quem elle era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, por que ella effectivamente era innocente, e não tinha tido relação com homem. Passados os nove mezes ella deu á luz uma menina lindissima, e branca, causando este ultimo facto a surpresa, não só da tribu, como das nações visinhas, que vieram visitar a creança, para ver aquella nova e desconhecida raça. A creança, que teve o nome de Mani, e que andava e fallava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dôr.

« Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se-a, e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floreceu, e deu fructos. Os passaros que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno, desconhecido dos indios, augmentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal fendeu-se ; cavaram-na e julgaram reconhecer no fructo que encontraram o

corpo de Mani. Comeram-n'ò, e assim aprenderam a usar da mandioca. »

O fructo recebeu o nome de *Mani oca*, que quer dizer : casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca, mas que os francezes conservem ainda sem corrupção.

Esta lenda encerra duas cousas communs á todas as religiões asiaticas : 1.º o attribuir a um deus o ensino do uso do pão : 2.º a concepção sem perder virgindade. Será isto um simples producto da imaginação, será uma lei a que o entendimento humano está sujeito, ou será alguma recordação de velhas crenças asiaticas, conservada confusamente pela tradição oral ? Qualquer d'essas cousas é possível, mas por enquanto não passa de simples conjectura.

NOMENCLATURA DOS DEUSES TUPI'S.

Os deuses superiores, a quem elles attribuem acção geral sobre o mundo são, como já disse : o sol, a lua, e Rudá, ou o Deus do amor, ou da reproducção.

Guaraci, sol. Este Deus creou o homem e os viventes ; preside os destinos do homem, e confiou os destinos dos outros viventes aos seguintes deuses inferiores :

O dos passaros ou *Guirapurú* ; o nome quer dizer, passaro emprestado, ou passaro que não é passaro. Este *Guirapurú* toma a fórma de um passaro que anda sempre rodeado de muitos outros. As superstições populares do Pará, attribuem a tal passaro a virtude de conduzir a casa d'aquelle que possui um d'elles, continuado concurso de gente. Não ha no Pará, no Maranhão e Amazonas, muitos taverneiros que não tenham na soleira da porta enterrado um *Guirapurú*, a quem attribuem a virtude de conduzir freguezes a sua taverna. Um *Guirapurú*, por esse motivo,

custa caro ; eu possuo um morto (não é possível apanhal-o vivo), que custou-me 30% no Pará.

O sol confiou o destino da caça do campo ao *Anhanga*. A palavra *anhanga* quer dizer sombra, espirito. A figura com que as tradições o representam é de um veado branco, com olhos de fogo. Todo aquelle que persegue um animal que amamenta, corre o risco de ver o *Anhanga*, e a sua vista traz febre, e as vezes a loucura.

O destino da caça do mato foi confiado ao *Cahapora*. Representam-n'o como um grande homem, coberto de pellos negros por todo corpo e cara, montado sempre em em um grande porco de dimensões exageradas, tristonho, taciturno, e dando de quando em vez um grito para impeller a vara. Quem o encontra tem a certeza de ficar infeliz, e de ser mal succedido em tudo quanto intente ; d'ahi vem a phrase portugueza : estou cahipora, como synonyma de : estou infeliz, mal succedido no que intento.

A sorte dos peixes foi confiada a *Uauyard*. O animal em que elle se transforma é o boto. Nem um dos seres sobrenaturaes dos indigenas forneceu tantas lendas á poesia americana como o *Uauyard*. Ainda hoje no Pará não ha uma só povoação do interior que não tenha para narrar ao viajante uma serie de historias, ora grotescas e extravagantes, ora melancolicas e ternas, em que elle figura como heroe. O *Uauyard* é um grande amator das nossas indias ; muitas d'ellas attribuem seu primeiro filho a alguma esperteza d'esse deus, que ora as surpreendeu no banho, ora transformou-se na figura de um mortal para seduzil-as ; ora arrebatou-as para debaixo d'agua, onde a infeliz foi forçada a entregar-se a elle. Nas noites de luar no Amazonas, conta o povo do Pará que muitas vezes os lagos se illuminam e que se ouvem as cantigas das festas, e o bate-pé das danças com que o *Uauyard* se diverte.

Os deuses submettidos a *Jacy* ou lua, que é a mãe geral dos vegetaes, são : o *Saci Cerêrê*, o *Mboitátdá*, o *Urutádu*, e o *Curupira*.

O *Saci Cerêrê* é um dos que figura continuamente nas tradições do povo do sul do Imperio. Com tudo, eu as tenho encontrado tão confundidas com as superstições christãs, que não posso comprehender bem qual é a sua missão entre os vegetaes. As tradições representam-n'o com a figura de um pequeno *Tapuio*, manco de um pé, com um barrete vermelho, e com uma ferida em cada Joelho.

O *Mboitátdá* é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendiam ; como a palavra o diz *mboitátdá* é : cobra de fogo ; as tradições figuram-n'a como uma pequena serpente de fogo que de ordinario reside n'agua. As vezes transforma-se em um grosso madeiro em brasa, denominado *méuan*, que faz morrer por combustão aquelle que incendia inutilmente os campos.

Não conheço as tradições relativas ao *Urutáú*, ou *wrutáui* e por isso limito-me a consignar aqui o nome, que significa : ave phantasma, de *urú* e *tdu*.

O *Curupira* é o deus que protege as florestas. As tradições representam-n'o como um pequeno *Tapuio*, com os pés voltados para traz, e sem os orificios necessarios para as secreções indispensaveis á vida, pelo que a gente do Pará diz, que elle é *muçico*. O *Curupira* ou *Currupira*, como nós o chamamos no sul, figura em uma infinidade de lendas, tanto no norte como no sul do Imperio. No Pará, quando se viaja pelos rios e ouve-se alguma pancada longinqua no meio dos bosques, os remeiros dizem que é *Curupira* que está batendo nas sapupemas, a ver se as arvores estão sufficientemente fortes para soffrerem a acção de alguma tempestade que está proxima. A funcção do *Curupira* é proteger as florestas. Todo aquelle que derriba, ou por qualquer

modo estraga inutilmente as arvores, é punido por elle com a pena de errar tempos immensos pelos bosques, sem poder atinar com o caminho da casa, ou meio algum de chegar entre os seus.

A estas duas ordens de deuses, que são subordinados como disse, ao sol e a lua, e que se reputam prepostos á conservação dos viventes, segue-se um outro deus superior, é o *Perudd*, *Ruddá*, ou o deus do amor.

Perudd. As tradições o figuram como um velho guerreiro que viaja nos ventos, ou nos raios da lua, e que reside no fundo dos mares. Sua missão é crear o amor no coração dos homens, despertar-lhes saudades, e fazel-os voltar para a tribu, de suas longas e repetidas peregrinações.

Como os outros deuses, tinha sob suas ordens deuses inferiores, a saber : *Cairé* ou lua cheia, *Catiti* ou lua nova, cuja missão é despertar saudades no amante ausente. Parece que os indios consideravam cada fôrma da lua como um ente distincto.

Ha incontestavelmente propriedade e poesia n'esta concepção da lua nova e lua cheia como fonte e origem de saudades.

A mesma senhora a quem devo a lenda que deixei escripta acima, deu-me a letra e musica das invocações que os *Tupís* faziam a *Perudd* e a seus dois satellites.

Como são curtas, aqui as transcrevo tal qual as ouvi, parecendo-me que, ou a lingua está adulterada, ou é algum fragmento de tupi anterior ás transformações porque já tinha passado a lingua quando nos foi conhecida, porque palavras ha que não entendo.

Estas invocações eram feitas ao pôr do sol ou da lua, e o canto, como quasi todos os dos indios, era pausado, monotonico e melancolico.

A joven india, que se sentia opprimida de saudades pela

ausencia do amante n'aquellas peregrinações continuas em que a caça e a guerra trazia os guerreiros ; a joven india, dizemos, devia dirigir-se a *Rudá*, ao morrer do sol ou ao nascer da lua, e estendendo o braço direito na direcção em que suppunha que o amante devia estar, cantava :

Rudd Rudd,
Euacd pinaté,
Amané saçú ;
Euacd pinaté,
Aiueté cuiam,
Puxiguera che aicó,
Ne manuara ce rece (o nome do amante)
Cuaa caru pupé
Guaracy uapeca irumó.

Como disse acima, as luas cheia e nova que eram, segundo os *Tupts*, cousas distinctas, e seres diversos, constituíam auxiliares de *Rudd*, e tinham invocações semelhantes ás que se cantavam áquelle deus, e para o mesmo fim de trazer os amantes ao lar domestico pelo poder da saudade.

A invocação á lua cheia, era a seguinte :

Cairé, cairé nu,
Manuia danus sanu ;
Ere cy, eru sica (fulano)
Peape amum
Manuara ce rece
Quaa pituna pupé.

O nome da lua cheia era *Cairé*, o da lua nova *Catiti* ; esta tinha sua invocação distincta da que dirigiam á lua cheia, si bem que com o mesmo fim.

A invocação á lua nova é a seguinte.

*Catiti, catiti,
Jamara notia,
Notia tamara,
Epeju (fulano)
Emu manuara,
Ce rece (fulana)
Cucecui che aicó
Che ium epeapora.*

Estes cantos são ainda repetidos nas populações mestiças do interior do Pará, e, como disse, conservo d'elles tambem a musica. (15)

(15) Si bem que não tenha a importancia dos antigos cantos sagrados, a seguinte cançoneta erotica não deixa de ser curiosa. A lingua e rima indicam que o bardo indigena, seu autor, já tinha estado em contacto com a raça conquistadora; esta cançoneta é muito popular entre o povo de Assumpção e Corrientes; e foi o facto de ouvi-la cantar muitas vezes, ao som da viola, (*maracá* como elles chamam) que despertou-me a idéa de conservá-la por escripto:

Ejo mi remaen,
Maenran p'ico?
Ejo tenon.
Aju ma n'ico.

Eguapy nape...
Maenra p'ico?
Eguapy tenon.
Aguapy ma n'ico.

Ehenon nape.
Maenra p'ico?
Enhenon tenon.
Anhenon ma n'ico.

O deus do amor tinha tambem a seu serviço uma serpente, que reconhecia as moças que se conservavam virgens, recebendo d'ellas os presentes que lhe levavam, e devorando as que haviam perdido a virgindade. Os *Tupinambás* do Pará acreditavam que havia d'estas serpentes no lago Juá, pouco acima de Santarém. Quando alguma menina era suspeita de ter perdido a virgindade, seus pais levavam-n'a ao lago, e ahi deixando-a a sós em uma ilha, com os presentes destinados á serpente, retiravam-se para a margem fronteira, e começavam a cantar :

*Arara, araramboia,
Cucecuy meu.*

A serpente começava a boiar e a cantar até avistar a moça, e, ou recebia os presentes, si a moça estava effectivamente virgem, e n'esse caso percorria o lago cantando suavemente, o que fazia adormecer os peixes, e dava lugar a

Che nhuan nape.
Maenra p'ico?
Che nhuan tenon,
Che nhuan ma n'ico.

Epuan nape.
Maenra p'ico?
Epuan tenon.
Apuan ma n'ico.

Te reho nape.
Maenra p'ico?
Te reho tenon.
Aha ma n'ico.

que os viajantes fizessem provisão para a viagem ; ou, no caso contrario, devorava a moça, dandô roncões medonhos.

Aqui, como nas outras lendas, ha um pensamento moral. O fim da lenda era proteger a virgindade, influindo salutarmente no espirito das donzellas indias, pelo terror que lhes devia inspirar a perspectiva de poderem ser devoradas pela serpente, desde que perdessem a virgindade.

CONCLUSÃO

Ha muita cousa de grosseiro na fórma das crenças selvagens.

Tambem as superstições christãs do povo ignorante são grosseiras e extravagantes..

Desde porém que as examinar, pondo de parte os nomes proprios, e procurando descer ás idéas fundamentaes, ficarse-ha sorprendido da notavel e profunda philosophia e poesia que ellas encerram.

Tempo houve em que, graças aos esforços do Instituto Historico, a litteratura nacional manifestou a salutar tendencia de estudar estes assumptos. Os cantos de Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, alguns romances de José de Alencar, composições mais antigas de José Bazilio e Santa Rita Durão, são um lindo collar de perolas que nossa geração legará á posteridade.

Posteriormente, alguns homens orgulhosos se bem que notaveis por seu talento, e á sua frente João Francisco Lisboa, promoveram a reacção. Elles que nada conheciam da lingua, e que portanto nada podiam conhecer da indole do selvagem, porque o que está escripto é falso como mostrei, procuraram lançar o ridiculo sobre estas bellas tradições da

velha America. Como não haviam estudos serios e profundos de philologia, a reacção ganhou a victoria. (16)

Os jovens talentos, em vez de haurir nas tradições indigenas exemplos tão frequentes n'ella de dedicação levada ao heroismo, amor da patria, desprezo da vida, e energia de character, exemplos estes proprios para inspirar virilidade á uma nação que começa, foram buscar na litteratura franceza os modelos molherengos de seus heroes afeminados.

Mas todas essas composições hão de passar. E' na natureza estudada por observação propria, que se inspira a grande arte, e nossos selvagens ministram soberbos typos.

Oxalá renasça o gosto por estudos, que em tão má hora, foram cobertos de desprestigio por quem já não tinha a força para fazel-os.

Pelo que ficou escripto, o leitor terá visto que o selvagem do Brasil não é uma raça sómenos e incapaz de grandes aperfeiçoamentos moraes. Si me fóra dado entrar agora em outra ordem de considerações, eu demonstraria que os mestiços do indio e branco constituem raça energica e que mais iniciativa possui no Imperio. Entre nossos homens illustres, alguns dos quaes mais se distinguiram pela for-

(16) Em uma tão espirituosa quão benevola critica a estes artigos, devida á elegante penna de Joaquim Serra, e publicada na Reforma, nota-se que: tendo estranhado a guerra feita pelo nosso illustre Lisboa ao estudo dos assumptos indigenas, me callasse a respeito das opiniões prégadas no seio do proprio Instituto Historico por um dos seus membros o Sr. barão de Porto Seguro, segundo o qual o meio de catechisar indios é reduzil-os á escravidão, ou matal-os.

Eu não tenho conhecimento d'esse escripto, e que tivesse, o Institut o Historico, como associação litteraria, não tem meio algum para precaver-se contra uma ou outra doutrina extravagante, adoptada por qualquer de seus membros, em quanto ella não é abraçada pela associação, e esta a não prapaga em seus escriptos.

taleza de seu character, pela virtude da perseverança, que não é muito vulgar entre nós, foram mestiços. Citarei entre outros o padre Diogo Antonio Feijó. Contra o presupposto de que os indios fallam uma gyria sem leis nem regras ; de que não têm idéas moraes, sentimento de religião ; de que são indolentes e preguiçosos, protestam : a bella lingua tupí, suas admiraveis instituições de familia, suas tradições e crenças religiosas, sua extrema actividade na pesca, na caça e na guerra, unicos trabalhos cuja utilidade comprehendem. Não trabalham nas cousas em que nós trabalhamos, porque nem foram habituados a isso, nem sentem as nossas necessidades.

Sobrios, bons, dedicados até o heroismo, alguns os chamam de traiçoeiros e falsos, porque quasi sempre elles, sendo victimas de traições e falsidades que praticamos, abusando de nossa posição de raça conquistadora, damo-lhes razão de sobra para reagirem contra nós ; e si reagem com hypocrisia é porque essa é a arma do fraco.

E' uma grande raça, repito. Temos muito a ganhar pondo-nos em contacto com ella pelo orgão indispensavel do co-

Se é certo que um membro do Instituto sustenta a barbara opinião, de que a raça selvagem do Brasil deve ser exterminada á ferro e fogo, não é menos certo que tal opinião é singular; e que todos os esforços da associação hão sido dirigidos até o presente no sentido de estudal-a ; é esse o primeiro passo para assimilar-a á nossa sociedade.

A *Revista do Instituto* é prova disso, e tambem a sua bibliotheca, unica talvez no mundo que encerra manuscriptos e publicações, rarisimas hoje, respeito ás linguas indigenas. Este ultimo topico está desenvolvido convenientemente na parte d'esta memoria em que eu trato da collecção de escriptos preciosos, relativos ás antigas linguas sul-americanas ; collecção que é hoje uma das mais raras do mundo, e sobre a qual a curiosidade dos modernos linguistas se tem geralmente despertado, desde que se começou a suspeitar que o guarani ou tupí é lingua mais antiga do que o sanscrito.

nhecimento de sua lingua ; por muitos annos os indios hão de ser os precursores da raça branca em nossos sertões, e nem Deus promoveria a grande fusão de sangue, que se está operando lentamente n'esse cadinho immenso do Brasil, si com isso não tivesse em vista a realisação d'um d'esses grandes designios que marcam as epochas notaveis da historia.

Appendice

MOSTRANDO QUAL É A POSIÇÃO DO INDIO EM PRESENÇA DA
RAÇA CONQUISTADORA

(CARTA A JOAQUIM SERRA)

Mais de uma vez, nas palestras do Club da *Reforma*, V. e alguns dos illustres membros da redacção d'esse jornal chasquearam a propósito de meus estudos de linguas e antiguidades indigenas :

Apezar dos edificantes commentarios que V. tantas vezes fez sobre este assumpto, eu vou publicar a memoria, que sobre anthropologia nacional, acabo de ler no Instituto Historico.

— Como é que um homem pratico se occupa em taes cousas ?

Como essa pergunta será feita por muita gente que se suppõe com mais juizo do que eu, aqui vai a resposta, a qual servirá de desculpa a esta publicação.

Em primeiro lugar, não ha estudo algum por mais abstracto que pareça, o qual, cedo ou tarde, não traga seus fructos praticos.

Em segundo lugar, se é util estudar, descrever e classificar até a mais miseravel planta de nossos campos, ver o mais rude e pobre mineral de nossos montes; muito mais nobre e util é estudar, descrever e classificar o homem americano, e vou proval-o.

Em nossa situação de raça conquistadora, nós que tomamos o solo a esses infelizes, e que os vamos dia a dia apertando mais para os sertões, temos o dever, como christãos, de arrancal-os da barbaria sanguinolenta em que vivem, para trazel-os á communhão do trabalho e da sociedade em que

vivemos. E é mais nobre empenhar trabalho e esforço para conseguir isso, do que para descrever plantas ou mineraes.

Não é só nobre, é tambem nimiamente util.

Por muitos seculos ainda a raça mestiça do branco e do indigena, ha de ser a precursora do branco nos sertões do interior.

Não serão europêos, importados á não sei quantos por ca-beça, que hão de começar a povoação das terras virgens.

Ha de ser, como tem sido até aqui, o indio ou o mestiço, seu descendente.

Um distincto estadista brasileiro, fazendo o calculo das despezas que temos feito com colonisação, chegou ao resultado de que cada colono aproveitado, nos têm custado cerca de um conto de reis. Digo *aproveitado*, para entender-se o que fica, deduzidos os que morrem antes de acclimatar-se, os que voltam; os cujas passagens pagamos e que aqui não chegam, aos quaes podiamos bem ajuntar os vadios, que não trabalham, ou que exercem industrias de pouca utilidade, como: engraxar botas, tocar realejo, ou vender bebidas espirituosas.

Aquelles que estimam em menos a população selvagem do Brasil, dizem que nós possuímos quinhentos mil indios.

Eu creio que possuímos mais de um milhão. Mas contemos só os quinhentos mil, os quaes, se é exacto o calculo á que eu alludi acima, valem quinhentos mil contos. Ora, quinhentos mil contos é a renda do Brasil durante 5 annos. Para adquirir de fóra uma população igual á dos selvagens, que já estão em nossa terra, serão necessarias despezas por espaço de muito centos de annos.

Isto mostra, que o indio é um thesouro de immensa valia para nós, que, mais do que nenhum outro povo do mundo, temos sertões a povoar, e terras que não poderão jamais ser occupadas pela raça branca sem primeiramente serem desbravadas por uma outra raça, menos sujeita ás influencias deleterias dos climas intertropicaes, e capaz de viver fartamente com um pouco de cultura, caça e pesca n'aquelles mesmos lugares em que os brancos morreriam á mingoa.

Mas, dizem, o indio é preguiçoso, estúpido, bebado, traiçoeiro e máo.

Coitados! elles não têm historiadores; os que lhes escre-

vem a historia ou são aquelles que, á pretexto de religião e civilisação, querem viver á custa de seu suor, reduzir suas mulheres e filhas á concubinas; ou são os que os encontram degradados por um systema de catechese, que, com mui raras e honrosas excepções, é inspirada pelos moveis de ganancia ou da libertinagem hypocrita, e que dá em resultado uma especie de escravidão que, fosse qual fosse a raça, havia forçosamente de produzir a preguiça, a ignorancia, a embriaguez, a devassidão, e mais vicios que infelizmente acompanham o homem quando se degrada.

Os escravos dos gregos e romanos eram de raça branca, e não sei que a historia tenha conservado noticia de gente peor.

Qual é o meio de catechisar convenientemente o indio ?

E' ensinar em cada tribu alguns meninos a ler e a escrever, conservando-lhes o conhecimento da lingua materna, e sobre tudo: não aldêar e nem pretender governar a tribu selvagem.

Deixemol-os com seus costumes, sua alimentação, seu modo de vida. A mudança mais rapida é aquella que só pôde ser operada com o tempo, e no decurso de mais de uma geração, pela substituição gradual das idéas e necessidades, que elles possuem no estado barbaro, em comparação com as que hão de ter desde que se civilisem. Limitemo nos a ensinar-lhes que não devem matar aos de outras tribus. E' a unica cousa em que elles divergem essencialmente de nós.

Quanto ao mais, seus costumes, suas idéas moraes, sua familia, seu genero de trabalho para alimentar-se, são muito preferiveis, no estado de barbaria em que elles se acham, aos nossos costumes que elles repellem emquanto podem, e aos quaes se não sujeitam senão quando, enfraquecidos por continuas guerras, se vêm entregar a nós para evitar a morte e a destruição.

Cada tribu que nós aldêamos é uma tribu que degradamos, é a que por fim destruimos, com as melhores intenções, e gastando o nosso dinheiro.

Por jue razão sustental-os ou obrigal-os a fazer roça a pretexto de que só assim perdem os habitos da vida nomade,

quando elles se sustentam perfeitamente bem, sem ter taes roças ?

Não entrará pelos olhos á dentro de todo homem de bom senso que: reduzir á vida sedentária homens que não têm as artes necessarias para subsistir n'ella, ou equivale a destruil-os á custa de fome e privações, ou equivale a fazer pensar sobre nós o encargo de sustental-os ?

Mas, dir-se-ha, os indios aldêados aprenderão logo a cultivar a terra, e poderão viver á sua custa e felizes.

Se a natureza moral de um povo fosse como uma tira de papel, onde se escreve quanto nos vem á cabeça, então seria tão facil mudar-lhes os costumes, como é facil escrever.

Feliz ou infelizmente não é assim. Esses costumes rudes são mais tenazes do que os de um povo civilisado; entrelaçam-se com seus sentimentos, suas necessidades, e até com suas crenças e superstições religiosas. O mais rudimental conhecimento da natureza faz ver, que é impossivel alterar essas cousas sem o decurso de algumas gerações, e por outro meio que não seja a educação do menino, especial e dirigida para esse fim, e com vistas de reduzil-o a interprete que sirva de laço entre o indio e o christão.

Aldêar o indio em um ponto, é obrigar-o a cultivar a terra para obter um sustento de que elle não necessita; é um peccado contra o senso commum, e d'esses que bradam aos céos.

O indio sustenta-se quasi exclusivamente de carne e peixe. Desde a lagartixa até a anta, a onça e o jacaré; desde o caramujo e a ostra até o pirarucú e o peixe-boi, tudo lhe é carne ou peixe, e lhe serve de alimento, bom e sadio, e elle o prova com a sua robustez, e com o grande numero de annos a que attinge antes de lhe vir a decrepitude.

Notarei para que se não faça idéa erronea de sua hygiene alimentar, pelo que acabo de dizer, que, ao passo que elles se alimentam de muitos animaes, que não comeríamos sem grande rupugnancia, não comem muitos dos que nós comemos; exemplo: a pirahiba, grande parte dos peixes de pelle, o peixe boi, aves e passaros em certas épocas do anno, por serem nocivos á saude.

Diziamos porem, que os indios se alimentam quasi exclusivamente de peixe e carne, e que á vista de seus costumes,

elles têm na vida que levam um amplo celleiro d'esses alimentos, com pouco ou quasi nenhum trabalho.

Diziamos que aldêa-lôs, e por conseguinte sujeital-os á vida sedentaria e a cultivar a terra que lhes dará um alimento de que elles não usam, e que é realmente inferior, constituia um crime de lesa senso commum. Vou tornar este pensamento bem claro, figurando um exemplo: Supponhamos que alguém nos viesse fazer a seguinte proposta: «Proponho que os brasileiros, em vez de comerem carne de vacca, feijão e arroz, se alimentem de lagartixas e jacarés, o que lhes custará muito mais caro ou muito maior trabalho.»

Creio que concordarás que não seria facil sujeitar-nos a isso. Sem palmatoadas, tronco e jejum, seria muito pouco provavel que aceitassemos a proposta. Depois de acetal-a a poder de pancada, jejum e tronco, é muito natural que cada um de nós fosse rebelde, e executasse o serviço de apanhar lagartixas para comer, com muito má vontade.

Pois bem; é isso justamente o que succede ao indio que aldêamos. Exigimos que elle trabalhe para ter um sustento que repelle; tanto como nós repelliriamos o jacaré e a lagartixa; privamol-o de alimentos que preferê, e que elle teria quasi sem trabalho, continuando no genero de vida semi-nomade que lhe é natural. Como isto é contra seus costumes, não é possivel conseguil-o sem castigos; castiguemol-os, e, depois de degradal-os, dizemos: são preguiçosos, estupidos e máos!

Não fôra muito mais util, e ao mesmo tempo muito mais christão, aprendêr a sua lingua, para poder ensinar-lhes a nossa, e não aldêal-os, porque o aldêamento traz como consequencia forçada isso que venho de referir, e que o simples bom senso convencerá a qualquer pessoa que queira reflectir sobre o assumpto?

Toda tentativa para civilisar indios, que não se assente sobre a base de fazer com que elles comprehendam as vantagens de nossa civilisação, o que só se pôde conseguir gradualmente, e o ponto de partida é o ensino da lingua, tudo que não fôr isto, como disse, e não me pejo de repetil-o, é um attentado contra o senso commum.

Mas como ensinar-lhes a lingua?

Pela mesma fôrma porque o fizeram os jesuitas, isto é: começando por aprender a lingua d'elles, e creando meninos

a quem obrigavam a fallar o tupi, para se não esquecerem. Estes meninos, quando chegavam a ser homens, eram escolas vivas, porque, possuindo igualmente bem as duas linguas, eram o elo indispensavel para approximar as duas raças.

Os jesuitas antigos começavam por aprender a lingua dos selvagens. Homens de bom senso antes de tudo, comprehenderam que elles, que sabiam ler e escrever, que possuíam habitos de estudo, deviam primeiro aprender a lingua dos selvagens antes de exigir que o selvagem aprendesse a nossa. Si os modernos jesuitas fizessem isso haviam de gozar do respeito e estima de que gozavam os antigos.

Nada ha que o grande apostolo S. Paulo tenha aconselhado com mais energia do que a conversão dos gentios.

De aprender linguas selvagens, que é o primeiro passo para cumprir esse preceito, não me consta que nem um se occupe; duvido mesmo que haja um só que saiba o nome dos livros onde se pôde adquirir esse conhecimento.

Deixemos porém isso de parte :

Dizia eu, que os jesuitas antigos seguiam o methodo de aprender as linguas selvagens, para poder ensinar aos meninos indios o portuguez. Sem o conhecimento de duas linguas é impossivel ensinar uma.

Vai para tres annos que o governo entendeu que me devia nomear chefe de um serviço de catechese.

Desde que eu aceitei o encargo fiquei na obrigação de empregar os esforços necessarios para bem desempenhal-o, sobre tudo quando tal encargo, era e é gratuito.

Eis-ahi a razão pela qual me dediquei e continuarei a dedicar-me ao estudo das linguas selvagens, e ao de assumptos relativos aos indios. Ha brasileiros que conhecem e estudam entre nós o hebreu, o'arabe e o sanscrito. E', pois, natural que hajam alguns que se dediquem ao estudo das curiosas e ricas linguas dos selvagens da sua terra, estudo a que se prende, como mestrei, a solução de um problema importante.

Nossos homens de talento e que se sentem com vocação para este ramo de conhecimento, deviam estudar o tupi de preferencia a qualquer lingua da Asia, e se eu detive-me tanto n'este assumpto, foi com o fim de vêr se, apontando vantagens praticas para o paiz, obtenho que alguns comecem a dedicar-se a este assumpto.

INDICE

	PAG.
I	
O GRANDE SERTÃO INTERIOR. — A região dos selvagens. Diversos roteiros para ir da foz do Rio da Prata á do Amazonas pelo interior. A região do Prata A região do divisor das aguas. A região do Amazonas.....	3
II	
O HOMEM AMERICANO. — Aparecimento do homem na terra. Periodo em que aparece na America o tronco vermelho. Cruzamentos pre-historicos com os brancos. Avaliação de qual era o estado das industrias selvagens pelos usos que faziam do fogo.....	34
III	
O HOMEM NO BRASIL. — Periodo em que se deu a primeira emigração para o Brasil ; avaliado pela falta de instrumentos de pedra lascada. — Periodo pastoril. — Ausencia de monumentos. — Periodo geologico em que se encontram vestigios humanos no Brasil.....	51
IV	
LINGUAS. — Classificação das tribus pelas linguas. Classificação morphologica das linguas americanas no grupo das turanas. Classificação segundo a estructura interna das linguas em dois grupos. Grupo das Aryanas. Grupo das linguas Tupís e sua extensão. Indole das linguas d'este grupo. Bibliographia do Tupí, e do Quichua.....	65
V	
RAÇAS SELVAGENS. — Raça primitiva. Raças mestiças antigas. Cruzamentos recentes. Raças mestiças, (Gaúcho, Caepira, Caburé, Tapuio) como elemento de trabalho. Plano de Catechese. Resultados provaveis dos cruzamentos actuaes na futura população do Brasil.....	87

VI

FAMÍLIA E RELIGIÃO SELVAGEM. — Elementos moraes para classificação: família, monogamia, polygamia e relações do homem com a mulher, entre os selvagens do Brasil. Religião selvagem. Instincto religioso. Idéa de Deus. Systema geral da theogonia tupí. Sentimento de gratidão para com o creador. Immortalidade da alma. Transfigurações. Lenda sobre Mani, que concebe em estado de virgindade. Nomenclatura dos deuses selvagens. Conclusão.....	117
APPENDICE, mostrando qual é a posição do indio em presença da raça conquistadora. (Carta a Joaquim Serra).....	153



